

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

WILLIAN SARTOR PREVE

**NAS TRAMAS DA GLOBALIZAÇÃO: CARTOGRAFIAS DE UM PROCESSO
EDUCACIONAL**

**FLORIANÓPOLIS
2022**

WILLIAN SARTOR PREVE

**NAS TRAMAS DA GLOBALIZAÇÃO: CARTOGRAFIAS DE UM PROCESSO
EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, linha de pesquisa Políticas Educacionais, Ensino e Formação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula Nunes Chaves

FLORIANÓPOLIS
2022

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Preve, Willian Sartor
Nas tramas da globalização : cartografias de um processo
educacional / Willian Sartor Preve. -- 2022.
97 p.

Orientadora: Ana Paula Nunes Chaves
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2022.

1. Processos Educacionais. 2. Oficina. 3. Cartografias. 4.
Educação Geográfica. 5. Globalização. I. Chaves, Ana Paula Nunes.
II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências
Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
III. Título.

WILLIAN SARTOR PREVE

**NAS TRAMAS DA GLOBALIZAÇÃO: CARTOGRAFIAS DE UM PROCESSO
EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, linha de pesquisa Políticas Educacionais, Ensino e Formação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula Nunes Chaves

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Dra. Ana Paula Nunes Chaves
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membros:

Presidente: Dra. Ademilde Silveira Sartori
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Dra. Gisele Girardi
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Dr. Guilherme Carlos Corrêa
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

FLORIANÓPOLIS, 23 de Agosto de 2022.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos que acreditaram neste trabalho desde o início e que forneceram possibilidades concretas para a sua realização.

À minha orientadora, Ana Paula Nunes Chaves, pela oportunidade, confiança e compreensão durante a pesquisa.

Aos professores membros da banca, pela leitura cuidadosa deste material, pelos convites para fazer oficinas e pelo apontamento de caminhos para a finalização da pesquisa.

À Ana Preve, pelos convites de oficinas, pelas questões que fez sobre o trabalho e pela disciplina de Cartografias Intensivas em Educação que muito contribui para a pesquisa, e agradeço também à minha tia, pelo carinho e apoio.

À Ana Godoy, pela escuta atenta e por me auxiliar a compreender a escrita de outra forma.

Aos meus pais, pelo amor, apoio e compreensão durante os momentos mais difíceis deste percurso.

Aos amigos e participantes das oficinas dos diversos locais do país, pelas sugestões e questões que me fizeram nos encontros em que estivemos juntos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da bolsa de estudos, permitindo-me dedicação integral ao Mestrado.

As questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 9).

RESUMO

O trabalho trata de uma pesquisa com oficinas sobre globalização com enfoque nos processos educacionais. Com base no trabalho de Guilherme Corrêa, entendemos por oficina uma modalidade em educação que tem como alguns de seus princípios a dialogicidade e o caráter não disciplinar do saber, levando também em consideração o interesse do proponente e dos participantes em conhecer determinado tema. No que tange aos aspectos processuais discutidos neste trabalho, o conceito de *coisa* elaborado por Tim Ingold enfatiza os processos de formação e os movimentos, em detrimento do produto final e das formas já dadas a priori. Além disso, a processualidade está presente na obra de Doreen Massey, sobretudo ao discutir o caráter relacional do espaço – como o resultado do encontro de trajetórias, e a noção de globalização. Nesse sentido, considerando a globalização como responsável pelo aumento dos fluxos em escala planetária e por uma reconfiguração do espaço, a problemática deste trabalho é discutir as possibilidades de cartografar as trajetórias dos humanos e das *coisas* ao longo de seus processos de transformação. Assim, a presente dissertação tem como objetivo acompanhar os movimentos e as transformações dessa questão de interesse do pesquisador a partir de uma prática de pesquisa realizada com oficinas sobre globalização. Para tal fim, elaboramos e desenvolvemos oficinas cujo intuito foi o de seguir as trajetórias de um material simples, o algodão, em seu percurso até se transformar em roupas. Contudo, ao longo da pesquisa, principalmente nos encontros proporcionados pelas oficinas, percebemos modificações na questão de partida. Os resultados produzidos extrapolaram o âmbito de uma cartografia das trajetórias do algodão, fazendo-nos pensar na possibilidade de praticar uma pesquisa cartográfica que não se restringe ao cumprimento de aspectos protocolares e técnicos, mas que acolhe as variações do meio e compõe um movimento com ele, acompanhando os processos.

Palavras-chave: Processos Educacionais; Oficina; Cartografias; Educação Geográfica; Globalização.

ABSTRACT

This work is about a research with workshops on globalization with a focus on educational processes. Based on the work of Guilherme Corrêa, we understand workshop as a modality in education that has some of its principles the dialogicity and the non-disciplinary character of knowledge, also taking into consideration the interest of the proponent and the participants in knowing a certain theme. Regarding the processuality discussed in this work, the concept of *thing* elaborated by Tim Ingold emphasizes the formation processes and the movements, in detriment of the final product and the forms already given a priori. Moreover, the processuality is present in Doreen Massey's work, especially when discussing the relational character of space – as the result of the meeting of trajectories, and the concept of globalization. In this sense, considering globalization as responsible for the increase of flows on a planetary scale and for a reconfiguration of space, the problematic of this work is to discuss the possibilities of mapping the trajectories of humans and *things* along their transformation processes. Thus, this work aims to follow the movements and transformations of this issue of interest from a research practice carried out with workshops on globalization. To this end, we created workshops with the purpose to follow the trajectories of a simple material, cotton, on its way to becoming clothes. However, throughout the research, especially in the meetings provided by the workshops, we noticed changes in the starting question. The results produced went beyond the scope of a cartography of the trajectories of cotton, making us think about the possibility of practicing a cartographic research that is not restricted to the fulfillment of protocol and technical aspects, but that welcomes the variations of the medium and composes a movement with it, following the processes.

Keywords: Educational Processes; Workshop; Cartographies; Education in Geography; Globalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Uma imagem associada à globalização	11
Figura 2 – Captura de tela do arquivo contendo o manual de instruções	56
Figura 3 – Captura de tela do arquivo contendo o novo manual de instruções	70
Figura 4 – Os restos de um processo	72
Figura 5 – Os pacotes elaborados para a oficina presencial	76

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 TRAJETÓRIAS, MOVIMENTO E COMPOSIÇÃO: A PROCESSUALIDADE EM UMA PESQUISA	23
Oficina: um pequeno barco navegando no mar	27
<i>Tudo é resultado ou onda: o surfe e a noção de composição na pesquisa</i>	29
O desejo pela aventura e pelo desconhecido: uma atitude do pesquisador	30
As coisas e os processos: acompanhando a matéria	33
Uma vida que se recusa à contenção: em favor da noção de “coisa” em Tim Ingold	34
3 OFICINA: OLHANDO PARA OS PROCESSOS	38
Pensando a roupa como uma ‘coisa’	41
A informação que não satisfaz	49
4 MOVIMENTANDO UMA OFICINA: “NAS TRAMAS DA GLOBALIZAÇÃO”	54
Há pessoas interessadas do Pará a Santa Catarina! A primeira oficina online	57
Silêncio e interesse: quando participar não vale pontinhos	59
Interessa saber de onde as coisas vêm?	60
O espaço é redutível à distância?	63
5 MOVIMENTANDO UMA OFICINA: “DA LAVOURA PARA ONDE?”	68
Nunca fazemos oficinas sozinhos	68
Assegurando a realização das oficinas	71
Obrigações e inseguranças: os atravessamentos em uma oficina	74
Cada um surfa sua onda: a primeira oficina presencial	75
Na lavoura: seguindo os movimentos de uma questão	78
Para onde? Os processos continuam	81
Cada oficina é única: pensando os materiais	83
Quando tomar para si uma pergunta?	85
O que é preciso para haver interesse?	87
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas tramas da globalização: cartografias de um processo educacional é um trabalho de pesquisa com oficinas sobre globalização, cujo enfoque está nos processos educacionais. Trata-se de uma pesquisa que se dá a partir de minha trajetória com um tema de interesse, a globalização. Desde as primeiras oficinas sobre esse tema, ainda durante a graduação em geografia, até as oficinas desenvolvidas no presente trabalho, ocorreu um processo de transformação das questões de pesquisa. Novas perguntas para um mesmo tema, novas perguntas para um tema que não se esgotou.

Realizar uma oficina requer o estudo prévio e a elaboração de estratégias para que uma questão de interesse do pesquisador encontre outras pessoas. É preciso inventar maneiras de dizer sobre o que estudamos. Conforme desenvolvemos oficinas, o estudo e a elaboração dessas estratégias continua. Algumas dessas estratégias mudam ao longo do tempo e inclusive as questões das oficinas podem mudar. O processo continua.

Dentre os autores que selecionei para compor esta dissertação, há educadores, filósofos, geógrafos, mas também cineastas e um navegador. O interesse na processualidade das coisas é um dos principais elos que os une neste trabalho. Um destes filósofos, Bruno Latour (2017), em uma expedição de estudo no norte do Brasil, relata sua preocupação em acompanhar as mudanças pelas quais as amostras de solo extraídas da floresta Amazônica passam até se transformarem em texto científico. Em outras palavras, Bruno Latour se pergunta: por quais processos esse solo passa até se tornar texto?

A noção de processo também está presente no trabalho da geógrafa Doreen Massey (2012), ao mostrar que a maneira pela qual pensamos o espaço influencia nossos entendimentos sobre o mundo e sobre a globalização, por exemplo. Ela afirma que o espaço é resultado de inter-relações, desde as relações em escala global até as de caráter local. O espaço é condição de possibilidade para a coexistência de distintas trajetórias. Além disso, o espaço é processual e está em contínua modificação e transformação.

Já com o filósofo e antropólogo Tim Ingold (2012), a noção de processo está associada a um outro conceito desenvolvido por ele, o de “coisa”. Para Ingold, ao invés de pensarmos em um mundo repleto de objetos, definidos assim por suas formas já consolidadas, com superfícies fechadas, podemos pensar num mundo de coisas. A coisa, para o autor, é processual e está sempre em movimento. Até mesmo uma rocha é uma coisa, pois apesar de parecer congelada em suas formas atuais, e fixa espacialmente, está em movimento e transformação – basta pensarmos no processo de erosão a que está submetida.

Com o cineasta Werner Herzog¹, na sua viagem para uma estação de pesquisa no continente antártico, a processualidade se expressa na sua vontade de querer saber como as pessoas que vivem nessa base de pesquisa vieram parar ali. Quais eram suas histórias e seus sonhos? Ele se pergunta, no filme, o porquê de as pessoas se arriscarem em expedições de exploração, tais como as de Roald Amundsen e Ernest Shackleton, em direção ao continente antártico. Parece haver um desejo em direção ao desconhecido e, também, uma vontade de estar em contato direto com o mundo, experimentando suas intensidades.

Há processo, portanto, em todo o trabalho. Há viagem processo, há coisa processo, espaço processo, oficina processo e pesquisa processo. Além disso, há o processo de desenvolvimento da oficina *Nas tramas da globalização* e que, ao longo do percurso, desdobrarse na oficina *Da lavoura para onde? As trajetórias das roupas na globalização*. Havia uma questão proposta para as oficinas que se alterou no decorrer do trabalho. Essa mudança de questão implicou novos estudos e novas estratégias para dizer sobre o tema. Porém, antes de discutir essas mudanças em curso, apresento minhas primeiras aproximações com a globalização, na tentativa de mostrar a trajetória desde a iniciação científica até a presente pesquisa.

A globalização como tema de interesse: uma trajetória de pesquisa

Figura 1- Uma imagem associada à globalização



Fonte: adaptado de Lucci, Branco e Mendonça (2013, p. 71). Imagem criada por Felix Pharand.

¹ Especificamente no filme *Encontros no fim do mundo* (2007).

Minha primeira aproximação com a globalização ocorreu durante a graduação em geografia, mais especificamente quando participei como bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa intitulado *O que pode a cartografia e a geografia? Investigações e invenções em educação*². Nesse projeto de pesquisa, o qual abrangia diversas frentes de investigação, fui orientado, dentre outras proposições próprias do projeto, a escolher um tema que fosse de meu interesse para iniciar um processo de pesquisa em educação e geografia. Na época, estava engajado na leitura de livros e textos sobre a globalização, tal como *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, do geógrafo brasileiro Milton Santos (2015). Cursava a disciplina de Geografia Econômica e, no espaço disponibilizado por esse curso, estudávamos as mudanças ocorridas no sistema capitalista nas últimas décadas e como isso era perceptível no espaço e na vida das pessoas.

Durante as saídas de campo, víamos como muitas indústrias vieram à falência e como outras precisaram se reestruturar para continuar existindo nos novos tempos. Acirrava-se, então, a concorrência entre produtos importados e produtos brasileiros, pois muitas vezes aqueles tinham preços menores. Visitamos alguns portos de Santa Catarina e vimos neles coisas que partiam e coisas que chegavam. Estava curioso em saber como era composta a carga dos navios, o que eles carregavam, de onde vinham as coisas que iriam embarcar nos navios e para onde iriam. Ficava imaginando o porto como sendo apenas um ponto de passagem para coisas, um local onde os fluxos se concentram, pois nada que desembarcasse pararia por ali. Cada coisa transportada pelo navio era o resultado do envolvimento de muitas pessoas ao redor do planeta. Pensava na amplitude dessas relações, na distância espacial entre elas.

Enfim, a resposta dada àquela solicitação de um tema de meu interesse foi a globalização. Esse tema estava conectado à minha vida, ao que havia estudado e experimentado até então. Assim, iniciei o processo de pesquisa em educação e geografia com a leitura de *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*, de Doreen Massey (2012). Ler esse livro foi um acontecimento de importância na minha pesquisa, foi responsável por ampliar noções sobre a geografia.

Concomitantemente à leitura desse livro, estudei os conceitos de globalização presentes em alguns livros didáticos de geografia destinados ao Ensino Médio. Nesses livros, interessava-me saber quais imagens circulavam associadas à globalização, também queria saber se havia semelhança entre essas imagens com as imagens que os professores de escolas de educação básica utilizavam em sala de aula. Por isso, além da pesquisa bibliográfica, conversei com

² Projeto de pesquisa sob orientação da professora Dra. Ana Maria Hoepers Preve.

alguns professores de geografia de escolas públicas de Florianópolis para tentar saber quais imagens surgiriam³.

Essa investigação apontou, basicamente, para a existência de dois estereótipos sobre globalização: um é a imagem das principais rotas de transporte pelo globo (Figura 1) e outro é a imagem contendo os logotipos das transnacionais recobrindo o globo terrestre. Mas também existiam outras imagens muito semelhantes a essas, como, por exemplo, o mapa dos cabos submarinos para a conexão com a internet. Imagens que mostravam um mundo conectado, feito de fluxos, coberto por um emaranhado de linhas desses movimentos.

Em um segundo momento, a pesquisa envolveu outras pessoas interessadas no tema. Foi quando passei a elaborar estratégias para falar sobre a globalização e sobre essas imagens. Interessava-me saber o que iria acontecer se deslocássemos as imagens da globalização, que eu havia pesquisado nos livros, de seu contexto didático. Se, no livro didático, a imagem pode vir como ilustração do texto escrito, sendo complementada por título e legenda, essa espécie de moldura, o que aconteceria se retirássemos o texto que as acompanha? E se também deslocássemos essas imagens para outros contextos que não só os estritamente escolares? A partir dessas inquietações, realizei minhas primeiras oficinas.

A estratégia elaborada foi a de deslocar tais imagens, retirando suas molduras, para contextos diferentes: alunos de uma escola básica, pacientes internos de um hospital de custódia e tratamento psiquiátrico e alguns idosos. A oficina iniciava com uma pergunta que deveria ser respondida para cada uma das imagens vistas durante aquele encontro, sendo que os participantes não sabiam de onde vinham tais imagens. A pergunta disparadora foi *O que você vê quando olha para essa imagem?* e produziu respostas muito variadas a depender da imagem e, sobretudo, do contexto para onde foram deslocadas⁴.

Do universo de respostas, houve uma maior captura pelo tema da globalização na escola, ainda que os alunos participantes não soubessem inicialmente que se tratava de uma oficina sobre globalização. Já com idosos e com internos do hospital as respostas fugiram, na maioria das vezes, ao tema ao qual essas imagens eram associadas nos livros didáticos. Alguns disseram ver na imagem das principais rotas de transporte pelo planeta (Figura 1), raios e fenômenos atmosféricos, assim como, também, uma rede de pesca lançada ao mar.

³ Os primeiros resultados produzidos por essa pesquisa foram publicados no artigo *Imagens da globalização em livros didáticos de geografia: imagens que podem mais* (PREVE, W.; PREVE, A. 2017).

⁴ Acerca dessas oficinas com as imagens da globalização, ver o artigo “*Uma rede jogada no mar*”: *experiências com imagens da globalização* (PREVE, W.; PREVE, A. 2020).

Ainda instigado pelo desenvolvimento desta pesquisa, em meu trabalho de conclusão de curso em geografia, continuo analisando os resultados produzidos no encontro com esses grupos. Minha preocupação, no entanto, foi a de analisar as imaginações geográficas da globalização implícitas nessas respostas. Pude perceber que a globalização foi pensada como um processo movido pelas transformações tecnológicas, e que as empresas transnacionais são as protagonistas. Além disso, diversas respostas mencionavam que o mundo em que vivemos estaria completamente conectado⁵.

Assim, a imagem dos emaranhados de linhas permanece como elo entre essa primeira investigação e a presente pesquisa de mestrado. É uma imagem possível da globalização. Esse emaranhado de linhas diz dos movimentos e fluxos que ocorrem no planeta. Cada pessoa e cada coisa que existe percorre trajetórias e faz um movimento no mundo e esses movimentos são linhas que podemos dispor nos mapas.

Essa imagem dos emaranhados e dos fluxos também permanece nesta pesquisa por outro motivo. Segundo Doreen Massey (2012), há uma narrativa sobre a globalização veiculada pela mídia, por discursos de políticos e de economistas, que evoca a imagem de um mundo de mobilidade livre e sem impedimentos. Nesse mundo de fluxos, a expansão do mercado e as implicações da utilização de novas tecnologias são colocados fora do âmbito dos questionamentos políticos. É ao mercado e às novas tecnologias que essa narrativa da globalização se refere ao falar de mobilidade livre e de espaço sem barreiras.

Quanto à procedência do termo globalização, o economista François Chesnais (1996) mostra que o surgimento deste termo ocorreu em escolas de administração de empresas americanas, durante a década de 1980. Esse conceito se refere, de modo geral, a atual fase de internacionalização do capitalismo. Apesar de esse processo não ser uma novidade, Chesnais diz que a desregulamentação financeira e o surgimento de novas tecnologias, tanto nos meios de transporte (avião a jato) como nos meios de comunicação (computador e internet), foram responsáveis por uma nova forma de internacionalização do capitalismo. A velocidade de circulação de capital e de informação foi intensificada a tal ponto que houve uma mundialização das finanças. O capital desloca-se de um país a outro de maneira instantânea.

Muitas vezes se confunde a noção de globalização capitalista neoliberal, essa de livre mobilidade de capital, de mercadorias e de informação, com uma noção mais ampla desse processo. Poderíamos pensar na globalização, como aponta Doreen Massey, no “sentido de

⁵ Para saber mais, consultar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Globalização e suas imaginações geográficas: uma análise de imagens de livros didáticos em contextos diferenciados* (PREVE, W. 2019), sob orientação da professora Dra. Ana Paula Nunes Chaves (UDESC).

aumentar os contatos e fluxos globais” (MASSEY, 2012, p. 103). Em certo sentido, o mundo está mais interconectado e essas conexões, sejam elas cibernéticas ou não, demandam menos tempo para ocorrerem.

Porém, excluir das discussões sobre globalização o papel desempenhado pela expansão do mercado e pela utilização de novas tecnologias suprime as possibilidades de repensarmos esse termo. Como aponta Massey, essa exclusão retira as possibilidades de abertura para o futuro e desconsidera as múltiplas trajetórias que ocorrem no mundo. Se algum país questiona o grau de abertura para a livre circulação de capital, ou impõe certas barreiras a ele, é considerado um país atrasado, condenado a ficar esquecido no tempo, como se houvesse uma fila do tempo.

Essa narrativa sobre a globalização tem a pretensão de se afirmar inevitável. Mas ela esconde as relações que constantemente produzem as desigualdades entre países e regiões. Segundo a autora, o processo de globalização também diz respeito a “uma criação de espaço(s), uma reconfiguração ativa e encontro de práticas e relações de uma enorme quantidade de trajetórias” (MASSEY, 2012, p. 128). Levando em conta as mudanças provocadas pela aceleração de circulação das coisas e do aumento das conexões em escala global, uma questão importante, para a autora, é se perguntar “que tipos de multiplicidades [...] e relações serão co-construídas com esses novos tipos de configurações espaciais” (MASSEY, 2012, p. 139).

Portanto, essa imagem associada à globalização (Figura 1), faz-nos pensar em um mundo de conexões e de circulação de coisas. A própria legenda da imagem, no livro didático, diz que essas linhas apresentam as redes de navegação, as rotas aéreas e as redes rodoviárias. É uma imagem que mostra esse aspecto do processo de globalização, mas mostra também áreas em que esses tipos de fluxos são menos intensos, ou quase inexistentes. O que aconteceria nesses locais? Seriam territórios pouco globalizados no sentido capitalista neoliberal? Ou seriam locais em que outros tipos de fluxos ocorreriam, resultantes do encontro de outras trajetórias?

Se o processo de globalização, em sentido mais amplo, é responsável por uma reconfiguração do espaço, ampliando os contatos que fazemos em escala global, poderíamos nos questionar sobre a implicação da globalização nas trajetórias e movimentos que cada coisa ou ser humano faz no mundo. De que maneira a globalização provoca alterações nas trajetórias de humanos e de *coisas*? Que tipos de encontros são produzidos e quais linhas de movimento são criadas? E se pudéssemos traçar/cartografar as linhas dos movimentos de uma única *coisa*, na perspectiva de Tim Ingold, ao longo de seus processos de transformação?

Com isso em mente, selecionei uma *coisa* e procurei seguir suas trajetórias e movimentos pelo mundo. Poderia fazer isso com equipamentos sofisticados, tais como computadores e smartphones, porém escolhi roupas de algodão. De certa forma, esta escolha foi motivada por uma certa aproximação da imagem das linhas que mostram um mundo conectado (Figura 1) com a imagem de um tecido. O tecido de uma roupa é o resultado de uma junção de fios, embora esses fios sejam dispostos, ou tramados, de maneira predeterminada pelos teares. Os fios assemelham-se às linhas de movimento dos humanos e das coisas.

O algodão, ao longo dos processos de produção de uma roupa, percorre uma trajetória e passa por diversas transformações. Em que medida esse material se desloca pelo mundo? É possível saber exatamente de onde as roupas vêm e por onde passam? Estas são as principais questões mobilizadas na elaboração da série de oficinas intitulada *Nas tramas da globalização*.

Porém, no processo de desenvolvimento da presente pesquisa e nos diálogos estabelecidos com os participantes das oficinas e com os membros da banca de qualificação, surgem novas questões. Assim, começo a me perguntar se interessa saber de onde exatamente as roupas vêm e se não é suficiente considerar esses percursos apenas de maneira mais ampla, tais como os maiores produtores de algodão, os principais países responsáveis pela produção de têxteis etc.

Essa transformação das questões também produz impacto nas oficinas. Em um determinado momento foi preciso alterá-las, modificando também as estratégias mobilizadas nesses encontros. Assim, a nova oficina passou a se chamar *Da lavoura para onde? As trajetórias das roupas na globalização*, cujo enfoque era pensar nos processos que estão implicados na produção das roupas, nas condições necessárias para que sejam fabricadas.

Neste trabalho, procuro seguir os movimentos e as trajetórias do algodão em processo de se tornar roupa. Além disso, também sigo os processos de pesquisa que se desdobram a partir do encontro com outras pessoas em situações de educação, especificamente as oficinas. Portanto, o objetivo deste trabalho é acompanhar os movimentos de uma questão desencadeados por meio de uma pesquisa com oficinas.

Oficinas

A pesquisa com oficinas, dentro de um universo de possibilidades, foi a maneira pela qual aprendi a pesquisar. Desde a iniciação científica, durante a graduação em geografia, o texto *Oficinas: novos territórios em educação*, de Guilherme Corrêa (2000), vem me acompanhando. Nesse texto, Corrêa desenvolve uma noção de oficina como modalidade educativa, uma

concepção da qual me aproprio para a pesquisa. Ao ler o texto, é possível perceber como o autor chegou a desenvolver essa concepção, quais trajetórias percorreu. O texto mostra os processos, pois, ao longo de sua participação no Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Corrêa realizou várias tentativas de fazer aulas de química que fossem mais interessantes e significativas para os seus alunos. E essa intenção inicial, dentro de um projeto maior do NAT de fazer aulas diferentes e significativas, foi o que produziu, ao final do processo, as oficinas⁶.

Em um primeiro momento, essas tentativas ocorreram com a participação no projeto “Ensino de Ciências Naturais – Concepção Dialógica”, desenvolvido por um grupo de mestrandos em Educação do NAT, na linha de pesquisa Educação e Ciências. Levando em consideração o pensamento do educador Paulo Freire, o objetivo desse projeto foi elaborar uma proposta de ensino para as disciplinas de física, química e biologia com uma abordagem dialógica dos seus conteúdos. Como pesquisador do NAT e professor de uma escola pública, Corrêa, juntamente com outros pesquisadores, empreendeu tentativas de criar condições para um ensino dialógico, no sentido proposto pelo projeto, mas que por diversos motivos fracassaram.

Outro momento importante nesse processo foi a participação em um simpósio sobre o Ensino de Ciências, quando Corrêa e sua colega, Rita da Silva, inscreveram um trabalho sobre produção de sabão artesanal na modalidade oficina. Após esse encontro, passaram a realizar oficinas, tanto a de produção de sabão como outras, de maneira ambulante. Realizavam as oficinas em diversos espaços e com a participação de diversos grupos, tais como: estudantes de ensino médio, pessoas da comunidade, funcionários de escolas e professores em formação.

Com o passar do tempo, o grupo do NAT percebeu a potência daqueles encontros. Perceberam que podiam abordar diversos temas de ciências, ou outras áreas do conhecimento, sem precisar ensiná-los como se fossem fenômenos completamente distintos uns dos outros. Viram que as conversas que ocorriam nas oficinas não eram paralelas ao tema de estudo, mas tratavam justamente dele. Havia um interesse em conhecer determinada coisa. Eram encontros movimentados, em que cada um tinha algo a dizer.

Juntamente com a realização das oficinas, ocorria a leitura e o estudo de autores com outras perspectivas em educação. As oficinas realizadas não seguiam mais exclusivamente a

⁶ Os trabalhos conduzidos pelos pesquisadores do NAT estiveram sob a orientação da professora Maria Oly Pey. No percurso empreendido por esses pesquisadores, e que culminou em uma noção de oficinas, diversas pessoas estiveram envolvidas, tais como: Guilherme Corrêa, Ana Maria Preve, Rita O. da Silva e Ademilde Sartori, além de diversos professores da rede pública de ensino e alunos de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

perspectiva de Paulo Freire, embora se mantivesse a dimensão dialógica presente em seu trabalho. No processo de estudo, aproximaram-se de alguns princípios da concepção libertária da educação, como a autonomia e a auto-organização. Também se aproximaram de Michel Foucault, especialmente na abordagem não-disciplinar do conhecimento. E, desse modo, foram surgindo reflexões teóricas sobre aquele trabalho desenvolvido pelos pesquisadores⁷ do NAT, tal como o texto de Corrêa (2000).

Em poucas palavras, ao mencionar o termo oficina, falamos de uma modalidade do fazer educativo que considera o interesse em saber dos participantes. Esse interesse em saber alguma coisa se desdobra em vários momentos, tais como: a eleição de um tema de estudo, o estudo dos materiais e bibliografias disponíveis, e a elaboração de estratégias para abordar esse tema. Em termos de estratégias, o leque disponível é vasto, desde os trabalhos em grupos, passando pelas palestras e também pela manifestação espontânea dos participantes (CORRÊA, 2000). Assim, a oficina se concretiza no encontro com outras pessoas interessadas.

Os momentos elencados no desenvolvimento de uma oficina não são etapas a serem seguidas estritamente nessa sequência. O estudo do tema, seja por meio da leitura de livros, de artigos, pela seleção de obras de arte e de imagens, pode continuar acontecendo junto com a elaboração dessas estratégias para abordar o tema escolhido. No processo de pesquisa, as estratégias podem mudar e igualmente as questões de estudo. É o que aconteceu durante esta pesquisa de mestrado.

Esse estudo e desenvolvimento de estratégias continuou acontecendo pois o enfoque desta pesquisa são os próprios processos de transformação e de variação, tanto no caso do algodão em processo de se tornar roupa, como dos movimentos da questão. Os encontros proporcionados por essas oficinas produzem movimentos na questão de interesse, fazendo com que o pesquisador selecione, em proveito da própria pesquisa, as coisas que compõem este trabalho.

Além disso, a cada oficina lidávamos com as variações do meio, com pequenas mudanças de estratégias. Porém, tínhamos sempre à disposição uma peça de roupa de algodão e um manual de instruções. Este manual era composto por algumas perguntas que propunham uma atividade relacionada à etiqueta da roupa. Esta atividade precisava ser realizada por cada

⁷ Foram realizadas diversas pesquisas em Educação, cujo enfoque eram as oficinas, tais como a dissertação de mestrado em Educação de Ana Maria Hoepers Preve, intitulada *Sexualidade, quem precisa disso? A trajetória de uma oficina* (1997); a dissertação de mestrado de Ademilde S. Sartori, intitulada *O desejo de saber: a arte de aprender/ensinar fazendo* (1993); a dissertação de mestrado de Maristela Giassi, intitulada *Meio Ambiente e saúde: a convivência com o carvão* (1994); e a dissertação de mestrado de Guilherme Corrêa *Oficina: apontando territórios possíveis em Educação* (1998).

participante antes do momento em que nos reuníamos para fazer a oficina. Então, nossos encontros tinham como ponto de partida olhar para as roupas selecionadas e para as perguntas que haviam respondido.

Contudo, apesar de esses materiais estarem sempre presentes, sua participação nas oficinas também variou. Por vezes, enviei o manual de instruções e a peça de roupa, adquirida em brechós, pelos Correios®. Em outras situações o manual foi enviado por e-mail aos participantes e as roupas selecionadas para a oficina eram as que possuíam em suas casas. Além disso, outros materiais participaram em determinadas ocasiões, tais como: um chumaço de algodão, um barbante e um pedaço de tecido.

Essas variações aconteceram pelo fato de que as oficinas foram realizadas a convite de colegas e de professores. Esses convites provinham de locais geograficamente distantes entre si: Pará, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Assim, enviar pacotes via Correios® para outros Estados do país tinha um custo muito elevado e desse modo, em certas ocasiões, optei por selecionar as roupas que as pessoas tinham nas suas casas.

Outro aspecto importante para explicar essas alterações de estratégias é que todos os encontros, exceto um, foram realizados no formato online. Fazer uma pesquisa com oficinas durante o ápice da pandemia de Covid-19 exigiu repensar as estratégias utilizadas em situações de educação. Por outro lado, os encontros online possibilitaram que as oficinas acontecessem em locais geograficamente distantes entre si.

Como foi construída esta dissertação

O primeiro capítulo, intitulado *Trajetórias, movimento e composição: a processualidade em uma pesquisa*, discute de que maneira o enfoque processual está presente neste trabalho. Para isso, utilizei-me de textos de filósofos, de um sociólogo, de um cineasta e de um navegador, para pensar nas condições de produção de uma pesquisa: de que maneira os dados produzidos em campo se transformam em texto? Como selecionar situações ocorridas nas oficinas para compor a dissertação? Como pesquisar quando não se controlam as variáveis do meio e quando as questões não param de se transformar? Estas são algumas das perguntas discutidas nesse capítulo.

Na sequência, no capítulo intitulado *Oficina: olhando para os processos*, adentro a noção de oficina utilizada neste trabalho. No decorrer desse capítulo, apresento o processo inicial de elaboração das primeiras oficinas, mostrando o percurso que empreendi para chegar até elas. Nesse sentido, argumento que uma roupa de algodão pode ser pensada a partir da noção

de *coisa* desenvolvida por Ingold (2012), sendo relacional, estando em movimento e, portanto, em contínuo processo de transformação.

No capítulo *Movimentando uma oficina: “Nas tramas da globalização”*, apresento detalhadamente as estratégias mobilizadas na oficina intitulada *Nas tramas da globalização*, mostrando, também, as experiências ao realizá-la com diversos grupos. Nesses encontros, os participantes e eu movimentamos a questão de interesse da oficina, dialogamos e, ao longo desse processo, pude perceber potencialidades e limites das estratégias elaboradas e da própria questão. A pergunta se alterou de *é possível saber de onde as roupas vêm?* para *interessa saber de onde as roupas vêm?*

Por fim, o capítulo intitulado *Movimentando uma oficina: “Da lavoura para onde?”* mostra os movimentos que realizei a partir do diálogo estabelecido com participantes das oficinas, colegas e membros da banca de qualificação. Nesse capítulo, também relato as experiências de realizar a nova versão da oficina *Da lavoura para onde? As trajetórias das roupas na globalização*. Essa modificação é decorrente da mudança de questão da oficina e da alteração das estratégias elaboradas.

É importante ressaltar que há, entre cada capítulo, imagens referentes à obra *Maré*, do artista brasileiro Ernesto Bonato. Essa obra, que aborda os movimentos permanentes na natureza, é composta principalmente por xilogravuras realizadas a partir de fotografias de água. Contudo, as imagens que estão dispostas entre os capítulos são montagens criadas a partir de imagens da referida obra do artista e que se encontram em seu site⁸.

Caderno de campo: a principal ferramenta de trabalho do pesquisador

No processo de produção e transformação dos dados, desde a experiência das oficinas até chegarmos à dissertação, as dúvidas, as incertezas e as inseguranças foram transformando as questões e movimentando a questão de interesse. Como no exemplo citado por Latour (2017), ao se colocarem em contato direto com a realidade, na expedição de campo, os cientistas balbuciam e indagam. Nas oficinas, perguntar se é possível saber onde as roupas são feitas me colocou diante de inúmeras possibilidades e incertezas. Com o resultado das primeiras investigações, passei a formular outras perguntas, o que me moveu para outra situação.

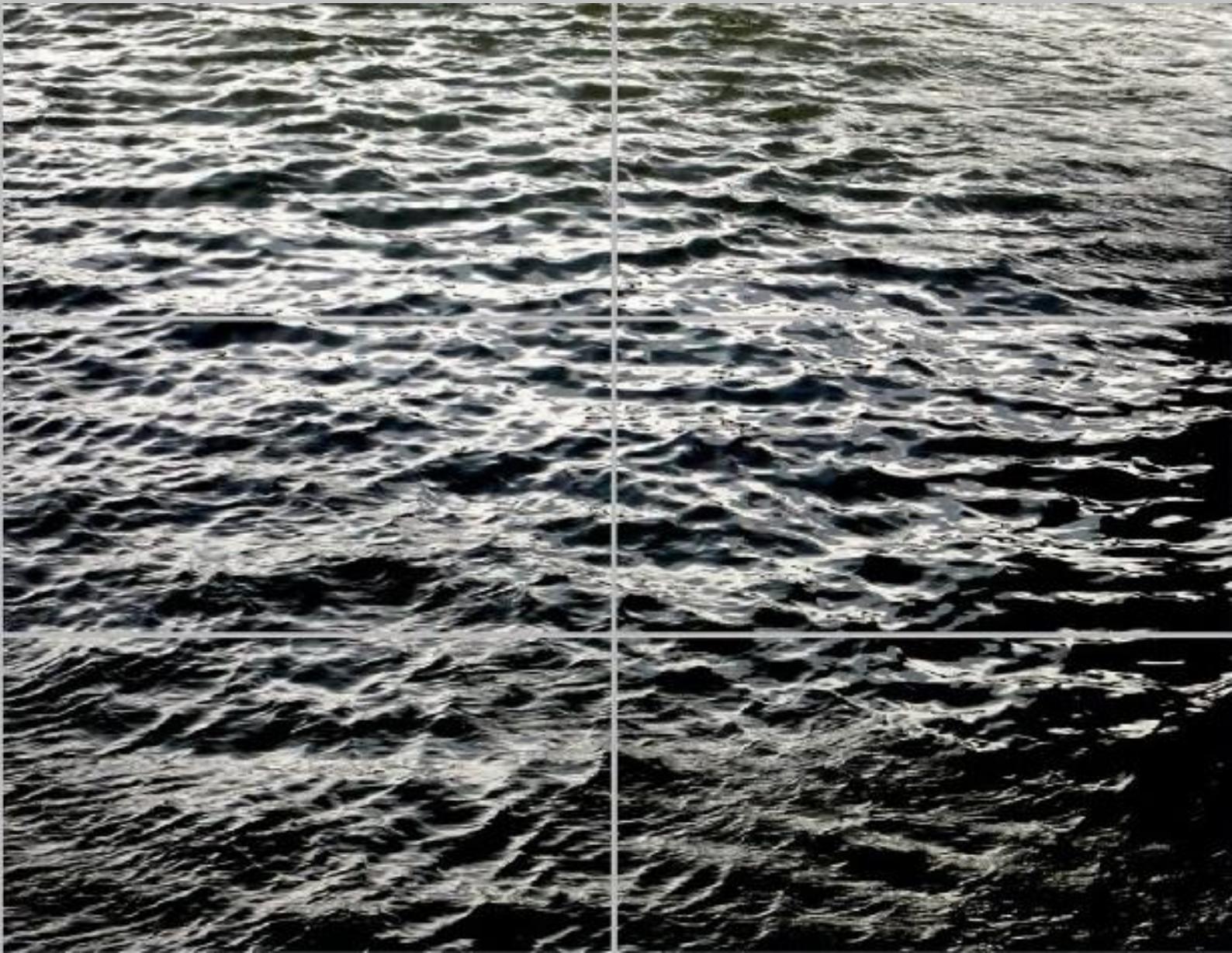
O caderno de campo é de suma importância nessa pesquisa. É o local, a superfície para os registros das oficinas e também para as anotações sobre as leituras. Esse caderno, no meu

⁸ Para saber mais sobre o artista e sua obra consultar este site: <https://projetomare.wixsite.com/mare/blank-1>.

caso mais de um, é elemento de conexão entre a experiência durante as oficinas, as anotações realizadas e o texto final da dissertação. Por isso, é preciso ter confiança nos nossos registros, no que está escrito ali, confiança nos dados produzidos, pois é para eles que irei dirigir minha atenção durante a escrita da dissertação. Eles se tornam umas das principais referências do meu trabalho.

Um dos primeiros critérios para registrar algo no caderno de campo é o que considero de relevância para a pesquisa, tanto no que se refere às leituras realizadas quanto às oficinas. Depois, segue-se uma outra seleção, dessa vez mais acurada. Situações que se repetem nos encontros, falas que se aproximam ou se distanciam da questão proposta pela oficina, além dos dados das pesquisas que cada participante empreendeu. Nesse sentido, as falas dos participantes das oficinas que estão presentes nesta dissertação não são transcrições literais, elas são o que retive nos cadernos de campo durante aqueles encontros.

É necessário, também, realizar uma organização desses dados. Seleciono os elementos por proximidade e afinidade. Algumas vezes, referem-se a acontecimentos de uma oficina em particular, outras vezes, não. Escrevo um título provisório, o que me fornece um eixo para escrever. A partir desse momento, passo a trabalhar no caderno de textos, escrevendo textos de no máximo três páginas cada. Na medida em que os textos são escritos, procedo a sua digitação. E, por fim, uma vez digitados, experimento movimentá-los, avizinhando-os de outros, até encontrar a posição mais adequada. É importante ressaltar que esta dissertação foi escrita à mão, em primeiro lugar, e que sua escrita é também processual, acompanhando os movimentos das oficinas e o que elas dão a pensar.



2 TRAJETÓRIAS, MOVIMENTO E COMPOSIÇÃO: A PROCESSUALIDADE EM UMA PESQUISA

Trajetórias, movimento e composição são elementos presentes em uma pesquisa, uma vez que os humanos e as coisas possuem trajetórias próprias, pois estão em movimento contínuo. No entanto, essas trajetórias se imbricam, relacionam-se, passando a compor um meio variável. Nesta pesquisa, esse meio é composto pelos encontros proporcionados pelas oficinas, meio em que não se controlam as variáveis do ambiente. A ênfase recai nos processos, no ato de pensar como determinados resultados foram produzidos, quais suas condições de existência. Com esse título, no entanto, não pretendo dizer como deve ser uma pesquisa, mas como ela pode ser. “Há tantos caminhos, tantas portas”, como já dizia Raul Seixas, que não vejo o porquê de retirar do leitor a possibilidade de inventar seus próprios caminhos, a sua própria travessia.

Contudo, não quero fugir do desafio que é confrontar-se com questões que nascem em ambientes não purificados, como nos diz Isabelle Stengers (2019), considerados como confusos, em que não há uma lei específica nos dizendo o que é científico ou não. Quais tipos de dados podem ser considerados válidos em uma pesquisa científica? É obrigatório manter uma certa distância entre o pesquisador e seu objeto de estudo? Existem dados científicos puros e dados resultantes simplesmente da manipulação? Ao formular essas perguntas não posso negar que há uma exploração e uma aventura nisso. Há um risco maior. Eu digo, porém, que aceito o risco e quero viver com ele!

É com perguntas semelhantes a essas que Bruno Latour inicia seu texto intitulado *Referência circulante: amostragem do solo da floresta Amazônica*. “Ciência e ficção são coisas distintas?”, pergunta-se Latour (2017, p. 46) no início de seu texto. Na sequência, ele ainda se pergunta sobre a diferença entre seu texto, que contém uma fotomontagem, e o relatório técnico que escreveram os outros cientistas da geografia, da pedologia e da botânica ao analisarem amostras de solo e de vegetação. Eu me pergunto, então, será que um é mais realista que outro? Há mais verdade em alguns destes textos?

Latour acompanha um pequeno grupo de cientistas, dentre eles uma geógrafa, numa expedição ao Estado brasileiro de Roraima. Enquanto seus colegas discutem questões relacionadas à dinâmica da zona limítrofe entre savana e floresta, Latour os acompanha como quem acompanha grupos indígenas em suas práticas. Ele está estudando questões relacionadas à epistemologia da ciência, em especial a referência científica, e seu texto irá derivar de seu relatório da expedição e de suas fotografias.

Chama atenção a maneira como seus colegas cientistas se portam diante dos mapas, apontando os dedos para o local a ser estudado, como se eles próprios conhecessem muito bem aquele espaço. Mas, se retirássemos as convenções cartográficas eles ficariam confusos e perdidos. “Sim, os cientistas dominam o mundo – mas desde que o mundo venha até eles sob a forma de inscrições bidimensionais, superpostas e combinadas” (LATOUR, 2017, p. 44).

É interessante a relação que Bruno Latour estabelece ao observar o dono do restaurante onde eles se encontravam diariamente antes de partir para o campo de estudo. Aquele pequeno mundo do restaurante consegue ser dominado e administrado a partir das inscrições numéricas que são feitas nas mesas. Sem aqueles números nas mesas, o dono do restaurante não poderá gerir a economia daquele local, organizar os pedidos, ficando completamente perdido.

Os cientistas só podem ter tanta certeza daquilo que aquelas representações cartográficas mostram porque antes delas vieram os foguetes, os satélites, “os bancos de dados, os desenhistas, os gravadores, impressoras, enfim, todos aqueles cujo trabalho se manifesta aqui” (LATOUR, 2017, p. 45). É preciso confiar no trabalho dos demais cientistas, “confiar na infinita sedimentação de outras disciplinas, instrumentos, linguagens e práticas” (LATOUR, 2017, p. 46).

Porém, essa certeza logo desaparece quando esses cientistas chegam ao campo de estudo, nas bordas da floresta amazônica. Ali, o limite entre savana e floresta não segue nenhuma linha fixa, e a ocorrência de certas espécies vegetais fora de seus locais habituais não é algo fácil de explicar. De fato, eles querem saber se é a savana que está avançando sobre a floresta ou se é a floresta que tira espaço da savana. Ali, então, eles estão perdidos. Eles balbuciam, perguntam e apontam o dedo para as coisas, mas não para afirmar se é isso ou aquilo, mas para indagar sobre a existência disso ou daquilo. Não tarda e logo estão eles a transformar aquele local em uma espécie de laboratório a céu aberto, estendendo uma rede de coordenadas cartesianas sobre aquele espaço ainda não domado. Medem triângulos, indicam as coordenadas cartográficas, enumeram certas espécies e anotam seus respectivos números no caderno de campo. Em pouco tempo, aquele local se transforma em um emaranhado de fios, que são dispostos em diversos pontos para uma acurada medição de distâncias em locais com desníveis de solo.

E eis que, com a presença desses referenciais numéricos, com a rede de fios de medição e com a catalogação de espécies, eles voltam a se sentir de certa forma seguros em relação àquilo que estão estudando. São esses dados coletados e anotados em um caderno que serão o elo entre esse momento no campo e aquele em que irão redigir seu relatório. Precisam, portanto, confiar naquilo que está escrito no caderno. Precisam confiar nas amostras escolhidas para o

estudo, precisam confiar na seleção de amostras que fizeram, já que a coleta é sempre parcial de tudo o que presenciam no local.

Da mesma forma, Bruno Latour se vale das referências realizadas em seu caderno de campo, suas anotações e de fotografias que realizou durante a expedição. Ao redigir seu texto, ele também precisa confiar nas suas anotações, certo de que elas também são relatos parciais daquela experiência no Brasil. É ele que faz essa operação de conectar a experiência de campo, seus registros e o relatório a ser escrito. Ocorre aqui um processo de transformação dos registros e fotografias, que desembocam na escrita do texto final, assim como ocorre com o texto dos demais cientistas.

Aqui, foram delineadas duas formas de fazer pesquisa científica. Ambas têm na escrita de um texto o final de um longo processo de transformação. Ambas partem da realidade, mas os caminhos para chegar ao texto são distintos. Perguntar-se qual das duas formas é mais científica, ou mais verdadeira, não é uma pergunta que se possa fazer. E, caso nos seja feita, não merece uma resposta. De todas as maneiras, dependemos da confiança nos pesquisadores, de uma ética em relação à pesquisa, e também do trabalho daqueles que nos precederam. Números não são mais confiáveis do que palavras. Números são só números e palavras são só palavras. Modos diferentes de pesquisar.

Bruno Latour evidencia o modo como os cientistas habitualmente se portam diante da realidade e como operam em suas pesquisas. O que fornece confiabilidade para as pesquisas não é somente uma questão de inserção de coordenadas cartesianas, ou a utilização de um método científico puro no trato com a realidade. É também uma questão de como esses dados obtidos em campo vão se transformando em referências para os relatórios e textos, e da possibilidade de rastreá-los no circuito por onde passam até chegarem nos artigos de periódicos. O autor também sinaliza modos diferentes de se portar no ambiente acadêmico e de realizar pesquisas. Evidentemente, essas diferenças são objetos de muita polêmica e discussão, e nos fazem pensar nos bastidores das pesquisas científicas, no que se passa nas universidades atualmente.

Isabelle Stengers, química e filósofa da ciência, traz contribuições importantes no sentido de pensar o ambiente doentio e insalubre que tem se tornado o meio acadêmico. A autora nos fala sobre um modo já consagrado de se fazer ciência, referindo-se à chamada por ela *fast science*, que diz respeito não somente “a uma questão de velocidade, mas ao imperativo de não desacelerar, de não perder tempo”. (STENGERS, 2019, p. 14). Para a autora, a universidade e os pesquisadores são chamados a enfrentar um grande desafio na contemporaneidade. Pode parecer que a academia seja “merecedora de seu destino”

(STENGERS, 2019, p. 4), merecedora das ações sistemáticas que visam a sua destruição, mas, por outro lado, a universidade é um importante recurso na medida em que favorece “nossa capacidade de pensar, ou seja, de escapar do desespero e do cinismo” (STENGERS, 2019, p. 4) com os quais nos deparamos cotidianamente.

Com base nos escritos do matemático e filósofo Alfred North Whitehead, Stengers nos diz que o modo como os acadêmicos atuam no regime da *fast science* assemelha-se a uma

[...] anestesia induzida, gerada por um exército mobilizado em movimento, onde o imperativo é ir o mais rápido possível. Tal exército não vagueia nem se surpreende. O imperativo significa que a paisagem por onde ele passa não será de interesse algum, apenas os obstáculos que ele tem para se movimentar. Aqueles no exército que se queixam do dano que o seu avanço causa (destruir colheitas, roubar mercadorias, estuprar mulheres...) certamente não têm as coisas certas [...] Os soldados devem esquecer seus apegos às suas próprias colheitas, bens e esposas. Da mesma forma, os cientistas descartam uma questão como ‘não-científica’. (STENGERS, 2019, p. 14-15).

Podemos pensar em uma *slow science*, segundo Stengers, sem, contudo, cair na armadilha de propor um retorno ao passado. Ao falar de passado, a autora refere-se ao tempo em que a autonomia das pesquisas e das universidades era relativamente maior, ou que pelo menos assim se acreditava. As questões propostas pelos cientistas, assim se pensava, eram livres de quaisquer preocupações sociais e econômicas, eram pesquisas desinteressadas. Porém, o resultado de tais pesquisas iria beneficiar a sociedade, sem que fosse necessário discutir as consequências sociais do seu trabalho.

Um dos exemplos trazidos por Stengers é o do químico Justus von Liebig, responsável pela invenção de uma espécie de treinamento “que se tornou o modelo geral em nossas universidades” (STENGERS, 2019, p. 10), redefinindo profundamente o significado do que é ser químico e também, cientista. Em seu laboratório, ainda no século XIX, excluiu-se o estudo das

[...] muitas artes ou ofícios da química, desde a dos perfumistas até a dos metalúrgicos ou os farmacêuticos [...] por outro lado, um estudante obteria seu doutorado após quatro anos de treinamento intensivo. No entanto, ele nada aprenderia sobre esses muitos ofícios tradicionais e suas operações. Ele usaria apenas reagentes purificados e bem identificados, e protocolos padronizados, e aprenderia os mais recentes métodos e técnicas instrumentais. (STENGERS, 2019, p. 11).

Essa operação implicou na exclusão de todo um vasto universo da química artesanal, e também daqueles que não estão inseridos nos meios acadêmicos, tendo “negadas a autonomia e liberdade de contribuir para o conhecimento público” (STENGERS, 2019, p. 12).

Pesquisadores que se preocupam com as consequências sociais do seu trabalho e das questões que provém de ambientes não controlados, nessa perspectiva, estariam lidando com questões não-científicas, com questões sem objetividade e, portanto, sem confiabilidade. Em outras palavras, lidariam com o chamado senso comum.

O que acontece atualmente, segundo a autora, é que “a confiabilidade dos resultados da *fast science* é relativa a experimentos de laboratórios purificados e bem controlados. E as objeções competentes são competentes apenas em relação a tais ambientes controlados” (STENGERS, 2019, p. 19). Concordo plenamente com a autora, especialmente quando afirma que é preciso atenção para as questões que surgem em ambientes mais amplos e considerados como confusos, dentro dos parâmetros da *fast science*. É necessária uma aceitação daquilo que deriva das interações entre pessoas, experiências e saberes, ou seja, do nosso mundo comum.

Esse é um desafio que está posto para nós, enquanto acadêmicos, e ao qual, segundo Stengers, “a *slow science* deve responder, permitindo aos cientistas aceitar que o que é confuso não é defeituoso, mas sim aquilo que temos simplesmente de aprender a viver e a pensar” (STENGERS, 2019, p. 21). Vale dizer, aprender a pensar sobre o que se produz nos encontros. Cada encontro é único e, caso queiramos repetir uma situação anterior, encontraremos condições diferentes. Ao invés de meios controlados e purificados, acolhe-se as variações do meio.

Para a autora,

[os] Momentos em que os valores emergem não podem ser desincorporados e submetidos a categorias gerais; por exemplo, o momento em que alguém se sente transformado por ter entendido a perspectiva de outra pessoa; ou o encontro que descobre o poder transformador de seus participantes pensando juntos [...] Eles tem sido julgados impróprios para o conhecimento, ou pior, relegados ao irracional e, portanto, considerados indignos de nossa atenção [...] que o que precisamos aprender não é como defini-los, mas sim como cultivá-los. (STENGERS, 2019, p. 25).

Procuramos abrir espaço para que momentos como esses possam ocorrer nas oficinas. Explorar meios pouco controlados traz consigo um desafio de experimentar certo risco, de não ter a certeza do que vai ocorrer. Porém, trata-se de uma abordagem que requer estar atento às mudanças nos meios em que estudamos e de compor com essas variações.

Oficina: um pequeno barco navegando no mar

Meu barquinho, subindo e descendo as ondas sem teimar com o mar, se sairia infinitamente melhor do que 150 metros de obstinado aço, desafiando montanhas de água.

Amyr Klink

Não faltaram avisos macabros de colegas, jornalistas e autoridades, a respeito da aventura que Amyr Klink se propunha fazer: atravessar, sozinho, o Atlântico Sul a bordo de um minúsculo barco a remo. Uma das últimas palavras que o navegador ouviu ao partir de Lüderitz, na Namíbia, rumo ao Brasil foram: “Você vai morrer com os outros! Adeus! Adeus...” (KLINK, 2005, p. 21). Mas o que muitos ignoravam era o tipo de embarcação na qual Amyr Klink se encontrava. Um barco de quase 6 metros de comprimento, projetado para suportar eventuais capotagens e virar-se novamente, estava preparado para enfrentar o Oceano Atlântico. Além de anos de estudos e de sua experiência de navegador, ele não pretendia vencer a força da natureza com seus próprios braços, literalmente. Sua travessia entre Lüderitz e Salvador não era o menor trajeto entre os dois continentes, porém contava com condições favoráveis de ventos e correntes na maior parte do percurso. E, apesar dos desafios, o navegador e seu barco resistiram a todas as intempéries e chegaram íntegros à costa baiana, 100 dias após a partida.

Quero chamar atenção para a ideia de uma embarcação que compõe com o meio em que se encontra. Que responde rápido aos movimentos do leme e que carrega consigo somente o que é essencial. Um barco que pode acolher as forças da natureza e compor um movimento junto com elas. Não se trata de adaptação, mas sim composição. A travessia não dependia somente das forças da natureza, mas dos remos e dos braços do navegador.

De qualquer forma, essa é apenas uma pequena embarcação que compõe o vasto mundo da navegação. No outro extremo desse mundo, encontramos os navios cargueiros. Tais navios são os responsáveis pela maior parte do transporte internacional de cargas. Seu tamanho permite acomodar milhares de containers e milhões de produtos, fazendo com que o valor monetário do transporte internacional seja significativamente reduzido. Contudo, são embarcações pesadas, requerem calados profundos nos portos e sua movimentação é difícil. Enfrentar obstinadamente uma grande tempestade é um risco para a embarcação, para sua tripulação e para a carga que transporta. Não são raros os acidentes de petroleiros em alto mar e sabemos dos danos ambientais que provocam ao naufragar. Como diz Amyr Klink (2005, p. 50), “no mar, o menor caminho entre dois pontos não é necessariamente o mais curto [...] mesmo um poderoso superpetroleiro é obrigado, às vezes, a desviar seu caminho”.

Há uma semelhança entre a maneira pela qual Amyr Klink se relacionava com o mar e o nosso modo de se relacionar nas oficinas. Estamos atentos ao que ocorre nos encontros, assim como o navegador está atento às mudanças do mar. Em ambos os casos o ambiente é variável e requer do navegador/oficineiro uma certa atenção para compor com as mudanças do mar/oficina. Não se ignoram os riscos de tal aventura, mas eles não são incontornáveis como

podem parecer. O que pode acontecer no encontro entre o oficineiro e os interessados em participar da oficina? O que levar das oficinas para o restante da pesquisa? O leque de possibilidades é imenso nessas situações, mas, durante o processo de realização das oficinas, cultivamos um modo singular/próprio de se portar nessa aventura.

Tudo é resultado ou onda: o surfe e a noção de composição na pesquisa

Assim como Amyr Klink precisava compor um movimento com seu barco na travessia do Atlântico Sul, o pesquisador-oficineiro compõe com um meio variável um movimento de pesquisa. Para o navegador, esse meio é o mar, para o pesquisador são os encontros proporcionados pelas oficinas e o que decorre deles.

No texto *Deleuze: o surfista da imanência*, de Daniel Lins (2008), vemos como a prática do surfe também se aproxima da noção de composição. Para o surfista, o mar também é seu meio variável, com o qual ele ensaiá seus movimentos, remadas, *drops* e giros de corpo que fazem a prancha mudar de direção.

Diferentemente de outros esportes, a prática do surfe é uma inserção do surfista e sua prancha no movimento já existente da onda. Remar para se posicionar no lugar de espreita da onda, remar para atingir a velocidade necessária para entrar na onda, para ser aceito por ela. Uma ação que compõe com o movimento do mar.

Segundo o autor,

Ao contrário de um gesto de conquista, o gesto do surfista se apresenta como uma composição, no sentido musical. [...] a força-movimento do surfe é da ordem da diferença, e não do poder. A diferença é produtora do acontecimento, do novo, do que não é ainda. É justamente o caráter transitório, a fragilidade como força positiva, como movimento gestual de composição permanente que atribui a essa prática seu saber-sabor[...]. (LINS, 2008, p. 73-74).

É o desejo de viver que move o surfista na direção do mar, fazendo dele o criador de um estilo, de certos gestos ainda não praticados por outros. Muito se diz sobre esse e outros esportes, a ênfase, no entanto, recai muitas vezes nas dificuldades e nos problemas, sendo o surfista alguém que arrisca sua vida em busca da onda perfeita. Porém, segundo o autor, podemos ver no surfista uma vontade de viver, uma vitalidade, alguém que “cultiva o *inútil*, a arte de se sentir feliz, de nada fazer de ‘importante’” (LINS, 2008, p. 54, grifos do autor).

Cada onda requer um certo movimento, elas não são iguais. Equilibrar-se sobre a prancha é um gesto que depende da situação, do tipo de onda na qual se pretende inserir. Ao invés de um obstáculo a ser vencido, uma onda é um suporte.

Nas palavras de Daniel Lins,

Surfar é ter o sentido do equilíbrio/desequilíbrio como guia que faz com que os acontecimentos da vida, que são as ondas e suas flutuações, não sejam considerados obstáculos, mas amparo para encontrar um equilíbrio, suportes sobre os quais apoiar a prancha, permitindo-lhe manter-se de pé e a continuar na crista da onda. E, nesse nível, não há maus acontecimentos. Tudo é ganho ou onda!" (LINS, 2008, p. 55).

Estas são reflexões que extrapolam a prática esportiva em si, e nos fazem pensar na vida e também na pesquisa. Conseguir acolher o que acontece é um trunfo, diz da capacidade em se manter vivo. Fazer algo a partir daquilo que nos acontece revela um desejo de vida, de novas “ondas”, novos acontecimentos da vida, em que a “força-movimento” seja da ordem da diferença e não do poder.

Sendo as oficinas um meio variável em que os resultados dos encontros são imprevisíveis, interessa acolher o que acontece e não impedir a variação. Meio variável que é, ocorrem nele atravessamentos de diversas ordens, pois as pessoas trazem questões próprias, o que pode impactar na questão de pesquisa. Há, portanto, muitos movimentos nas oficinas, e cada participante é um surfista nesse meio variável e pouco controlado. As pessoas que participam não estão à serviço do oficineiro, cada uma “surfa a sua onda” e seleciona para si o que lhe convém. O que fazemos, como pesquisadores, é selecionar aquilo que convém em proveito da própria pesquisa. Dessa forma, tudo é resultado, ou “onda”.

Essa perspectiva de compreensão dos resultados não se restringe às expectativas do pesquisador, revela, também, a vitalidade no próprio ato de pesquisar, um pesquisar com vontade. É isso que alimenta a curiosidade do oficineiro e que faz com que ele se movimente nas leituras, na escrita e nas oficinas. Estar disposto a pesquisar não diz respeito a um protocolo, mas à uma atitude.

O desejo pela aventura e pelo desconhecido: uma atitude do pesquisador

No filme *Encontros no fim do Mundo* (2007), Werner Herzog deixa claro, logo de início, que suas questões acerca da natureza seriam um pouco mais insólitas que o habitual. Esse filme não seria mais um sobre a provável extinção de alguma espécie, nem se restringiria à discussão sobre as mudanças climáticas. Sua preocupação central não está na objetividade das pesquisas

científicas que são desenvolvidas no continente antártico, muitas das quais ele acompanha de perto.

Ao invés disso, vemos histórias de como aquelas pessoas vieram a se encontrar no “fim do mundo”. Um filósofo que conduz máquinas pesadas, um linguista que cuida de uma estufa com tomates, um ex-banqueiro que dirige uma espécie de ônibus do gelo, além, é claro, de cientistas que desenvolvem suas pesquisas. Cientistas que, apesar de serem capazes de medir um fenômeno e saber da sua existência, não deixam morrer a curiosidade pelas coisas que não podem explicar. Não deixam de se perguntar os “porquês” das coisas.

E justamente um ponto intrigante do filme é a discussão da nossa relação, enquanto seres humanos, com o desconhecido. O polo sul é o local onde todas as linhas dos mapas convergem, diz um entrevistado, e que um dia já representou o último continente a ser explorado. O que poderia mover os exploradores do início do século passado a se aventurar nessas terras tão isoladas, arriscando sua vida na imensidão do gelo?

O que Herzog nos diz ao longo do filme parece ser um bom caminho para pensar em uma resposta. Parece haver um desejo humano pelo sentido das coisas, por buscar a origem do universo, por buscar entender aquilo que ainda se desconhece. Uma curiosidade na direção do inexplicável. Todavia, há também o ímpeto de querer ser o primeiro, de conquistar um título, de querer glorificar os impérios e de satisfazer o próprio ego.

Nessa última maneira de ir em direção a um local desconhecido, arriscando a própria vida na busca de um título, ou de uma meta qualquer, há um limite estabelecido. Uma vez conquistado, aquela busca deixa de fazer sentido, a expedição termina. Após a conquista, poderia se partir para uma nova meta, visando angariar outros títulos. Nesse sentido, Herzog nos mostra que podemos, inclusive, chegar ao ponto de realizarmos quaisquer ações para que nossos nomes entrem para a lista de recordes mundiais. Aqui a lista de ações é muito vasta: comer o maior hambúrguer do mundo, passar o maior tempo debaixo d’água sem respirar, ou ainda, quebrar um recorde mundial qualquer em cada um dos continentes, como no exemplo dado por Herzog. No final das contas, trata-se de uma meta com fim em si mesma, vazia de sentido.

Fica evidente, no filme de Herzog e na travessia de Amyr Klink, que há um desejo pela aventura e pela exploração, um interesse em direção ao desconhecido. É algo que diz respeito à nossa experiência de contato direto com as coisas e com o mundo. Trata-se de um contato mais próximo com as intensidades e as forças do que um contato intermediado pela informação. É o que também acontece quando Bruno Latour (2017) e os demais cientistas vão a campo, na

zona limítrofe entre savana e floresta. Lá, eles balbuciam, indagam e não podem afirmar onde é o exato limite entre ambas. Isso só pode ser distinguido nos mapas.

De certa forma, esse contato direto também ocorre quando o surfista está no mar. Na internet e nos bancos de dados há informação sobre diversos fenômenos, tais como as correntes marítimas e a dinâmica costeira, por exemplo. Porém, o que importa é o que fazemos com isso, o quanto isso nos modifica. No surfe, é importante saber de quem é a preferência da onda e também saber como se portar caso a corrente de retorno carregue o surfista cada vez mais para longe da praia. Mas “a obediência cega à regra pode significar um ato de imprudência, uma fatalidade” (LINS, 2008, p. 62). Cada surfista, segundo Daniel Lins (2008), deve ser capaz de criar as próprias regras, pois situações inesperadas acontecerão.

Nesse sentido, a informação não basta. Não basta ler os boletins de mar que mostram a altura e o período das ondas, pois isso nada diz das repentinhas séries de ondas maiores que destoam das demais, deixando os surfistas surpresos. O mar não é um meio controlável, não é um laboratório. Para estar no mar é necessário um saber aprendido corporalmente, no contato com as intensidades e as forças, um saber que decorre dos encontros.

Numa oficina, o encontro entre pessoas e entre pessoas e coisas é da ordem do contato com as intensidades e as forças. Ao invés da simples troca de mensagens, como se fossemos uma espécie de computador, nos interessamos pelo “momento em que alguém se sente transformado por ter entendido a perspectiva de outra pessoa”, nas palavras de Stengers (2019, p. 25). O interesse está no movimento que cada um faz com aquilo que discutimos ali, com a pergunta que formula ou com a expressão de surpresa ao compreender determinada questão.

Assim como para o oficineiro, os movimentos que o surfista, o navegador e o cineasta realizam dizem respeito aos seus interesses, aos seus desejos. Trata-se de uma curiosidade que alimenta novas perguntas. É essa atitude que o oficineiro-pesquisador procura desenvolver no seu trabalho de pesquisa. É uma postura sutil, mas que marca a diferença entre cruzar o Oceano Atlântico simplesmente para conquistar um título ou pelo desejo de fazer a travessia, e por aquilo de desconhecido que está por vir ao longo do processo.

O desejo pela aventura e por realizar uma travessia movido pela curiosidade em relação ao que se desconhece revela meu interesse pela processualidade nas coisas e na pesquisa, pois as coisas e as questões de pesquisa estão em movimento, e o que precisamos fazer é acompanhá-los com uma vontade interessada.

As coisas e os processos: acompanhando a matéria

Os vulcões não são apenas portadores da destruição, são também portadores da criação. Sabemos disso por meio da Geografia. Enquanto solo e rocha são carregados por meio de processos de erosão, rochas novas são criadas pela atividade vulcânica. Nos assustamos quando um vulcão ameaça entrar em erupção, e é normal, pois a energia que libera pode ser capaz de varrer cidades inteiras em poucas horas.

É nesse potencial de criação que reside a beleza de uma erupção vulcânica. Contudo, é uma criação que pressupõe a destruição parcial de algo. Assim, a matéria segue seu caminho no mundo, tomando as mais diversas formas possíveis. Quero evidenciar, sobretudo, essa trajetória da matéria em seu processo de diferenciação. Partimos, portanto, do exemplo das erupções vulcânicas. Antes disso, preciso dizer que é impossível não fazer referência ao pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, pois é embasado nesses autores que desenvolvo este texto.

O elemento Ferro, acumulado no interior da Terra, em condições de alta temperatura e pressão, vem à superfície, juntamente com outros elementos. Os gases se volatilizam e o magma passa a ser chamado de lava. Ao se resfriar, na superfície terrestre, a lava sofre um choque térmico e em pouco tempo se solidifica. Temos aí uma rocha magmática que possui Ferro em sua composição. Essa rocha toma a forma de um seixo ao longo dos anos em que é rolada pelo fluxo de um rio. Eventualmente, deposita-se na planície fluvial deste mesmo rio e é encoberta por uma camada de sedimentos, ali permanecendo por milhares de anos.

Podemos ter uma bifurcação na trajetória do Ferro, pois ele pode permanecer ali por muito tempo sob os sedimentos, sofrendo invasões de raízes de plantas e sofrendo também o intemperismo pelas mudanças de temperatura e umidade. Essa rocha pode se tornar elemento constitutivo do solo, um processo que chamamos de pedogenético. E eis que o Ferro que acompanhamos desde há milhões de anos, agora compõe um solo avermelhado no planalto oeste do Estado do Paraná, um solo fértil para a produção do café.

No outro caminho apresentado por aquela bifurcação, podemos extrair a rocha que contém o ferro e enviá-la para uma usina siderúrgica, onde irá tomar novamente a forma líquida antes de se tornar uma liga metálica, como o ferro fundido ou o aço, por exemplo. Uma placa de aço que sai da siderúrgica de Volta Redonda-RJ, pode vir a se tornar a estrutura de um carro por meio de processos industriais de transformação.

Em todos os casos, a matéria segue seu fluxo e a transformação não para por aí. O ferro presente na liga metálica de um automóvel, por mais que permaneça na forma de um carro por

um certo tempo, não para de se transformar. Irá seguir sua trajetória no mundo, encontrando outros materiais, reagindo e compondo com outras forças da natureza e, posteriormente, tomará outras formas. Em termos de práticas/procedimentos de pesquisa, este trabalho procura seguir os fluxos da matéria, tanto no caso particular do algodão com as oficinas, como na pesquisa de maneira mais ampla. A imagem de um vulcão é sugestiva nesse sentido. Sugere, na maioria das vezes, a ocorrência de eventos catastróficos e relacionados à destruição. Gostaria, também, de evidenciar o potencial criador dos vulcões por trazer elementos à superfície terrestre e por dar novas configurações a esses. O vulcão traz elementos capturados no interior do planeta de volta à superfície como se os fizesse nascer novamente.

Uma vida que se recusa à contenção: em favor da noção de “coisa” em Tim Ingold

Interrompamos os batimentos cardíacos e o funcionamento dos pulmões. Estanquemos o fluxo sanguíneo. Paremos a rotação terrestre e a translação em relação ao sol. Interrompamos o movimento das águas dos rios, das correntes de ar. Paremos as transformações de CO₂ e O₂ feitas por vegetais e animais. O que teríamos alcançado com tudo isso? A morte. O antropólogo britânico Tim Ingold (2012, p. 32) diz que é por meio da “imersão nessas circulações, portanto, que as coisas são trazidas à vida”. É no movimento em que reside a vida, é no fluxo de materiais, no fluxo sanguíneo, nas circulações do ar e da água. Com base em Deleuze e Guattari, Ingold pretende dar ênfase “aos processos de formação ao invés do produto final, e aos fluxos e transformações dos materiais ao invés dos estados da matéria” (INGOLD, 2012, p. 26).

Tim Ingold argumenta a favor da noção de “coisa” em detrimento da noção de “objeto”. Na perspectiva de ver no mundo um ambiente repleto de objetos, retiramos os movimentos, retiramos a vida do mundo. Tomando a rocha como exemplo, poderíamos afirmar, à primeira vista, de que ela seria um objeto, já que um objeto “coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas” (INGOLD, 2012, p. 29). Mas, Ingold nos alerta de que ela só pode ser pensada como tal se for retirada de todo o processo erosivo responsável por transportá-la de um lugar a outro, e por lhe conferir outras formas e proporções. A rocha, argumenta ele, é uma coisa.

A noção de coisa desenvolvida por Ingold, e também embasada no filósofo Martin Heidegger, traz à tona os processos, os movimentos e as circulações. Pensando ainda no exemplo da rocha, não podemos esquecer de todo o processo através do qual ela veio a se constituir como rocha. No caso de uma rocha magmática, é o magma o responsável direto pela sua formação, já com as sedimentares, são os restos de outras rochas e o próprio solo que

fornecem as bases materiais para sua formação. Não nos esqueçamos dos musgos que podem habitar sua superfície, as eventuais raízes de árvores que rompem sua estrutura. Há também as transformações na parte superficial da rocha, resultado do intemperismo químico e físico que a transformam em sedimento ou em solo. Mesmo uma “pedra que rola – como um seixo na correnteza de um rio – torna-se uma coisa no ato mesmo de rolar” (INGOLD, 2012, p. 29-30).

A noção de coisa, portanto, diz respeito a “um agregado de fios vitais” (INGOLD, 2012, p. 29). E, talvez, para entendermos melhor essa ideia, tomemos o exemplo da árvore demonstrado pelo autor. “Onde termina a árvore e começa o resto do mundo?” (INGOLD, 2012, p. 28). As demais formas de vida que habitam a casca de uma árvore podem ser consideradas constituintes da árvore? E os insetos, musgos e líquens? E “o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins?” (INGOLD, 2012, p. 29). É nesse sentido, então, que Ingold fala a favor da noção de coisa. “A coisa é um acontecer, ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam” (INGOLD, 2012, p. 29). Poderíamos pensar na noção coisa de modo semelhante como faz o autor, com a imagem de um nó de fios algodão. Esses fios não se limitam ao nó em si, mas sobram nos lados e essas sobras podem ser o ponto de partida para outros fios.

Se pensássemos o mundo como um mundo de objetos, teríamos que considerar os objetos como entidades fechadas em si mesmas, completamente separadas do meio e não se misturando com ele. Nesse sentido, então, não haveria vida. Como aponta o autor, em outras palavras, como pensar na vida em um mundo no qual não existe a permeabilidade entre a terra e o céu? Se a Terra fosse uma superfície fechada, não permitindo a troca gasosa entre a atmosfera e as camadas do interior da Terra, como pensar nos aquíferos que ocupam o subsolo e dos quais dependemos de sua constante disponibilidade de água? Como pensar no processo de absorção de nitrogênio da atmosfera feito por bactérias alojadas em raízes de plantas?

Neste trabalho, enfatizo os processos ao invés das formas, as coisas em detrimento dos objetos, pois, como aponta Ingold (2012, p. 35), “é no contrário da captura e da contenção – na descarga e vazamento – que descobrimos a vida das coisas”. Estou interessado em conceber o mundo a partir da matéria em movimento, e no ato de segui-la, como apontam Deleuze e Guattari, ao dizer dos artesões e da metalurgia. Para os autores, o artesão é alguém “que segue a matéria em movimento, em fluxo, em variação, como portadora de singularidades e traços de expressão” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 91). Seguir os movimentos e fluxos da matéria não implica imposição de uma forma por um agente externo. Os materiais possuem suas singularidades e, do ponto de vista de um artesão, não podem ser trabalhados todos de uma única maneira. Nunca produzimos coisas iguais, pois em cada situação as condições de

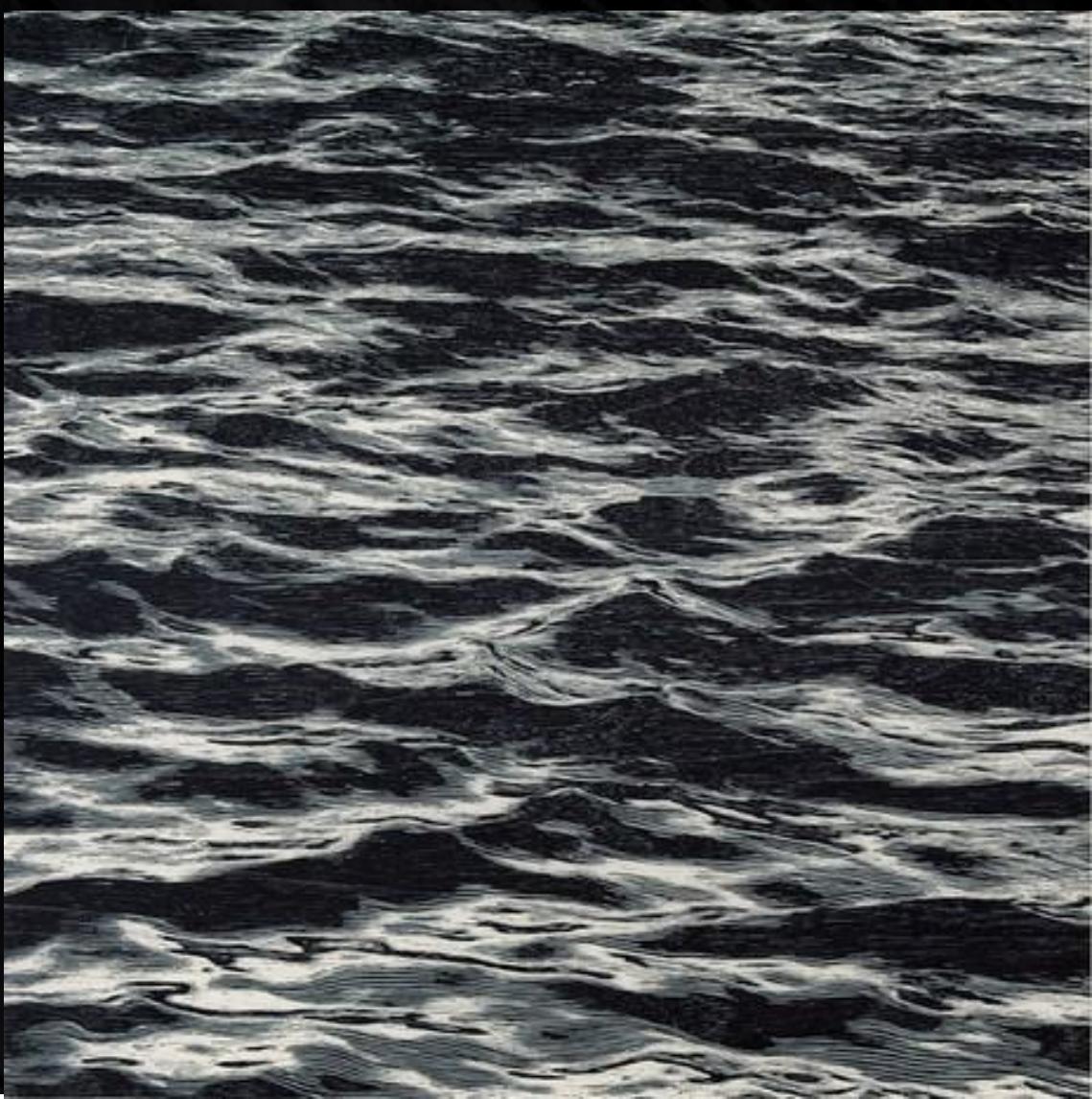
possibilidade variam. Do mesmo modo funcionam as oficinas, elas nunca são iguais, não são reprodutíveis em escala.

O pesquisador-oficineiro segue os movimentos que a sua questão faz nos encontros proporcionados pelas oficinas. Ele mantém senão um, mas diversos cadernos de campo, nos quais escreve sobre o que lê, sobre as oficinas e também sobre as questões que lhe movem o pensamento. Esses itinerários dos pensamentos irão se tornar pequenos textos e, por fim, irão compor a dissertação.

O sociólogo norte-americano, Charles Wright Mills, também considerava esses cadernos de suma importância para um pesquisador. No texto *Sobre o artesanato intelectual* (MILLS, 2009), que era destinado aos que iniciavam na sociologia, ele relata o seu trabalho de pesquisador. Para Mills, era por meio desses diários, ou cadernos, que ele mantinha a curiosidade e o pensamento ativos. Nas palavras de Celso Castro, na introdução a uma coletânea de textos do sociólogo norte-americano, “o artesão intelectual está atento para as combinações não-previstas de elementos, evitando normas e procedimentos rígidos, que levem a um ‘fetichismo do método e da técnica’” (CASTRO, 2009, p. 15).

A artesania intelectual, na visão de Mills, não dizia respeito somente ao domínio de técnicas e procedimentos, mas a esse cultivo do pensamento, um trabalho rotineiro de escrita. Para Mills (2009, p. 21), “é melhor [...] que um estudioso ativo relate como está se saindo em seu trabalho do que ter uma dúzia de ‘codificações de procedimentos’ estabelecidas por especialistas”.

Se o caráter vívido das coisas está no movimento, nas circulações, nas trocas e na permeabilidade, nossas tentativas de interromper essas circulações só podem ser temporárias e parciais, pois, como diz Ingold, a vida não consegue ser contida. Nesse sentido o trabalho do pesquisador-oficineiro não diz respeito a evitar que as coisas vazem, mas seguir o movimento das e nas coisas. Acompanhar os processos de mutação das questões de pesquisa e acompanhar os movimentos dos participantes nas oficinas.



3 OFICINA: OLHANDO PARA OS PROCESSOS

Uma oficina está mais próxima da imagem de um pequeno barco que de um navio, carregando consigo somente o essencial para evitar que o excesso de carga dificulte sua movimentação. É uma espécie de barco com velocidade menor, mas que responde rápido ao leme e ao meio em que se encontra, compondo um certo movimento com ele. Em meio às tempestades, como diz Amyr Klink, o barquinho pode subir e descer as ondas melhor que um navio cargueiro.

É a partir dessa aproximação da imagem de um pequeno barco que gostaria de apresentar a possibilidade de pesquisar com e a partir de oficinas. Uma pesquisa movida por uma vontade de saber do investigador, que se propõe a seguir uma questão de importância existencial, como afirma Guilherme Corrêa (2000). Apesar de essa questão ser, ao mesmo tempo, um ponto de partida e uma bússola que nos guia no mar ou na vastidão que é uma pesquisa, é preciso ter em mente a necessidade de estudar sobre o tema e de “*desenvolver estratégias para poder dizer sobre o tema*” (CORRÊA, 2000, p. 150, grifo do autor). Estes são momentos importantes no desenvolvimento das oficinas, porém não necessariamente precisam ocorrer nessa sequência.

Essa concepção de oficina em educação tem na Pedagogia Libertária alguns de seus princípios. A oficina é pensada “como uma ação educativa em si, e não como meio para melhorar a aula, para produzir aulas mais interessantes” (CORRÊA, 2000, p. 123). O tema e as questões centrais da oficina são “o eixo em torno do qual os saberes de cada um [são] ativados, no sentido de uma produção comum” (CORRÊA, 2000, p. 119), já que há outro intuito ao realizar as oficinas: propiciar ambientes de diálogo, de circulação de saberes, de enfraquecimento de hierarquias, e vislumbrar situações de aprendizado em que não ocorra a suposta divisão entre o fazer e o saber.

O termo oficina, em educação, nos remonta a pensar em

[...] uma forma de organização ativa, prática e grupal do fazer educativo. Remonta a ‘aulas’ não expositivas ou a trabalho relacionado a projetos, práticas manuais, ou seja, a formas de organizar o fazer que tenham por características gerais uma atividade em grupo, pouco ou não hierarquizada. (RIBEIRO; PREVE, 2018, p. 37).

É o que também fica evidente ao ler o trabalho de Corrêa, especialmente quando relata suas oficinas de produção de sabão, de papel reciclado e sobre fotografia. Os recursos utilizados podem ser os mais diversos, a depender da natureza do tema e das questões levantadas pela oficina: “jogam-se aí infinitas possibilidades, que vão desde a palestra, a exposição, passando

pelo uso e criação de equipamentos e pela manifestação livre dos participantes” (CORRÊA, 2000, p. 150).

Essa noção de oficina é construída a partir do momento em que Corrêa e sua colega veem-se na impossibilidade de continuar a proposta do projeto “Ensino de Ciências Naturais – concepção dialógica”, nas escolas em que lecionavam. Aos poucos, foram percebendo que a instituição escolar em si não comportava intervenções daquele tipo. A divisão das aulas, o tempo destinado a cada disciplina, a obrigatoriedade de obtenção de notas e de cumprir os currículos, não se esquecendo de abordar questões de vestibular, além da necessidade de deixar as carteiras organizadas umas atrás das outras após as oficinas, são aspectos que inviabilizam a realização dessas intervenções no espaço e no tempo da aula.

Corrêa, inspirado inicialmente nas ideias de Paulo Freire, muito insistiu para que o seu trabalho como docente não se resumisse à função de transmissor de conteúdos aos alunos, aqueles que supostamente nada sabem. Buscou temas da realidade dos estudantes, numa cuidadosa investigação, de modo que esses temas pudessem despertar o interesse deles. Além de instigar o interesse, esses temas propiciariam situações de aprendizagem nas quais os conteúdos seriam abordados, sem a necessidade de se preocupar em “vencer os conteúdos” curriculares.

Contudo, o diálogo entre professor e alunos pouco ocorreu. Na realidade, a primeira vez que realmente dialogaram foi quando uma aluna interrompeu sua aula com um grito desesperado: “Eu não aguento mais isso! Eu quero aprender pro vestibular”. (CORRÊA, 2000, p. 85). A partir de então, Corrêa começa a compreender que a instituição escolar em si, em seu funcionamento burocrático, não permite que intervenções desse tipo ocorram. Segundo ele, “que diálogo pode surgir em um grupo de pessoas em que o laço mais forte que as une é a compulsoriedade (sic) que motiva seus encontros?” (CORRÊA, 2000, p. 108).

Nas oficinas elaboradas por Corrêa, seja a de produção de sabão, de produção e reciclagem de papel, seja a de fotografia, os materiais selecionados para o trabalho eram simples e relativamente fáceis de se encontrar: restos de papel, folhas de árvores, soda cáustica, liquidificador, latas de cerveja, fita isolante, papel alumínio e papel fotográfico, por exemplo. Porém, conseguia-se produzir algo que ultrapassava o ato de ensinar a fazer sabão, reciclar papel e fazer uma câmera fotográfica artesanal. Os saberes dos participantes eram postos em circulação. Procurava-se formar grupos heterogêneos, com membros marcadamente distintos entre si: crianças, adultos, funcionários da escola, pessoas escolarizadas, todos que desejassem saber sobre o tema.

Essa composição variada fez emergir questionamentos e dúvidas sobre afirmações científicas que nós consideramos autoexplicativas e óbvias. Na realidade, trata-se de um modo de funcionamento dos escolarizados e não de uma questão de falta de conhecimento. Segundo Corrêa (2000, p. 119-120),

A prática escolar de ensinar conceitos deslocados, desprendidos de situações vividas, torna os escolarizados capazes de repetir fórmulas abstratas. Tal capacidade, medida pelas provas baseadas na resolução de problemas, confunde-se com o domínio de um conhecimento que é apenas representado pelos conceitos, sem que ele seja, muitas vezes, resultado de ações em que esteja envolvida a curiosidade e o desejo de saber.

Com a presença de materiais simples puderam discutir temas e conceitos de química mais complexos. Foi possível trazer os conceitos para se discutir durante a oficina de fotografia quando, por exemplo, os participantes “[...] disseram que queriam entender ‘*por que o papel fotográfico fica preto quando pega luz*’” (CORRÊA, 2000, p. 132, grifos do autor). Por cerca de três horas conversaram sobre “[...] noções de estrutura atômica, cargas elétricas, íons, a ação da luz sobre os átomos e a transformação dos íons prata em átomos de prata ou prata metálica” (CORRÊA, 2000, p. 133). Havia aí o desejo de querer saber o porquê. Segundo o autor, “haviam conquistado as dúvidas que apresentavam” (CORRÊA, 2000, p. 133, grifos do autor).

Podemos operar com materiais e conceitos assim como operamos com objetos, no sentido explicitado por Ingold. Arrastamos um móvel da sala para o quarto, movemos uma cadeira do quarto para a cozinha e tudo continua igual. O conceito continua funcionando como antes, pois consideramos sua imiscibilidade com o entorno e suas formas e conteúdos já estabelecidos a priori. Como se não pudéssemos discutir um conceito, retirar algumas coisas ou ancorar novos elementos a ele. O conceito seria, então, apenas transmitido, passado para outras pessoas.

Segundo a proposta de Ingold, a ênfase precisa estar nos movimentos e nas transformações dos materiais, ou conceitos, não nas formas já estabelecidas. Um material possui uma trajetória no mundo, um fluxo, um movimento e se compõe com demais materiais ao longo do tempo. Forma-se, então, uma coisa. Uma coisa pode ser um papel fotográfico, um liquidificador ou mesmo uma peça de roupa qualquer. Uma coisa continua em movimento, nunca está acabada.

Pensando a roupa como uma coisa

“Identidade”... de uma pessoa, de uma coisa, de um lugar. “Identidade”. A palavra em si me dá arrepios. Soa calma, cômoda, satisfeita. O que é identidade? Saber onde é o seu lugar? Conhecer o seu valor? Saber quem você é? Como se reconhece a identidade? Criamos uma imagem de nós mesmos, tentamos parecer essa imagem... É isso que chamamos de identidade? A semelhança entre a imagem que criamos de nós mesmos e nós mesmos? Quem é “nós mesmos”?

(Wim Wenders, *Notebook on cities and clothes*)

As palavras iniciais do filme de Wim Wenders são certeiras para um mundo que, em 1989, ano do filme, ainda estava se delineando. As máquinas fotográficas digitais eram novidades recém-lançadas nos países ricos, mas o cineasta já pensava nas mudanças que poderiam trazer não só para o cinema, mas também para as noções de identidade, originalidade, e na crença que construímos, que diz que as imagens são portadoras da verdade.

O filme mostra os caminhos entre o mundo do cinema e o da moda, especialmente ao acompanhar o trabalho do estilista japonês Yohji Yamamoto, uma pessoa que havia despertado a curiosidade do cineasta. Como bem mostra o filme, o mundo da moda é marcado pela efemeridade. Os produtos são lançados em um ano e são consumidos em pouco tempo, tornando-se fora de moda. É um campo extremamente competitivo. A indústria da moda é uma indústria globalizada.

Parece que moda e identidade são palavras contraditórias, como questiona Wim Wenders ao longo do filme. Uma remonta à mudança, ao consumo e ao que é efêmero, já a identidade, ao que é fixo e estável. Mesmo estando inserido nesse contexto, o trabalho de Yamamoto se distingue pela preocupação que o estilista tem com suas criações. Há uma preocupação com os materiais e suas texturas, e com as pessoas que vestem suas roupas. Normalmente, Yamamoto leva duas ou três semanas para desenvolver uma roupa quando lhe solicitam a fazê-lo, pois procura saber como cada indivíduo vive, pensa e age.

No filme, um livro de fotografias de pessoas do início do século XX é objeto de interesse recíproco entre Wim Wenders e Yohji Yamamoto. Nele, vemos que as pessoas, em geral, possuem as roupas e os corpos em sintonia com os trabalhos que realizam. É como se fossem elas próprias o seu cartão de visitas, como afirmam no filme. No entanto, Yamamoto parece estar mais interessado em pensar a roupa como aquilo que ela é, uma roupa, algo que cobre

nossos corpos, que nos protege do frio, uma materialidade que se altera com o tempo, ao invés de um produto destinado ao consumo imediato.

A indústria da moda é um campo interessante para pensarmos na globalização neoliberal e na ideia de processo. Um material modifica-se, agencia-se com outros, e torna-se um produto com a função de nos vestir e, quem sabe, de dizer quem somos, a qual grupo pertencemos e nossa classe social. Estamos, talvez, ainda muito preocupados em dizer quem somos, preocupados em definir, enquadrar, dar limites e estabelecer fronteiras, isso tudo em um mundo agitado e caótico que solapa constantemente nossas certezas.

Pensemos na cadeia produtiva do algodão, por exemplo. O algodão é plantado e, entre o plantio e a colheita, passam-se, em média, seis meses, considerando-se as variedades mais plantadas no mundo⁹. É a partir daí que se inicia o processo de transformação do algodão, fazendo com que este se torne, ao final do processo, um jeans ou uma camiseta, por exemplo. Muitas etapas são necessárias e milhões de pessoas no mundo estão envolvidas desde o plantio e a colheita até a confecção de artigos de vestuário.

Interessante pensar que um pequeno amontoado de fibras brancas, que cresce em uma planta de porte herbáceo, o algodoeiro¹⁰, transforme-se ao ponto de se tornar uma roupa. É este, aliás, o seu principal constituinte. Olhando para a natureza com mais atenção, logo percebemos que a mesma ideia se aplica às demais coisas. Como é possível que uma árvore se transforme em páginas de um livro? Como é possível que de uma rocha se extraia o ferro, que por sua vez se torna aço e dele sejam feitos carros, panelas e barcos?

Temos um longo processo de transformação das matérias-primas até a obtenção do produto desejado, sendo um processo predominantemente industrial no mundo contemporâneo. No caso do algodão, a fibra precisa se tornar fio, depois tecido e, por fim, tomar a forma de uma roupa qualquer. No livro *A trama da terceirização: um estudo do trabalho no ramo da tecelagem*, a pesquisadora Juliana Colli (2000) estuda o processo de restruturação produtiva das indústrias têxteis da região de Americana-SP, nos anos 1990. A autora mostra que a terceirização, apesar de já existir em situações pontuais nesse setor, vai se tornando a regra em todos os momentos da cadeia de produção de têxteis. Essa terceirização toma a forma das facções (também conhecidas como fações), que se multiplicam a partir dessa década. São pequenas indústrias subcontratadas que prestam serviços a empresas de médio ou grande porte,

⁹ A espécie *Gossypium hirsutum* é a mais cultivada no Brasil e no mundo e contém algumas variedades. (PASSOS, 1977; FUZATTO et al., 2014).

¹⁰ Há também variedades da espécie *Gossypium hirsutum* que desenvolvem plantas de porte arbóreo, mas atualmente são cultivos minoritários no país (FUZATTO et al., 2014).

tais como redes de lojas varejistas ou mesmo de marcas já conhecidas. As facções tornam-se responsáveis pelo processo de produção das roupas, recebendo das empresas contratantes instruções preestabelecidas acerca de como devem proceder na fabricação. Além disso, uma facção têxtil pode se especializar em uma ou mais etapas da produção de uma roupa, como, por exemplo, a confecção ou mesmo a tecelagem.

De acordo com Colli (2000), a primeira etapa da cadeia produtiva da indústria têxtil, no caso do algodão, inicia-se com o beneficiamento das fibras. Na sequência passa-se a fiação, que é a transformação das fibras em fios. Com os fios prontos, temos a tecelagem, quando uma trama é formada pelo entrelaçamento desses fios. Resulta daí o tecido. Depois, temos o acabamento, que engloba diversos processos, tais como o “alvejamento, tinturaria, estamparia, etc. – conferindo a esses produtos a cor desejada, determinado aspecto específico e outras características” (COLLI, 2000, p. 20). Por fim, a etapa final de confecção¹¹, quando o tecido se transforma em camiseta, camisa, calça, saia ou bermuda. Um tecido, portanto, toma uma forma específica. Na etapa de confecção, são empregados estilistas, máquinas de costura e muitos costureiros e costureiras em todo o mundo.

Cada peça de roupa, num armário qualquer, em qualquer ponto do mundo, tem uma trajetória e envolve uma infinidade de coisas, pessoas e processos. Quantas pessoas, em quantas fábricas, estiveram envolvidas na produção de uma única peça de roupa? Em que medida o algodão se desloca pelo mundo até se transformar em uma roupa? Por quais países ele viaja?

O caso dos Estados Unidos da América (EUA) nos fornece uma medida desse deslocamento do algodão. Na década de 1960, cerca de 95% das roupas comercializadas nos EUA eram fabricadas ali. Atualmente, esse percentual é para apenas 3% (THE TRUE, 2015). Contudo, ainda são o terceiro maior produtor de algodão do planeta e, também, o maior exportador dessa fibra, já minimamente beneficiada (COÊLHO, 2021). Quer dizer, boa parte do processo de produção de uma roupa não ocorre ali.

Dados da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Unido) vêm para reforçar o argumento de que a fabricação de roupas fica sob a responsabilidade de outros países. Segundo os dados da Unido (2022), em 2018, os Estados Unidos contavam com apenas 194 mil pessoas trabalhando diretamente na produção de têxteis, enquanto Bangladesh, que ocupava a quarta colocação no *ranking* dos países com maior número de empregos, tinha cerca de 655 mil. Os três primeiros países nesse *ranking* eram, respectivamente, China, Índia e

¹¹ Embora alguns textos defendam que a etapa da confecção seja considerada uma atividade a parte, nós a entendemos como parte da cadeia de produção da indústria têxtil, assim como o faz a autora deste livro (COLLI, 2000).

Indonésia. Para fins de classificação de dados, a Unido separa indústria têxtil de indústria do vestuário.

No caso da indústria de artigos de vestuário os números são diferentes, segundo os dados publicados pela Unido (2022). O número de empregos nos Estados Unidos é de apenas 79 mil. China e Bangladesh disputam a primeira colocação nesta classificação, com mais de 3 milhões e 200 mil empregos cada um. Na sequência, temos o Vietnam, com 1 milhão e 500 mil empregos e, posteriormente, a Índia, com cerca de 1 milhão e 200 mil. O Brasil, nessa classificação, aparece com mais de 500 mil empregos.

Podemos questionar esses dados, pois não fica claro se são apenas os empregos formais de cada país, ou se já estão incluídos nesses números as estimativas de trabalhadores informais, algo comum sobretudo nos países de média e baixa renda¹². De qualquer forma, eles mostram um panorama geral da concentração de empregos nas etapas de produção de uma roupa que demandam mais trabalho humano, principalmente a confecção.

O algodão é plantado em grandes áreas e colhido por máquinas, numa agricultura intensiva em tecnologia. Poucas pessoas trabalham nesse tipo de agricultura, porém, conforme avançamos nas etapas de produção de uma roupa, mais pessoas são necessárias. E a distribuição espacial desses empregos se concentra em países do terceiro mundo. O salário-mínimo em Bangladesh, por exemplo, era equivalente a cerca de 350 reais por mês, considerando o ano de 2020, e esse país é o segundo maior exportador de roupas do mundo (ELVEN, 2019).

Evidentemente a produção de algodão não se concentra somente nos Estados Unidos, pois Brasil, Índia, China e Paquistão também estão entre os maiores produtores dessa fibra. Mas é curioso ver um grande produtor de algodão importar quase todas as suas roupas. Essas importações são relações comerciais estabelecidas com base no critério de produzir mais pelo menor preço. Formam-se então redes de relações complexas e que envolvem grandes distâncias. O algodão, neste caso, precisa viajar pelo globo para se transformar em uma roupa; viajar para se tornar mais barato. Mas há limites para essas viagens? Há limites para tornar uma roupa ainda mais barata? É possível saber dessas viagens/deslocamentos ao lermos as etiquetas?

O que é uma etiqueta? Essa foi uma pergunta que mobilizou algumas buscas na internet com o intuito de compreender que tipo de informação precisa constar nela e o que se poderia descobrir do processo de produção de uma roupa. Mais especificamente, o que significa dizer que uma camiseta é fabricada no Brasil? É todo o processo que precisa ser feito em território nacional?

¹² Muitas vezes há choque de informações, pois os critérios para contabilizar o número de empregos em cada setor difere consideravelmente em cada país e, também, nos diversos estudos consultados.

Em relação à última pergunta, já tinha muitos indicativos de que somente as etapas finais precisam ser realizadas no país para se obter o título de nacional. Nesse sentido, o Decreto nº 7212 de 2010, que regulamenta a cobrança de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), corrobora esse argumento. Nesse Decreto, a industrialização é definida como uma “operação que modifique a natureza, o funcionamento, o acabamento, a apresentação ou a finalidade do produto [...]” (BRASIL, 2010, online), incluindo a montagem de peças para a produção de um outro produto e também a alteração da embalagem que envolve o artigo produzido. Isso já fornece pistas para podermos imaginar por onde passa o algodão até se tornar uma roupa.

Há diversas normas e portarias do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO) que regulam a apresentação, a embalagem e/ou etiquetagem dos produtos comercializados no país. O Código de Defesa do Consumidor (BRASIL, 1990, online) diz que todos os produtos ou serviços comercializados precisam apresentar “informações corretas, claras [...] sobre suas características, qualidades, composição, preço, garantia, prazo de validade e origem”. Mas a clareza quanto à origem pode ser questionada.

No Mercado Comum do Sul (Mercosul), temos um regulamento único sobre a etiquetagem de produtos têxteis (BRASIL, 2021a). Todos os têxteis são obrigados a apresentar nome, razão social ou marca registrada no país de consumo, juntamente com a identificação fiscal, no caso do Brasil o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Devem apresentar ainda o país de origem, o nome das fibras têxteis, identificando a sua massa em percentagem e, por fim, os cuidados necessários para a sua conservação.

Uma questão que se sobressai ao ler esse Regulamento e o procedimento elaborado para fiscalizar se essas informações apresentadas estão corretas (BRASIL, 2021b) é que fios, tecidos e confeccionados são considerados coisas distintas entre si. Para cada coisa, há exigências específicas, tal como o local onde essas informações devem estar no caso de um rolo de fio ou de uma camiseta, por exemplo. Um rolo de fios de algodão deve apresentar todas essas informações se for comercializado, seja para outras indústrias, seja no varejo. O mesmo vale para um tecido e para uma peça de roupa. A menos que os processos de fiação, tecelagem e confecção ocorram na mesma empresa, algo raro atualmente, perde-se a trajetória desse material. Na prática, é como se a trajetória do fio de algodão só começasse no local onde foi fiado. Ao ser tecido, sua trajetória é apagada e se recomeça outra vez, de tal maneira que somos levados a crer que a trajetória de uma roupa só começa no local onde foi confeccionada. Talvez a etiqueta contenha apenas a informação necessária para que os órgãos de Estado fiscalizem e cobrem os impostos, e cada coisa contenha a informação necessária para sua etapa e nada mais.

Contudo, sabemos que a trajetória das coisas ultrapassa esses limites estabelecidos burocraticamente, ultrapassa essas etapas e que em cada coisa estão implicados inúmeros processos que não cabem em uma etiqueta. Um produto industrializado é mais que a simples montagem de peças. Uma roupa reúne muito mais processos que a confecção: ela é uma profusão de relações e processos. A roupa é uma *coisa* e a etiqueta só nos mostra uma pequena parte dos movimentos da coisa no mundo.

Instigado por essa reflexão, chamou-me atenção uma camiseta que estava sobre uma poltrona ao lado da cama. Em sua etiqueta, constavam todas as informações exigidas por lei: a marca registrada, o CNPJ, o material de fabricação, os cuidados para conservação da roupa e o local de fabricação. Tratava-se de uma camiseta da marca Renner®, 100% algodão, fabricada no Brasil. A princípio, pensei que realizar uma oficina com as etiquetas das roupas pouco acrescentaria ao tema da globalização. Todavia, um olhar mais atento e uma pesquisa mais aprofundada mostraram que há questões importantes numa simples etiqueta.

Como vimos, o título “fabricada no Brasil” não garante que todo o processo de transformação do algodão tenha se dado em solo nacional, uma vez que, após a crise e a posterior reestruturação produtiva dos anos 1990, grandes indústrias têxteis brasileiras intensificaram a terceirização da sua produção, concentrando-se no desenvolvimento e valorização das próprias marcas – como aponta Ivo Raulino (2011) em seu trabalho acerca da reestruturação produtiva das grandes empresas têxteis do Médio Vale do Itajaí-SC. Além disso, com a valorização do real em relação ao dólar e com a redução das alíquotas de importação, boa parte dos fios e dos tecidos começou a ser importada de países asiáticos (COLLI, 2000; RAULINO, 2011).

Após mais buscas, encontrei em um site de um jornal de economia que 70% dos fornecedores da Renner® são nacionais (MALTA, 2019). Porém, no site da empresa, o link onde consta a planilha atualizada dos fornecedores não funciona. Curioso. Depois de realizar buscas no portal de periódicos da Capes e no Google Acadêmico, nada encontrei acerca dos fornecedores dessa empresa nos trabalhos acadêmicos na área da economia e da moda.

Percebi a dificuldade em saber de onde as coisas vêm, onde as roupas são feitas. Passei horas e horas tentando montar a cadeia produtiva de uma simples camiseta de algodão, numa espécie de investigação policial, e nada descobri além do que está escrito na etiqueta. A mesma situação ocorreu com etiquetas de outras roupas, de outras marcas, pois estava obstinado em descobrir essas coisas. Não acreditava na impossibilidade de encontrar essas informações!

Então, a partir dessas pesquisas, decidi elaborar uma oficina selecionando algumas roupas pessoais que estavam separadas para doação. Cada um dos participantes teria em mãos

uma dessas roupas e iria responder a algumas questões, tais como: material/matéria-prima do produto, o nome da marca e local de fabricação indicado, informações que já constam nas etiquetas. Para além dessas perguntas, cuja resposta está na etiqueta, uma questão deveria instigar os participantes a pesquisar o processo de produção dessa roupa. É possível descobrir onde todas as etapas de fabricação de uma roupa foram feitas?

Com essa última pergunta, além de enfatizar o caráter processual da fabricação de uma roupa, a pesquisa poderia mostrar que a marca que consta na etiqueta não necessariamente é a que produz a roupa. Uma empresa detentora de uma marca conhecida pode mobilizar diversas outras, em território nacional ou no estrangeiro, para confeccionar um artigo de vestuário qualquer. Nesse caso, a hipótese é de que os estudantes se deparariam com a dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de conhecer a trajetória das roupas, os locais onde são feitas.

Essas perguntas seriam respondidas mediante buscas realizadas na internet, tanto em smartphones como em computadores, assim como estava fazendo. Mas, antes de propor essa pesquisa para outras pessoas, era necessário que eu mesmo me engajasse em buscas com novas roupas. Ainda não estava convencido de que não se encontrariam informações sobre o processo de fabricação. Necessitava de mais dados. Assim, selecionei outras roupas em meu armário e fui à procura de respostas.

Selecionei outras duas camisetas e uma bermuda para a realização dessa oficina. Tentei responder às mesmas perguntas feitas anteriormente para aquela camiseta que estava sobre a poltrona, na tentativa de praticar as oficinas comigo mesmo.

Uma das camisetas selecionadas sequer especificava o material de confecção, o qual julguei ser o algodão, dada a semelhança com as demais camisetas feitas com esse material. Tratava-se de uma camiseta de cor preta, fabricada por uma microempresa no município de Cocal do Sul-SC, e que continha a logomarca de uma escola da região. Era uma camiseta encomendada pela escola onde estudei no Ensino Médio.

A marca Rastro Rio, que fabricou essa camiseta, deixou de existir em 2014. A pesquisa com o CNPJ fornecido na etiqueta, realizada no site da Receita Federal, não revelou muito sobre o seu processo produtivo. Entretanto, há uma grande probabilidade de que essa roupa tenha sido apenas confeccionada nessa empresa, pois é o que acontece em inúmeras microempresas têxteis da região. Os tecidos já vêm prontos de outros locais, mas, neste caso, não sabemos quem são esses outros.

A segunda camiseta, fabricada em 100% algodão, era da marca TNG®, uma empresa conhecida no Brasil. Contudo, na etiqueta consta que foi fabricada no Peru, mas importada para

o Brasil pela TNG®. Essa camiseta era de cor azul, decote em V, com uma frase em inglês na parte frontal: *All we are saying is give peace a chance.*

A pesquisa com o CNPJ revelou o endereço de uma filial em Três Lagoas-MS. Nesse local, segundo consta no site da Receita Federal, ocorre o comércio atacadista e varejista de produtos têxteis e, sobretudo, realiza-se a confecção de peças de vestuário. Interessante é que há um número de identificação do fornecedor na etiqueta, mas que, ao que tudo indica, serve apenas para a própria empresa. No site da TNG® não há nenhuma informação sobre seus fornecedores e não encontrei nenhum trabalho acadêmico ou artigo de jornal que mostrasse com mais detalhes a cadeia produtiva da empresa e seus fornecedores.

A outra peça selecionada para a oficina foi uma bermuda jeans, de cor azul escuro, 100% algodão, fabricada pela Hering®, no Brasil. Por meio da etiqueta, descobri também que esse modelo é exportado para o Uruguai, Paraguai, Venezuela e Peru. O endereço fornecido pela pesquisa com o CNPJ é o da matriz, localizada em Blumenau-SC. Nessa unidade fabril, realiza-se, sobretudo, a fabricação de artigos de vestuário, mas também ocorre a tecelagem de fios de algodão, a fabricação de tecidos de malha, além de comércio atacadista e varejista.

No site da Companhia Hering®, na seção investidores, há uma apresentação institucional que revela que o processo produtivo da empresa é híbrido. Apesar de os números serem confusos, uma boa parte do processo de transformação do algodão é feita pela própria Hering. Se considerarmos todas as roupas que são vendidas com a etiqueta de uma das marcas da empresa, teremos também as roupas que são inteiramente fabricadas por terceiros, sejam eles nacionais ou estrangeiros.

Com uma investigação mais detalhada, descobri que a Hering® se desfez de toda a parte de fiação ainda nos anos 1990 e que, posteriormente, também se desfez de uma parte da tecelagem (RAULINO, 2011). O que permanece “dedica-se principalmente à produção de tecidos planos [...] para a confecção de roupas da linha de jeans” (RAULINO, 2011, p. 195).

Ainda segundo Raulino, nesse texto sobre a reestruturação produtiva de grandes empresas têxteis, a produção própria da Hering® concentra-se “em Blumenau, nas unidades remanescentes, na unidade de Anápolis (GO), e na unidade de Parnamirim (RN)” (RAULINO, 2011, p. 210). Além da produção de suas marcas próprias, a empresa também comercializa uma pequena parte no formato *private label*. Esse tipo de produção é feita sob encomenda de outras marcas ou lojas, que requerem, inclusive, o direito de colocarem suas próprias marcas na etiqueta.

Ainda assim, a bermuda jeans da Hering® foi a peça de roupa da qual extraí a maior quantidade de informações. A suposição, neste caso, é que a roupa tenha sido tecida e

confeccionada em Blumenau, já que eu mesmo a comprei na loja anexa à fábrica de Blumenau, no ano de 2015. Mesmo assim, nada se sabe sobre a fiação e a origem do algodão. O que dizer, então, das demais roupas? De onde veio o algodão e em quais condições foi cultivado e colhido? Quanto recebe cada pessoa que manuseia o algodão durante a longa jornada das plantações até as lojas?

A informação que não satisfaz

Fui convidado a realizar minha oficina com os alunos da disciplina de Educação Ambiental, ministrada por Ana Preve, no curso de licenciatura em Geografia. O convite foi motivado por um dos textos da disciplina que, segundo ela, tinha a ver com a minha abordagem do tema da globalização e a problematização acerca das trajetórias/movimentos do algodão. O texto se chama *Ecologia de Rebanho* e é de autoria de Ana Preve e Guilherme Corrêa (2007).

Ao aceitar o convite, me dispus a reler o texto e, à medida em que lia, ficava evidente a conexão entre ambos. Mas essa relação entre oficina e texto só foi explicitada aos participantes durante a oficina. Todos aqueles que receberam o material previamente preparado e enviado para a realização da oficina não sabiam exatamente o que haveria dentro. Disseram que esperavam receber plantas, folhas ou sementes de plantas. Como disse uma participante, esperavam receber “alguma coisa a ver com o ambiente”. Essa fala, em uma das oficinas, foi disparadora de uma conversa para relembrarmos o texto e as possíveis relações com ele. No decorrer da oficina percebemos juntos a existência de tais conexões com o texto.

Em *Ecologia de Rebanho* são relatadas algumas experiências com alunos de estágio de cursos de licenciatura no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina (PREVE; CORRÊA, 2007). Em uma dessas situações, uma aula de Educação Ambiental, o professor estagiário problematiza de onde vinha o lixo que era consumido na sala de aula. Entre embalagens de salgadinhos, pedaços de giz e bolinhas de papel que encontraram na lixeira da sala, a palavra ‘fábrica’ foi aquela que satisfez as dúvidas sobre a procedência daquelas coisas. O professor, porém, estimulou os alunos a pensarem que, para além da fábrica, as coisas tem origem na natureza, em primeiro lugar. Há uma complexa rede que envolve extração e beneficiamento de matérias-primas, transformação em produtos destinados ao consumo e, inclusive, o transporte até lojas e mercados.

Em um segundo momento, a atenção dos alunos se dirigiu para a destinação de uma simples bolinha de papel após ter sido jogada na lixeira. O estagiário solicita um desenho que mostre para onde vai a bolinha de papel encontrada na lixeira da sala de aula. Todos os

desenhos, com detalhes e quantidades de elementos diferentes, mostravam as usinas de reciclagem como o destino final daquele papel amassado. Além disso, esqueciam-se de todo um processo de transformação ao qual o lixo é submetido até se tornar algo ‘novo’. Nas palavras dos autores,

[...] o mais curioso é que todas essas *usinas de reciclagem* eram dotadas de uma entrada, em que o lixo era depositado, e uma saída, da qual os objetos que haviam sido lixo saíam recompostos por um mágico processo de reciclagem (PREVE; CORRÊA, 2007, p. 211, grifo dos autores).

Por fim, a ida ao depósito de lixo da cidade desfaz uma imagem pronta e aprendida sobre a destinação ecologicamente correta do lixo. A experiência de apenas alguns minutos no lixão visitado pelos estudantes foi suficiente para desmanchar a ideia de que todo o lixo produzido é destinado à fabricas de reciclagem. Não era, definitivamente, o que acontecia ali. Além do odor fétido do lixão, viram que “reciclar lixo dependia de uma primeira e sórdida etapa: homens, mulheres, crianças, velhos e jovens – jovens como ele – correndo, num silêncio grave, para disputar o que de melhor o lixo tinha a oferecer” (PREVE, CORRÊA, 2007, p. 213).

Diante dos desenhos que os estudantes produziram, poderia se argumentar que haviam aprendido muito bem qual seria a destinação ecologicamente correta para os resíduos da cidade. Mas nada disso ocorria ali. Olhar de frente para o lixão foi impactante. Foi incômodo dar-se conta de que a efetiva reciclagem ocorria por intermédio das pessoas que moravam próximas ao lixão e que escolhiam para si, com as mãos nuas, as coisas que eram resíduos do consumo daqueles que viviam na cidade.

Pode ser incômodo dar-se conta dos processos das coisas. Ficamos protegidos dessas perturbações ao pensar que o lixo entra por uma esteira e sai ao final magicamente reciclado e ‘novo’. O lixo simplesmente não desaparece. Antes de se tornar lixo, ele veio de algum lugar, algumas pessoas foram implicadas na sua fabricação e outras no consumo. Quando a ‘coisa’ já não serve mais aos propósitos iniciais, transforma-se em lixo e vai para outro lugar, onde outras pessoas estão implicadas na sua reutilização ou reciclagem.

O mesmo pode ser pensado sobre as roupas. Pessoas e recursos se implicaram de alguma maneira durante a sua fabricação. Em quais condições de trabalho ocorreu a fabricação e em quais condições ambientais? Qual a trajetória do algodão desde sua plantação até as lojas de roupas? São perguntas similares a essas que nos impelem a pesquisar. No decorrer da pesquisa, tentamos visibilizar o emaranhado de linhas realizado pelos movimentos de uma simples peça de roupa ao redor do globo. Estamos dispostos a confrontar-nos com os processos?

Olhar para os processos pode ser trabalhoso e pode nos inquietar. Essa inquietação é uma insatisfação com a informação disponibilizada na internet, pelas próprias empresas de roupas, é que motivou alguns jornalistas a realizar o documentário *Luxury: behind the mirror of High-End Fashion* (2018). Esse filme possui um caráter investigativo e o modo em que foi produzido se assemelha com as investigações que fazemos para saber de onde nossas roupas vem e como são produzidas. A descoberta desse documentário me causou surpresa, parecia ter sido feito sob encomenda para essa pesquisa.

Neste caso, ao invés de roupas compradas em um brechó, eles se inquietam com os acessórios de couro de marcas de luxo, tal como Louis Vuitton® e Max Mara®. O que teria de especial em bolsas de couro que custam mais de 1300 dólares? O código de ética da Louis Vuitton®, publicado no site da empresa, parece indicar uma resposta para esse preço elevado. Somente fornecedores que atendam uma série de requisitos podem estabelecer relações comerciais com a empresa. E, como não conseguiam saber quem eram os fornecedores, partiram para as buscas.

Em uma pequena cidade na região da Toscana, no centro norte da Itália, concentram-se mais de 700 fábricas de curtume, muitas delas são fornecedoras de marcas de luxo, incluído a Louis Vuitton®. Essa descoberta se deu após diversas telefonemas feitos a essas empresas. Uma delas, a Zabri®, aceitou receber a visita dos jornalistas. O dono do local os recebeu com entusiasmo, mostrando o interior da fábrica durante o expediente de trabalho. Tudo se encaixava nas normas de conduta exigidas pela contratante. Porém, apenas o final do processo era feito ali.

Ao visitar os locais responsáveis pelo início da cadeia produtiva do couro, chama a atenção dos jornalistas o abate dos animais e o cheiro de enxofre, característico das etapas iniciais de beneficiamento desse material. A visita a uma empresa fornecedora da Zabri® e, portanto, subfornecedor da Louis Vuitton®, chama ainda mais a atenção. Quase todos os trabalhadores eram senegaleses. A receptividade do dono da fábrica foi diferente em comparação com a primeira empresa, questionava as perguntas que lhe eram feitas e por vezes se incomodava com a presença da câmera.

Conversar com as pessoas nas ruas é sempre valioso. Esses encontros requerem um grau de confiança entre as pessoas e os pesquisadores. Mas, coisas que não constam nos documentos oficiais aparecem nas conversas. Começamos a ver o outro lado da produção de artigos de luxo: contratos precários, de duração de horas ou dias, o índice de acidentes de trabalho dos imigrantes é o dobro em relação aos funcionários italianos, jornadas diárias de trabalho

ultrapassando as 12 horas e casos de violência entre trabalhadores com níveis hierárquicos diferentes.

Há, porém, quem já havia questionado sobre as relações de trabalho nessas fábricas. Um estudo feito por um italiano, e financiado pela União Europeia, provocou reações dos donos de fábricas de curtume da região. Sem que houvesse uma checagem dos fatos ou revisão do trabalho, esse estudo foi tirado de circulação por meio da ação de lobistas que atuam pressionando a Comissão Europeia.

Podemos pensar muitas coisas a partir desse filme. Se relações de trabalho precárias e, por vezes, abusivas, acontecem em um país do chamado primeiro mundo, o que diremos, então, de países como Brasil, Bangladesh ou Peru? Da vastidão da rede mobilizada para a produção de uma bolsa de couro, conseguimos, na maioria das vezes, saber somente da marca e do país onde foram realizadas as etapas finais de produção.

Pesquisar os processos de produção das coisas, para além das informações disponibilizadas na internet, pode, como no caso exemplificado no documentário, afetar a imagem que uma empresa constrói de si mesma e que nós construímos dela, além de pressionar a empresa a rever seus contratos com os fornecedores, colocando em risco a margem de lucro obtido nessas relações. Mais seguro e confortável seria confiar na informação disponível na etiqueta ou no site da própria empresa, crentes de que não há problema que necessite de nossa atenção.



4 MOVIMENTANDO UMA OFICINA: “NAS TRAMAS DA GLOBALIZAÇÃO”

O interesse em praticar essas ideias com outras pessoas me fez olhar com mais atenção para os recursos a serem mobilizados nas oficinas. Precisaria de mais roupas, além daquelas separadas para doação, para poder enviar aos participantes. Assim, fui a um brechó em um município do interior de Santa Catarina. Incomodava-me de ter que fazer uma oficina de forma remota, pois a interação entre nós se daria somente por uma tela. Queria que pudessem, ao menos, tocar em um material e que fosse um pouco diferente das aulas online que estávamos tendo. Afinal, tratava-se de oficinas e não de meios para melhorar as aulas, como afirma Corrêa (2000).

Com um orçamento de até 5 reais por peça de roupa, comprei cerca de 20 itens. Os únicos critérios de seleção foram o preço, o material de algodão (ao menos a maior parte de algodão) e a presença de etiquetas legíveis. Foi necessário, também, pensar em como esse material chegaria até eles. O modo mais econômico seria por envio de encomendas do tipo PAC, dos Correios, com valor mínimo de 25 reais por pacote. Aí apareceu o impasse do orçamento: se enviasse o pacote a todos os participantes, a oficina se tornaria inviável, o que me impeliu a estabelecer o número máximo de oito envios.

Desse modo, estabeleci duas modalidades de participação: somente online e durante o encontro síncrono, ou ao manifestar interesse em receber o pacote em casa, participando também da atividade individual anterior ao nosso encontro. Essa decisão foi motivada pela percepção de que temos maiores limitações de tempo diante de uma tela e que, por isso, quem desejasse receber uma peça de roupa teria que fazer as pesquisas em um outro momento.

Enviei uma mensagem no grupo de Whatsapp da disciplina de Educação Ambiental, explicando que os interessados na oficina sobre globalização poderiam optar por receber uma pequena encomenda, que continha, entre outras coisas, um manual de instruções explicando o exercício de pesquisa que teriam que realizar. Disse, também, o número máximo de pessoas que poderiam participar nessa modalidade.

De início, pensei que conseguiria um número razoável de interessados nas encomendas, pois 37 era o número de matriculados na disciplina. Na primeira tentativa, consegui apenas 4. Na segunda e última tentativa, enviei outra mensagem ao grupo dizendo que restavam ainda 4 vagas, caso mais pessoas quisessem. No final, consegui exatamente 8 pessoas.

Em cada pacote havia um manual de instruções, uma peça de roupa dentre aquelas compradas no brechó, uma folha de papel almanaque, um chumaço de algodão e um pedaço de barbante enrolado. Além do cuidado para que os pacotes chegassem até eles com um prazo

máximo de até uma semana antes do nosso encontro, deparei-me com outra questão: 37 participantes em uma oficina seriam muitos. Com alguma negociação, consegui dividir a oficina em duas, sendo que somente metade dos participantes estariam comigo no mesmo momento. Dos 8 que receberam os pacotes, é claro, 4 estiveram presentes no primeiro encontro e 4 no segundo.

Motivado por essa pesquisa com as etiquetas de roupas, elaborei um manual de instruções para que os interessados nas oficinas realizassem a atividade de pesquisa antes do encontro. Nesse manual de instruções havia, entre outras coisas, três perguntas acerca das informações presentes na etiqueta, sendo que uma delas necessitava de uma pesquisa mais detalhada.

Essas perguntas são fruto do processo de elaboração das oficinas. Quando pesquisava sozinho com as roupas, bastavam perguntas mais abertas, pois sabia o que estava procurando. Porém, no momento de elaborar estratégias para abordar a questão com outras pessoas, a situação se altera. As perguntas precisam ser diretas. Os participantes precisam saber com clareza o que se solicita em uma questão.

Figura 2 – Captura de tela do arquivo contendo o manual de instruções

Nas tramas da Globalização <i>Manual de instruções da oficina</i>
<p>Além deste manual de instruções, você recebeu uma peça de roupa adquirida em brechós no sul de Santa Catarina, uma folha de papel almanço, um pedaço de barbante e um chumaço de algodão. Todos os itens estão devidamente higienizados!</p> <p>E essencial a realização desta atividade para o nosso encontro síncrono na aula de Educação Ambiental.</p> <p>Você e os demais participantes da oficina receberam uma peça de roupa feita de algodão, ou, em alguns casos, feita majoritariamente de algodão. A sua primeira tarefa é olhar a peça de roupa atentamente, procurando nela a(s) etiqueta(s) presente(s). Na sequência, responda, na folha almanço, as seguintes questões:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Qual a marca da roupa? 2) Qual o país de fabricação? Além do país, é possível saber a cidade ou o local em que foi fabricada? <p>Para responder a última pergunta, você vai precisar realizar uma breve pesquisa na internet:</p> <ol style="list-style-type: none"> 3) O algodão passa por diversos estágios até se transformar na roupa que você recebeu. No processo industrial de fabricação, de maneira geral, ele é colhido dos algodoeiros, passa por um processo de limpeza e é submetido ao processo de fiação, transformando o pequeno amontoado de fibras de algodão em fios. A etapa seguinte é a tecelagem, quando diversos fios se entrelaçam até se tornarem um tecido. A confecção é quando ocorre o corte e a costura do tecido para dar a forma a uma peça de roupa qualquer: calça, camiseta, meias, etc. Você acha que todos esses estágios de fabricação foram realizados na empresa que consta na etiqueta? Pesquise na internet o processo de produção da empresa/marca que consta na roupa que você recebeu. É possível encontrar alguma informação? <p>Dicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • No site da Receita Federal é possível fazer uma consulta ao CNPJ das empresas, bastando digitar apenas o número CNPJ para obter um Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral. Consta nesse certificado, na maioria das vezes, as atividades produtivas autorizadas naquele local. Link: http://servicos.receita.fazenda.gov.br/Servicos/cnpjreva/Cnpjreva_Solicitacao.asp • Outra dica é pesquisar no site da própria empresa, quando houver. • Se desejar uma pesquisa mais aprofundada, pesquise por trabalhos no Google Acadêmico. Especialmente no caso de grandes empresas, você poderá encontrar um trabalho que mostre a cadeia de produção da empresa.

Fonte: elaboração do autor, 2021.

Conforme o manual acima (Figura 2), a primeira pergunta pedia a marca da roupa, a segunda, o local de fabricação – país, região ou cidade, e, por fim, a terceira questão. Esta última pergunta era a mais extensa e contava com uma breve explicação sobre o processo de transformação do algodão até se tornar uma roupa. A primeira etapa elencada era a fiação, seguida da tecelagem, terminando com a confecção. A partir dessa explicação, algumas perguntas se seguiam: “Você acha que todos esses estágios de fabricação foram realizados na empresa que consta na etiqueta?” Em seguida, solicitava uma pesquisa na internet acerca do processo produtivo da empresa/marca dessa roupa, terminando com a seguinte pergunta: “É possível encontrar alguma informação?” No final do manual, fornecia dicas de locais prováveis onde era possível encontrar informações, como o site da Receita Federal, o site da própria

empresa (quando houvesse), ou em trabalhos acadêmicos que porventura existissem sobre a empresa em questão.

Durante os momentos finais de preparação para a oficina, percebi que precisava organizar melhor tudo o que havia estudado e aprendido até então. Dados da balança comercial brasileira, número de empresas têxteis por região do Brasil, informações sobre o plantio e a colheita do algodão, e dados sobre a reestruturação produtiva das indústrias têxteis brasileiras. Além, é claro, dos dados obtidos com as pesquisas feitas com as roupas de que dispunha em casa.

De maneira geral, desenhei a oficina para ocorrer em três momentos. Inicialmente, conversávamos a partir do manual de instruções que haviam recebido. Uma conversa sobre o modo como fizeram aquelas pesquisas com as etiquetas e que tipo de resultados obtiveram. A partir disso, tinha a oportunidade de apresentar as informações e os dados das minhas pesquisas sobre a indústria têxtil, a produção e o cultivo do algodão e sobre as etapas de transformação a que é submetido até tornar-se uma roupa. No momento final, a conversa encaminhava-se para pensar nos espaços em que as roupas eram produzidas. Onde eram feitas, afinal? É possível descobrir?

Há pessoas interessadas do Pará a Santa Catarina! A primeira oficina online

A primeira oficina que realizei ocorreu em razão de um convite para participar das atividades do dia do professor de geografia, organizado pelo curso de licenciatura em geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). O manual de instruções para a oficina com os alunos da disciplina de Educação Ambiental da UDESC já estava preparado, logo enviaria os pacotes, e eis que surge este inesperado convite. Na empolgação em iniciar a fazer oficinas, decidi aceitar a proposta. Esta oficina ocorreria alguns dias antes do primeiro encontro com os estudantes de Educação Ambiental, e todo o planejamento teve que ser alterado antes mesmo de começar, pois enviar pacotes de Santa Catarina ao Pará era economicamente e logicamente inviável. Assim, a oficina já surge com uma variação, uma outra composição, já que as pessoas tiveram que escolher uma peça de roupa própria para realizar a pesquisa.

As manifestações dos participantes se deram, de início, ao mostrar as roupas que tinham escolhido para a pesquisa. Logo, alguém disse da dificuldade de encontrar roupas feitas somente de algodão e, um após o outro, quase todos se queixaram dessa impossibilidade. E não foi apenas nessa oficina que isso ocorreu. Porém, deixei explícito no manual de instruções que

poderiam se utilizar de roupas feitas majoritariamente de algodão, pois isso era algo que eu já havia constatado em meu guarda-roupa.

Ainda no início da oficina, outra situação comum entre quase todos os participantes foi a dificuldade de encontrar uma roupa com a etiqueta intacta, pois, segundo eles, costuma-se arrancar a etiqueta logo que possível, evitando causar incômodo no momento de vesti-la. E, por coincidência, a mesma situação ocorreu em outras oficinas.

Quanto aos resultados das pesquisas, esses foram muito variados. Tínhamos camisetas fabricadas em Marrocos, no Egito, em Bangladesh e no Brazil, com a letra “z” mesmo. Das roupas marcadas na etiqueta como nacionais, tínhamos marcas da região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, e uma de Minas Gerais. A empresa de Minas Gerais revela, em seu site próprio, informações sobre o processo de produção das roupas, como por exemplo, o Estado da federação em que o algodão é plantado e o local de confecção. A participante que selecionou essa roupa afirmou prezar por comprar produtos em que se possa, ao menos, saber um pouco mais das origens das coisas e como são feitas. O pouco a mais foi dito em relação ao que é informado na etiqueta.

Essa participante não estava vinculada ao curso de geografia, estudava jornalismo em uma cidade distante daquela, em outro campus da mesma instituição. Disse-nos, durante o encontro, que descobrira a oficina pela internet e decidiu se inscrever. Ficou evidente que estava interessada na questão proposta. Apesar de todas as limitações físicas no formato remoto, fiquei satisfeito pela oportunidade ofertada a pessoas que quisessem participar, mas que estavam distantes espacialmente. Aliás, minha própria presença ali era resultado disso.

Outra participante, dessa vez da região do Vale do Itajaí-SC, ficou sabendo da oficina por meio de uma amiga que estava vinculada ao curso de geografia e decidiu se inscrever. Trouxe uma camisa masculina, de alto valor comercial, de uma marca da mesma região onde vive em Santa Catarina. Aqui também foi outro momento em que vi o engajamento da pessoa na sua própria pesquisa, seu tom de voz era empolgado e nos trouxe informações buscadas a fundo nos sites de pesquisa.

Chamou-me atenção o fato de que o espaço criado pela oficina nos dava a possibilidade de pensarmos sobre as coisas que consumíamos, desde roupas até equipamentos eletrônicos. Como se, ao puxarmos um fio solto de uma peça de roupa, vinha à tona um emaranhado de questões relativas às coisas com as quais compúnhamos nossas vidas, aos materiais que compunham essas coisas e aos movimentos que faziam na vida. Expressões como “sempre arranco as etiquetas” e “nunca tinha pensado atentamente sobre as coisas que uso”, como

afirmavam com frequência os participantes, são indícios de nossa pouca atenção com as coisas, de modo geral.

Ao mesmo tempo, tínhamos pessoas que participavam justamente porque se interessavam em dedicar mais tempo e atenção às coisas e aos materiais. A distância não foi um impedimento para que o encontro acontecesse. Nesse sentido, a oficina online favoreceu o encontro de pessoas interessadas numa mesma questão.

Silêncio e interesse: quando participar não vale pontinhos

As oficinas com a turma de Educação Ambiental finalmente aconteceram. Pensei na importância de iniciar nosso encontro destacando características importantes nas oficinas: a participação por interesse, o ambiente de diálogo entre o proponente e os demais participantes e o enfraquecimento de hierarquias. Disse, também, que se tratava de uma estratégia que desenvolvi a partir de uma questão e tema de meu interesse, e que, agora, teríamos o encontro com outras pessoas também interessadas no tema.

Sabia que o nosso encontro se dava no horário da aula de Educação Ambiental e não queria trair uma das coisas mais importantes nesse tipo de trabalho: a livre participação. Mesmo sem ter conversado com a professora da disciplina, que naquele momento ministrava a aula para a outra metade da turma, disse aos participantes que não iria registrar ausência ou presença nesse dia. Assim, não foram pressionados a permanecer na sala. Não percebi, contudo, nenhuma evasão em massa de estudantes. Tanto no grupo A quanto no B estiveram presentes cerca de 15 pessoas.

Logo de início, pedi que eles ligassem suas câmeras e senti o longo silêncio que se seguiu. Ninguém queria ligar. Somente aqueles que receberam os pacotes abriram momentaneamente para mostrar o que haviam recebido. No geral, abriam os microfones quando necessitavam intervir e achei que nossa interação podia continuar dessa forma, eu com a imagem e a voz, e eles com a voz. Ficou evidente a diferença de participação entre aqueles que se dispuseram a receber os pacotes e aqueles que não receberam. Sim, a vontade de realizar uma atividade extra diz do interesse na questão e da disponibilidade também.

Os que decidiram receber os pacotes待iveram-se algumas horas nas pesquisas com as etiquetas, o que me surpreendeu. Mas, mesmo alguns que não receberam tinham alguma história para contar. Houve quem disse que sua mãe já havia trabalhado na colheita do algodão, em Minas Gerais, em algum momento do passado. Uma jovem disse conhecer uma feira de roupas em Fortaleza (CE), na qual os preços praticados eram muito baixos em relação aos preços de

mercado. Ficava espantada ao pensar em quanto ganhavam os trabalhadores que fabricaram aquelas roupas, dado o baixo preço de venda.

Outra situação que gerou interesse foi quando mencionei o documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), que mostra a vida das pessoas de uma cidade considerada a capital do jeans, Toritama (PE). Ao invés de dar ênfase a aspectos da organização da produção, ou como a cidade se tornou uma das maiores produtoras de jeans do Brasil, o filme mostra a relação das pessoas com o trabalho. Enfatiza a percepção que as pessoas têm como empreendedoras de si mesmas num regime de trabalho terceirizado, no qual pequenas confecções suprem a demanda de grandes empresas. Ao falar desse filme, outros participantes que não haviam se manifestado abriram o microfone para dizer a sua palavra sobre o filme, sobre o que mais havia despertado a sua atenção.

Nessas oficinas, não deixei de apresentar o que estava estudando. Por exemplo, apresentei dados da balança comercial brasileira referente ao algodão, que nos mostram que o Brasil é um grande produtor e exportador de algodão em pluma, ou seja, com pouco grau de transformação. Ao mesmo tempo, importamos uma pequena quantidade de fios de algodão e muitos fios sintéticos, como o elastano, para a produção de roupas de material sintético ou misto com o algodão. A informação e o conteúdo não eram o ponto de partida das oficinas, sendo trazidos à tona na medida em que a conversa sobre as pesquisas com as roupas avançava.

Saber que as pessoas participavam porque tinham interesse e/ou algo a dizer, tirou-me um grande peso, pois sei o que pode se tornar um longo silêncio em uma aula. Conheço a necessidade de ter que preenchê-lo explicando algum conteúdo. Sobre um período de silêncio poderíamos pensar muitas coisas: que todos estão entediados, que aquilo que falo não está interessante, ou seja, algo pensado como uma falta de minha parte, alguma habilidade que não posso. Mas, quem sabe, o silêncio possa indicar que os participantes julguem não ter nada a dizer, ou que estão interessados somente em ouvir, e que existem muitos graus de interesse numa questão. O mais importante disso é que não participaram da oficina para assegurar a presença e a obtenção de pontos extras na nota da disciplina.

Interessa saber de onde as coisas vêm?

De onde as coisas vêm? De onde nossas roupas vêm? É possível descobrir isso? Essas foram algumas das perguntas que me fiz ao pensar nessa oficina desenvolvida com os estudantes da disciplina Educação Ambiental, no curso de Licenciatura em Geografia. Sabia que as etiquetas não contavam todo o processo de fabricação de alguma coisa – foi durante o

curso de Geografia que aprendemos sobre isso, por meio dos estudos, das aulas e das saídas de campo. As tentativas de mapear as trajetórias das minhas roupas fracassaram, com exceção de uma única bermuda cuja fábrica responsável eu já havia visitado em uma dessas saídas de campo.

Queria saber o que as pessoas conseguiriam descobrir sobre as roupas que enviei. Não pesquisei previamente sobre os itens selecionados. Eram as roupas que aquele brechó tinha disponível naquele momento. Que tipo de pesquisa iriam empreender? Quanto tempo dedicariam àquela atividade? Não sabia. As respostas a essas perguntas seriam uma completa novidade para mim.

O início das oficinas, tanto no primeiro quanto no segundo grupo, ocorreu ao mostrar os pacotes que haviam recebido. Para a maioria, foi uma surpresa receber roupas dentro de pacotes enviados pelos correios. Lemos o manual de instruções juntos e, em seguida, mostraram as roupas, falando também dos resultados das pesquisas. Das oito roupas que receberam, apenas uma foi confeccionada no exterior, sempre a julgar pelas informações contidas na etiqueta: uma camiseta feminina feita em Bangladesh com etiqueta da empresa estadunidense US Polo Assn®. Outra camiseta foi feita em Barueri (SP), outra em Passos (MG), mas os demais itens foram fabricados em cidades da região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, que é um dos maiores polos têxteis do país.

Acerca da terceira pergunta do manual de instruções, aquela que demandava uma pesquisa, os resultados foram bastante heterogêneos. Três participantes não encontraram absolutamente nenhuma informação sobre o processo de produção da empresa, ou seja, nada além do que constava na etiqueta. Houve quem descobriu, por pesquisar com o CNPJ no site da Receita Federal, que a empresa apenas confeccionava e comercializava roupas. Outra pessoa conseguiu mais informações no site da própria empresa: tratava-se de uma pequena empresa, localizada em Guabiruba (SC), que afirmava trabalhar apenas com as etapas de tecelagem e confecção.

Uma delas, porém, foi além. Não sei se isso tem a ver com seu interesse em aprender a costurar e que recentemente tenha adquirido uma máquina de costura. Mas era elevado o seu grau de interesse nessa pesquisa. Foi uma das primeiras pessoas a manifestar-se no grupo para receber a encomenda em casa. Recebeu, ao acaso, uma camiseta polo cor azul, tamanho adulto e, diante das escassas informações a respeito daquela empresa, decidiu ligar para o telefone atribuído à empresa e disponível no Google. Ao ligar para essa microempresa da região do Vale do Itajaí, teve a sorte de ser atendida por alguém prestativo e pronto para lhe fornecer informações. Apesar de a etiqueta apresentar o algodão como o material constituinte daquela

camiseta, algo perceptível pela textura e aspecto visual, a pessoa responsável pela empresa disse-lhe que não trabalham com o algodão. Compram os fios de materiais sintéticos, como o elastano, por exemplo, provenientes da Índia e da China. Às vezes, essa compra ocorre diretamente com as empresas produtoras, outras vezes, isso é feito com empresas intermediárias. Após a compra dos fios, eles próprios realizam a tecelagem e, posteriormente, enviam para empresas terceirizadas para o tingimento. Ao final, realizam a confecção e a comercialização, com foco no setor atacadista.

Ao nos relatar esse episódio, a conversa se agitou. Surgiram perguntas inquietantes sobre a fabricação dessa roupa. A empresa estaria mentindo na etiqueta? Se sim, por qual motivo? Ou será que aquela peça de roupa foi terceirizada completamente pela empresa, que lhe emprestava apenas a marca na etiqueta? Nossas perguntas ficaram sem respostas. A participante da oficina decidiu não trazer à tona, na ligação com a empresa, aquela informação conflitante. Tinham sido prestativos e achou conveniente deixar as coisas como estavam.

Com essa oficina, repetiu-se o que aconteceu comigo nas buscas pelo processo de produção das roupas de que dispunha em casa. Não conseguimos saber de onde as coisas vêm. Como os próprios estudantes concordaram, a etiqueta diz pouco do processo de fabricação daquelas peças. E, sabendo da aplicação irrestrita da terceirização em quaisquer setores produtivos, não será uma novidade encontrar uma roupa contendo a etiqueta de uma marca, mas fabricada por outras duas ou três empresas.

As buscas empreendidas pelos participantes da oficina que receberam as encomendas tiveram mais de uma hora de duração, na maioria dos casos, conforme afirmaram. Apesar disso, os dados obtidos foram escassos. Às vezes, nenhuma informação, em outras, somente a confirmação de que a empresa é responsável apenas pela confecção. Aconteceu, também, de conseguirmos saber um pouco mais do processo, quando alguém interessado decidiu ligar para a empresa. Diante desse trabalho, foi somente isso que conseguimos, e muitas perguntas permaneceram sem respostas.

Alguém poderia se perguntar: se desejasse descobrir de onde aquelas roupas vêm, por que não tentaram estabelecer contato com as demais empresas? A resposta é simples e tem a forma de outra pergunta: se, diante de horas de pesquisa e em fontes variadas não conseguimos saber, por que iríamos mais a fundo? A quem interessaria? Por acaso é possível, no tempo de uma vida, fazer o mesmo com todas as coisas que nos circundam? A possibilidade de descobrir de onde as coisas vêm não está descartada, mas o caminho para isso está escamoteado, dificultado e cheio de falsas pistas. Nessa situação, a pergunta se altera de *É possível saber de onde as coisas vêm?* para *Interessa saber de onde as coisas vêm?*

O espaço é redutível à distância?

Em outra ocasião, o convite para a oficina veio de colegas de um grupo de estudos da pós-graduação em Educação, sendo que boa parte dos membros tem formação em geografia, assim como eu. Aceitei a proposta e organizei-me novamente para o trabalho. Minha proposição foi a de utilizar as próprias roupas dos participantes para realizar a pesquisa, assim como ocorreu na primeira versão da oficina. Por uma dinâmica própria do grupo, a oficina não duraria mais que uma hora e, assim, alguns ajustes foram necessários para que nosso encontro ocorresse. As demais oficinas vinham acontecendo em um tempo de duas horas, às vezes um pouco mais.

Antes de iniciarmos com o manual de instruções, como de costume, descobri que oito pessoas tinham escolhido uma roupa e realizado a pesquisa, o que já configurava a maioria dos integrantes do grupo. Aqui, boa parte das pessoas optou por manter a câmera aberta durante todo o encontro, o que se diferenciou um pouco das demais ocasiões, quando preferencialmente ligavam a câmera somente no momento de falar. Penso que isso se deva à relação mais próxima estabelecida entre nós, no grupo de estudos.

Novamente, a dificuldade em encontrar roupas exclusivamente de algodão apareceu assim que as pessoas começaram a falar, tal como na primeira oficina. Tivemos diversos resultados: uma camiseta confeccionada na Lapa, em São Paulo capital; uma camisa de alto valor comercial, desenhada no Brasil, por uma conhecida empresa carioca, porém confeccionada na China; uma camiseta masculina de uma grande rede varejista brasileira e também confeccionada na China; uma camiseta masculina confeccionada em Marrocos, distribuída por uma empresa irlandesa e adquirida online por um dos integrantes do grupo em um site norte-americano no início dos anos 2000.

Aqui uma outra coincidência com a oficina realizada com os estudantes do Pará: um pesquisador do grupo escolheu uma camiseta com a mesma marca de uma roupa escolhida por uma estudante naquela ocasião. Além da coincidência, foi curioso descobrir que a empresa confeccionava roupas em uma fábrica localizada nas instalações de uma penitenciária, em Minas Gerais, que não trabalhava com estoques e que, por isso, a entrega do pedido após a compra online poderia se estender por até alguns meses.

Uma jovem professora trouxe para a oficina uma roupa da Malwee®, uma empresa do Vale do Itajaí – algo que frequentemente ocorre, afinal, a região é um dos maiores polos têxteis do país. Nesse caso, a roupa foi confeccionada na cidade de Jaraguá do Sul, conforme constava na pesquisa feita com o CNPJ. O material constituinte era exclusivamente o algodão. Ao

pesquisar no site da empresa, a professora nos contou que foi possível saber um pouco mais sobre o processo de fabricação da roupa. A empresa detalhava a existência de ao menos três unidades fabris pelo país, duas delas em Jaraguá do Sul e uma unidade no norte do Ceará destinada exclusivamente aos processos de confecção, além de um escritório corporativo em São Paulo-SP.

O processo produtivo a cargo da empresa inicia-se após a compra de fios de terceiros, ou seja, com a tecelagem. Isso chamou minha atenção porque quase 90% dessa etapa acontece nas instalações da própria empresa, que, a julgar pelo que divulga no site, acontece em Jaraguá do Sul. As etapas intermediárias, as quais a empresa denominou de tintura, estamparia, acabamento e *talhaçāo*, também ocorrem quase inteiramente em dependências próprias. A situação muda drasticamente na etapa de costura e bordado, em que somente 13,5% do processo é realizado na própria empresa, cabendo a maior parte a fornecedores terceirizados. Mesmo assim, aqui há um detalhamento sobre onde as coisas são feitas. Sabe-se algo a mais.

Outra integrante do grupo de estudos selecionou uma roupa fabricada pela microempresa pertencente à sua irmã, também no Vale do Itajaí, no município de Piçarras. Fiquei empolgado ao imaginar que tipos de coisas poderiam vir à tona com alguém tão próximo da realidade da empresa. Ela nos disse que a empresa começa o processo produtivo ao comprar malhas de um fornecedor da mesma região, em Brusque, que realiza o desenho e o corte das peças na sua pequena unidade fabril em Piçarras e, na sequência, destina a profissionais terceirizados a realização da costura.

A pesquisadora também nos contou da dificuldade de encontrar mão-de-obra especializada, o que segundo ela tem relação com o baixo volume de peças movimentado pela empresa. Ainda segundo ela, costureiras preferem trabalhar com empresas com demandas maiores, garantindo certa estabilidade na produção. Elencou ainda um outro fator: a preferência por peças mais fáceis e rápidas de fazer, com menos detalhes. Algumas vezes, os contratos para a realização da etapa de costura ocorrem com mulheres mais idosas, ou com mulheres que já adquiriram algum tipo de lesão por esforço repetitivo (LER), e que geralmente demandam um tempo diferente do tempo do mercado para fazer as costuras. Não raro, ocorrem atrasos.

Outro aspecto interessante foi quando nos disse que a empresa fornecedora de malhas e tecidos adquire fios importados da China e que o faz em decorrência do preço. Segundo ela, é mais barato importar fios do que os comprar no mercado nacional, sendo o preço do transporte o principal elemento de encarecimento dos produtos vendidos no país. Nesse ponto a conversa adquiriu outro grau de intensidade. Estava empolgado em saber mais sobre aquilo e em conversar a respeito com as pessoas. Mas, quando olhei para o relógio, constatei que havíamos

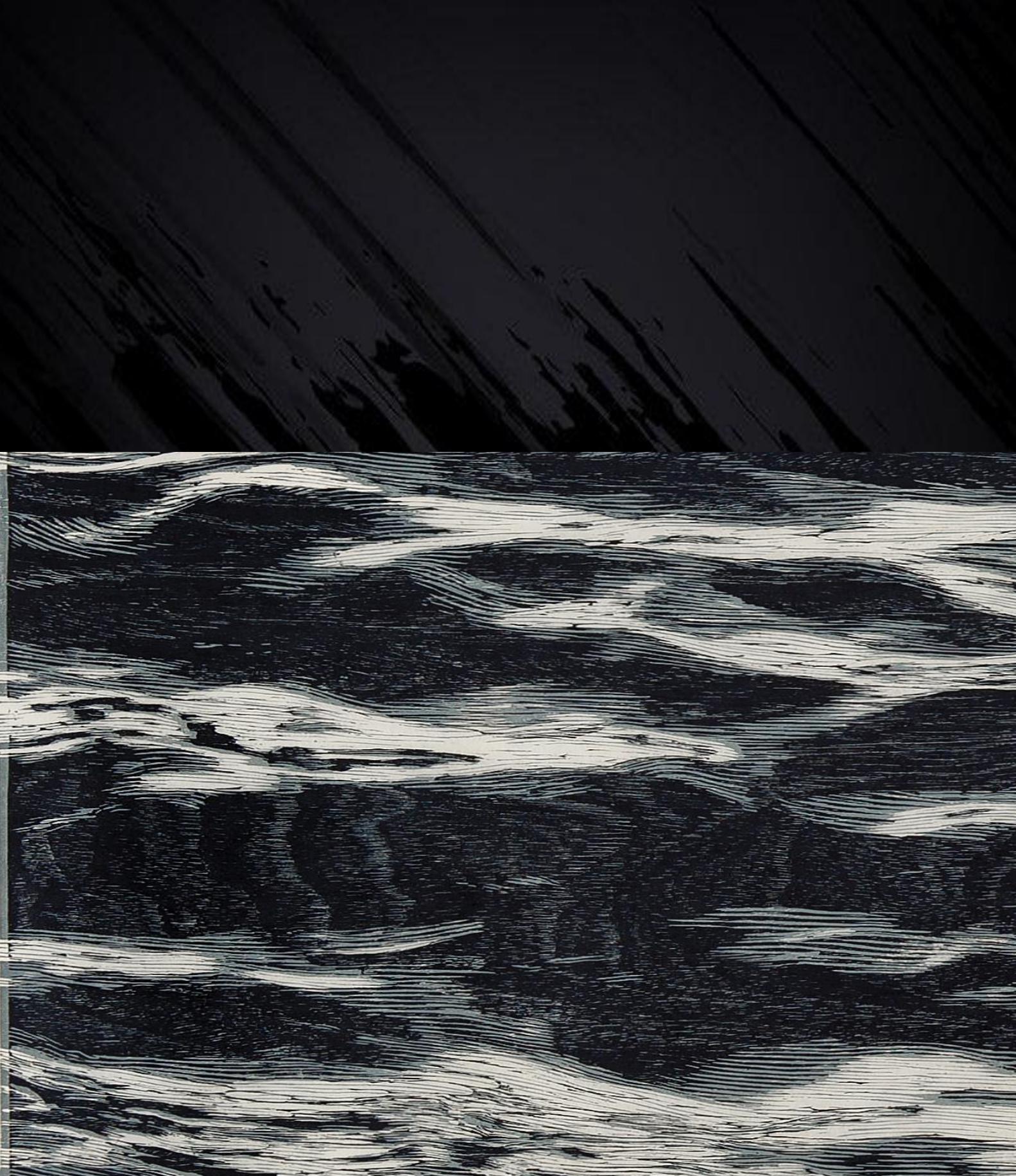
ultrapassado o tempo máximo previsto para oficina. Ninguém havia ainda mencionado que já estouráramos o tempo. Aproveitei para continuar a oficina, usando tempo extra para os encaminhamentos finais que todo aquele trabalho e conversa demandavam.

Causa certo espanto saber que é mais barato adquirir uma coisa proveniente do outro lado do globo, literalmente, que comprar do seu vizinho. Do ponto de vista econômico, torna-se mais interessante estabelecer relações comerciais com alguém localizado na China que alguém localizado em um Estado vizinho. A distância aproximada de dezesseis mil quilômetros entre a China e o Brasil praticamente se equipara aos mil quilômetros percorridos por terra entre Santa Catarina e São Paulo, por exemplo. Parece que a distância entre esses países não importa mais. Os avanços tecnológicos e as políticas econômicas internacionais estariam reduzindo os efeitos da distância espacial. Afinal, vivemos em uma era de globalização. Com essa questão em mente, não pude deixar de pensar no livro *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade* (MASSEY, 2012). Após uma minuciosa discussão sobre como o espaço tem sido pensado durante toda a modernidade, chegando até o contemporâneo, a autora problematiza afirmações recorrentes acerca do espaço após o advento da tão propalada globalização. Segundo a autora, afirma-se constantemente nos meios de comunicação de massa que vivemos na era do espaço. De acordo com ela,

Por um lado, cada vez mais conexões “espaciais” e sobre distâncias mais longas estão envolvidas na construção, no entendimento e no impacto de qualquer lugar, economia ou cultura e na vida e ações cotidianas. Há mais “espaço” em nossas vidas e ele demanda menos tempo. Por outro lado, essa própria velocidade com a qual “nós” podemos agora cruzar o espaço (pelo ar, nas telas, através de fluxos culturais) *pareceria implicar que o espaço não tem mais importância; essa aceleração conquistou a distância.* (MASSEY, 2012, p. 137, grifo meu).

Podemos dizer que a globalização seria uma espécie de triunfo do espaço, uma era do espaço, um momento em que podemos fazer conexões as mais variadas possíveis com diversos locais do planeta. Por outro lado, afirma-se frequentemente, como diz a autora, que, com a globalização, o espaço estaria sendo aniquilado pelo tempo. Apesar das contradições presentes em tais afirmações, Massey chama atenção para o fato de que “o espaço não é, de modo algum, redutível à distância” (MASSEY, 2012, p. 138). Ele não se resume a uma questão de coordenadas cartesianas em um mapa. Não se limita em termos de distância. Ele é mais do que isso, é também o resultado de relações, resultado dos envolvimentos decorrentes de encontros, muitos dos quais imprevisíveis. Para a autora, deveríamos dar mais ênfase ao caráter relacional do espaço, ao invés de às formas espaciais.

Talvez, na companhia da autora, interessem os desafios que o espaço nos apresenta. É justamente por ser impossível controlá-lo e purificá-lo completamente, apesar das muitas tentativas nesse sentido, que algo novo pode surgir. Nos encontros proporcionados pelas oficinas, situações inesperadas podem acontecer. Outras relações com a globalização podem se estabelecer. A disposição em dialogar com os participantes, considerando o que eles têm a dizer sobre a globalização, pode mobilizar o interesse deles na questão trazida pelo oficineiro. Isso diz respeito a uma dimensão relacional, uma relação entre oficineiro, participantes e tema de estudo, e entre os participantes e a vida.



5 MOVIMENTANDO UMA OFICINA: “DA LAVOURA PARA ONDE?”

Após alguns meses pesquisando e praticando oficinas com diversos grupos, surgiram outras questões. Nesse processo, estive próximo das pessoas, seja durante as oficinas, seja conversando com amigos acerca do meu trabalho, e várias perguntas foram feitas. Também estive próximo do material escrito. Escrever esta dissertação foi uma prática de ordem cotidiana e processual, que ocorreu ao longo de todo o período estipulado para o mestrado. Escrevi à mão nos cadernos de campo, digitei os textos, movimentei-os ao longo dos capítulos e reelaborei alguns destes textos.

Essa proximidade com este material me permitiu perceber limites e potencialidades nas estratégias mobilizadas nas oficinas. Isso também impactou a questão principal que articulávamos nesses encontros. Talvez o enfoque de procurar saber de onde exatamente as roupas vêm, e por onde passam, precisasse mudar. Desse modo, e a partir desses movimentos e dessas conversas com as pessoas, a oficina *Nas tramas da globalização* se desdobrou em uma outra oficina, agora intitulada *Da lavoura para onde? As trajetórias das roupas na globalização*.

Nunca fazemos oficinas sozinhos

As perguntas, as dúvidas e as inquietações, são as interpelações que as pessoas fazem à nossa pesquisa. São questionamentos que, caso compreendamos sua importância, afetam seu andamento. Colegas, professores, membros da banca e estudantes, são esses sujeitos que personificam as perguntas que circulam pelo mundo. Ao acompanhar este trabalho, seja lendo ou participando das oficinas, essas pessoas entram em contato com o material que coloco em movimento, e a partir desse contato se estabelece uma espécie de diálogo.

Desde o início do mestrado, mais especificamente quando comecei a elaboração e realização das oficinas, diversas questões foram feitas em relação a este trabalho. Para citar algumas das mais importantes: *interessa saber de onde as coisas vêm? Por que o chumaço de algodão e o barbante ficaram esquecidos durante as oficinas? Você não acha importante discutir sobre o papel desempenhado pelo excesso de informação, que dissocia corpo e aprendizagem? Quais as condições de possibilidade que fazem com que esse material selecionado chegue até as pessoas?*

Essas foram algumas das perguntas que considerei ao longo do processo de pesquisa e que me fizeram alterar o rumo de trabalho. Considerar esses questionamentos provocou

mudanças significativas nas oficinas. Foi preciso reelaborar as estratégias para abranger a participação do chumaço de algodão e do barbante, que de certa forma estavam negligenciados, porém, antes disso, foi preciso pensar no porquê de eles estarem ali, de serem selecionados. Além disso, repensei algumas das perguntas feitas no manual de instruções.

Emerge, a partir disso, o caráter relacional da prática com oficinas. O estudo prévio e as estratégias para abordar uma questão podem ser afetados por aquilo que acontece nos encontros. Pensando com a geógrafa Doreen Massey (2012), o espaço criado por uma oficina é também um encontro de trajetórias, local da negociação, e que está em processo contínuo de construção. Fazemos entrelaçamentos com outras questões que atravessam esses encontros. Fazemos oficinas com uma composição de vozes, nunca sozinhos.

Realizar oficinas dá muito o que pensar. Percebo como as questões mudam e como determinadas estratégias funcionam no encontro com outras pessoas. Vejo seus limites e possibilidades. Compreendi que tentar descobrir onde exatamente as roupas são feitas não era mais a questão de maior importância nas oficinas. E essa compreensão trouxe consequências. As oficinas também precisavam mudar.

Quantos processos estão implicados numa roupa? Qual a dimensão das redes envolvidas nesses processos? Estas eram questões importantes para as oficinas. Assim, uma das primeiras ações que empreendi foi eliminar a pergunta do manual de instruções que solicitava a pesquisa sobre as etapas de produção de uma roupa. Tratava-se de uma questão que, em sua formulação, já dizia ao leitor alguns dos processos pelos quais o algodão passa até se transformar em uma roupa. Mas será que as pessoas já pararam para pensar nisso? Em seguida, perguntava se era possível saber se aquelas etapas produtivas eram feitas na mesma empresa.

Dessa forma, a primeira questão do novo manual de instruções (Figura 3) pergunta simplesmente: *como* são feitas essas roupas? O intuito aqui é saber qual a compreensão das pessoas sobre a questão, ao invés de instigá-las a navegar em um mar de informações que pode exauri-las. O interesse está em criar condições para que os participantes percebam certas coisas e passem a questioná-las. Na sequência, continuo a perguntar, assim como nas primeiras oficinas, *onde* são feitas aquelas roupas, qual o país de fabricação e, se é possível saber a cidade ou o local de produção. Essa pergunta encontra sua resposta mais imediata nas etiquetas das roupas selecionadas para essa oficina.

Por fim, uma nova questão passou a compor o manual: para onde essas roupas vão depois do uso? Com essa pergunta e com o novo título, *Da lavoura para onde? As trajetórias das roupas na globalização*, forneço pistas para se pensar nas trajetórias e nos movimentos que um material faz no mundo. No caso das oficinas em que o material é o algodão, ele é primeiro

cultivado nas lavouras do agronegócio e, depois disso, segue um caminho até se transformar nas roupas que vestimos. Nesse caminho, ele passa por diversos processos de transformação e são justamente os processos, os movimentos e as trajetórias o enfoque das novas oficinas.

Nesse sentido, a composição de materiais pode reforçar esse enfoque. Além do chumaço de algodão e do barbante, acrescentei um pedaço de tecido. Cada um desses materiais é o resultado de alguns processos pelos quais o algodão passa: o chumaço é produto dos processos de beneficiamento do algodão, o barbante, da fiação e o pedaço de tecido, da tecelagem. Após a tecelagem, temos a confecção, produzindo uma peça de roupa qualquer. Na imagem abaixo (Figura 3), vemos o resultado dessa modificação no manual.

Figura 3 - Captura de tela do arquivo contendo o novo manual de instruções

Da lavoura para onde? As trajetórias das roupas na globalização
Manual de instruções da oficina

Além deste manual de instruções, você recebeu um chumaço de algodão, um barbante e um pedaço de tecido.

É essencial a realização desta atividade para o nosso encontro síncrono.

Em primeiro lugar, você precisa escolher três peças de roupa. Essas roupas não necessariamente precisam ser suas, elas irão servir apenas de objeto da nossa pesquisa. Porém, atenção! Para essa escolha, você precisa prestar atenção nos seguintes critérios:

- a) As roupas devem possuir etiqueta legível. Temos que identificar o material de fabricação e o local de fabricação.
- b) O material de fabricação deve ser majoritariamente o algodão. Vale quase tudo: camisetas, camisas, calças, bermudas, blusas, exceto roupas íntimas.

Após essa seleção, sua tarefa será olhar as peças de roupas atentamente, sobretudo as etiquetas presentes. Na sequência, responda nesta folha as seguintes questões:

- 1) Como são feitas essas roupas?
- 2) Onde são feitas? Qual o país de fabricação? Além do país, é possível saber a cidade ou o local em que foram fabricadas?
- 3) Para onde vão essas roupas depois do uso?

Fonte: arquivo pessoal.

Se compararmos o manual de instruções antigo (Figura 2) com o novo (Figura 3), percebemos uma diminuição de tamanho. Ao invés de fornecer mais informações sobre as etapas de produção e de instigá-los a procurar por dados sobre os locais por onde as roupas passaram, o esforço empreendido nessa reformulação foi de retirar coisas, retirar a informação em excesso. Com isso, pretendia criar oportunidades para pensarmos nas condições de possibilidade que fazem com que se produzam as roupas que chegam até nós.

Em termos de estratégias mobilizadas, outro aspecto importante desse novo manual (Figura 3) foi a proposição de selecionar as roupas dos próprios participantes, assim como aconteceu em algumas oficinas anteriores. Enviar roupas na modalidade PAC, a mais econômica para encomendas dos Correios®, foi uma estratégia de custo elevado. Assim, optei por enviar cartas simples contendo o manual de instruções, bem como os materiais em tamanhos adequados para um envelope de papel.

Essas mudanças nas estratégias, nos materiais e nas questões das oficinas decorrem da proximidade do pesquisador em relação ao seu trabalho, de uma atenção aos movimentos que acontecem nesses encontros. Ao ler o trabalho, conversar sobre e ao participar das oficinas, as pessoas entram em contato com a pesquisa. Nesse contato, estabelecemos um diálogo e, é nesse sentido, então, que não pesquisamos e não fazemos oficinas sozinhos. Contudo, é essencial estarmos atentos ao que acontece nesses encontros, pois é a partir disso que compomos um outro movimento, compomos com as variações do meio.

Assegurando a realização das oficinas

São diversos os imprevistos que ocorrem em uma oficina. Eles podem ser frustrantes à primeira vista, porém, se aprendermos a olhá-los com atenção vemos que muitas vezes são coisas que escapam ao nosso controle, não são necessariamente problemas em nós. Vemos, então, as condições necessárias para que se estabeleça essa modalidade em educação.

Coincidentemente, minutos após o término do exame de qualificação deste trabalho, recebi um convite para fazer a oficina com alunos da disciplina de Ensino de Geografia, no curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Aceitei o convite e agendamos uma data com antecedência de alguns meses, suficiente para que o processo de reformulação da oficina acontecesse. Ao se aproximar o dia agendado, enviei uma mensagem no grupo de WhatsApp® da turma, perguntando se havia pessoas interessadas em receber uma carta, assim como fiz em outras ocasiões. Obtive mais endereços do que o esperado. Preparei as cartas com os materiais e fui aos Correios® com três semanas de antecedência, pois o prazo estipulado para a entrega das cartas era de cinco dias úteis e havia um feriado nesse intervalo de tempo.

Ao chegar na agência dos Correios®, tive uma surpresa. A empresa não permitia mais o envio de outros materiais, que não sejam exclusivamente papéis, na modalidade de carta. Dava para sentir com as mãos o volume ocupado pelo chumaço de algodão. Em poucos segundos, decidi comprar outros envelopes e colocar neles somente o manual de instruções,

riscando a linha em que dizia enviar os outros materiais. Essa decisão foi tomada em pouco tempo, mas, em termos práticos, gerou muito trabalho.

Saí da agência dos Correios® pensando nas ações necessárias para essa readequação das cartas. Os envelopes já estavam selados e o endereçamento feito. Fui à papelaria imprimir novos endereços e comprar mais envelopes. Voltei para casa e rasguei os envelopes inadequados e o processo de selecionar os materiais e de endereçar as cartas recomeçou. A mesa de trabalho logo se modificou, acolhendo um monte de papéis rasgados como restos de um processo (Figura 4). Enquanto isso acontecia, pensei que um pequeno pedaço de tecido no meio do manual poderia passar despercebido ao toque das mãos. Desse modo, voltei à agência dos Correios® com as cartas, contendo o manual e o pequeno pedaço de tecido, e ninguém percebeu nada. Finalmente foram enviadas.

Figura 4 – Os restos de um processo



Fonte: arquivo pessoal.

Poucos dias antes de realizar a oficina, outros imprevistos surgiram, pois soube que a Universidade já tinha retomado o ensino presencial. Isso alterava a situação. Enviei outra mensagem no grupo de WhatsApp® solicitando que trouxessem as cartas e as roupas selecionadas para o encontro. Eu seria a única pessoa a fazer uma aparição remota na sala e isso trouxe outras consequências. Ao iniciarmos a oficina, descobrimos um problema no som do computador que utilizavam em sala e, depois de 40 minutos de tentativas, o problema se resolveu. Mas percebi que meu campo de visão não abarcava toda a sala, não conseguia ver

todos os participantes. Além disso, o tamanho das pessoas na tela era pequeno, não era possível identificar a fisionomia e suas expressões corporais ao falar.

Durante boa parte da pandemia de Covid-19, as aulas e as oficinas ocorreram no modo remoto. Nem sempre as pessoas ligavam a câmera. A diferença, neste caso, é que havia um ambiente separado apenas de mim. Entre as pessoas que estavam reunidas naquela sala de aula presencial, passavam-se muitas coisas: risos, conversas e troca de olhares que eu não podia captar. No modo totalmente remoto, com as pessoas nas suas casas, cada um tinha seu nome na tela e interagia ao escrever, ligar a câmera e o microfone: as pessoas estavam individualizadas. Ali, para que pudesse ouvir tinham que falar alto e mesmo assim não conseguia identificar quem estava falando.

Estava curioso por saber o que teriam respondido no manual de instruções e como fizeram aquela atividade. Essa situação inesperada com o computador não conseguiu abalar esse interesse. Assim, logo no início da oficina, ouvi uma gargalhada generalizada quando contei que tinha conseguido enviar um pedaço de tecido dentro da carta. Soube, também, que das 16 cartas enviadas, 6 não chegaram aos destinatários, apesar da antecedência com que as enviei.

Com a primeira pergunta do manual de instruções, ou seja, como aquelas roupas são feitas, duas pessoas que já trabalharam no setor de confecção começaram a responder. Uma delas disse que a fabricação de uma roupa começa com a compra do tecido e com os estilistas que desenham as peças. São feitos testes de qualidade, lava-se o tecido e, na sequência, procede-se à fabricação da peça modelo. Outra pessoa disse que a fabricação de uma roupa também depende de máquinas e dos operadores que as controlam. Estava ficando interessante a conversa, queria saber se outras pessoas também pensavam que a fabricação de uma roupa começa com o tecido. Comecei a pensar se o título e os materiais selecionados fizeram as pessoas pensarem que uma roupa vem da lavoura de algodão.

A oficina estava indo bem, quando a conexão com a internet da sala de aula caiu. Perdemos o contato. Foram-se outros trinta minutos tentando reestabelecer a internet, mas voltávamos à estaca zero. Novamente, não conseguiam me ouvir. Por fim, depois de tantas tentativas, decidimos adiar em quinze dias aquele encontro, alterando as condições de sua realização: ao invés de um ambiente híbrido, como estávamos naquele dia, a oficina iria acontecer totalmente no modo remoto, com as pessoas em suas casas.

Às vezes, não basta estar preparado para fazer uma oficina. Estudar, reunir material suficiente e desenvolver estratégias para abordar uma questão são elementos importantes, mas não asseguram a sua realização. Fazer acontecer aquela oficina dependia, também, da

pontualidade dos Correios®, dos motoristas e carteiros da empresa, da qualidade e funcionamento dos computadores, e da conexão com a internet. Coisas sobre as quais temos pouco ou nenhum controle.

A curiosidade e a clareza da questão de interesse na oficina são outros elementos importantes para sua realização. Isso nos auxilia a compor novas estratégias diante das mudanças do meio e dos imprevistos. Conseguir pensar e compor movimentos nessas variações é uma artimanha (ou uma estratégia) que desenvolvemos.

Obrigações e inseguranças: os atravessamentos em uma oficina

A noção de ter que enfrentar as tempestades a todo custo é persistente. Amyr Klink percebe que seu pequeno barco precisa estar pronto para capotar e poder virar novamente, seguindo em frente. É isso que torna possível a travessia do Atlântico Sul naquelas condições, pois ele se compõe sempre com um meio variável. Impossível seria remar contra a força das correntes e das ondas todo esse trajeto.

Mas, talvez, tenha esquecido momentaneamente dessa experiência com Amyr Klink. A oficina reformulada era outra oficina, outra embarcação. Será que conseguiria lidar com as questões que surgissem? Como será que responderiam às novas perguntas do manual de instruções? A essa insegurança, respondi preparando alguns slides, que serviriam como um apoio se tudo desse errado, se ficasse nervoso e esquecesse o que dizer.

A intenção em si não era ruim, mas já tinha organizado a oficina em meu caderno de campo, com as perguntas a fazer nos momentos oportunos e o que dizer a partir das falas deles. O primeiro slide continha o título da oficina e foi interessante deixá-lo visível por um certo momento. Afinal, ele foi pensado para instigar a percepção de que a produção de uma roupa não começa na fábrica.

Tendo passado um certo tempo, percebi que minha fala se tornara a única a ser ouvida durante a oficina. O problema era que já se passava muito tempo e não ouvia deles as suas percepções e seus comentários sobre aquilo que propunha discutir. Percebi que meus silêncios e pausas entre uma fala e outra diminuíam. Foi quando decidi abandonar os slides. Estávamos no meio da oficina.

Os gestos corporais, as expressões faciais e, sobretudo, a voz, que é o principal instrumento de trabalho, são expressivos o suficiente para conduzir aquele encontro como uma oficina e não como uma aula. Sim, os recursos e estratégias utilizados são diversificados, mas

não podem trair coisas importantes, como o ambiente de diálogo, de hierarquias enfraquecidas e o caráter não disciplinar do saber. E, naquele caso, os slides me traíam.

Os silêncios entre uma fala e outra, ou de um tópico ao outro, dão oportunidades de outras pessoas falarem. Mas, os silêncios vinham deles, quando os interpelava. Ouvi no máximo 5 ou 6 pessoas se manifestarem com o microfone ao longo daquele encontro. Porém, quando a oficina terminou, quase todos falavam com a professora sobre avaliações, notas e registro de frequência. De certa forma, eram os atravessamentos produzidos pelas exigências institucionais. Além disso, já estavam no modo presencial há algum tempo e tiveram que permanecer em suas casas naquele encontro. Talvez isso também tenha influenciado.

Esse encontro reforçou minha compreensão de que é o movimento de composição que importa. O silêncio deles é uma resposta às minhas solicitações e que com seis pessoas visivelmente interessadas na questão se pode ter diversas discussões. Compor com aquilo que trazem para o encontro ao invés de lutar contra as ondas geradas por esses atravessamentos. As inseguranças do oficineiro e as exigências institucionais podem produzir essas tempestades.

Cada um surfa sua onda: a primeira oficina presencial

A intenção de realizar oficinas presenciais havia sido descartada, pois o agravamento da crise sanitária decorrente da Covid-19, ao longo de 2021, obrigou-me a mudar de estratégia. Porém, com o retorno de muitas das atividades que realizávamos antes da pandemia, a situação se alterou. O interesse em fazer uma oficina presencial sempre existiu. Mas o tempo disponível para a conclusão desta pesquisa estava acabando e precisava novamente compor com uma nova situação, precisava pensar como adaptar essas estratégias para um encontro presencial.

Lembrei-me das roupas adquiridas nos brechós, no interior de Santa Catarina. Havia dezenas delas em meu guarda-roupa. Em um encontro presencial, poderia entregar as roupas pessoalmente, algumas semanas antes da oficina, sem que houvesse a necessidade de mobilizar os Correios®. Desse modo, elaborei pacotes feitos de papel kraft (Figura 5), sendo que cada um continha o chumaço de algodão e o barbante, que não puderam ser enviados na primeira oficina além do pedaço de tecido e de uma peça de roupa, acompanhados do manual de instruções. Nessa situação, o manual precisou ser modificado novamente, retirei a solicitação para que as pessoas escolhessem peças de roupas próprias.

Figura 5 – Os pacotes elaborados para a oficina presencial



Fonte: arquivo pessoal.

A quantidade desses pacotes estava de acordo com o número de alunos da disciplina de Pesquisa no Ensino de Geografia, ministrada na sétima fase do curso de licenciatura em Geografia, na UDESC. Foi com eles que fiz a oficina presencial. A possibilidade de dialogar com estudantes que estavam em vias de iniciar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deixou-me animado. Talvez pudessem lhes interessar questões sobre o modo pesquisar com oficinas.

Duas semanas antes do dia previsto para a oficina, fui à turma para convidá-los a participar do trabalho. Diante de alguns silêncios e de poucos silêncios, pedi para que selecionassem um pacote. Não era essencial a participação de todos, pois iria lidar com tudo aquilo que acontecesse, mesmo se somente duas ou três pessoas fizessem a atividade.

De certa forma, ao entregar os pacotes e ao ler o manual de instruções juntos, a oficina já havia começado. Aquele foi um momento disparador para as pessoas. Cada um iria se movimentar de alguma maneira. A expectativa, todavia, era ver alguns pesquisando na internet e outros não, como vinha acontecendo até então.

Chegado o dia marcado para o encontro, pude perceber como cada um se movimentou. Alguns mobilizaram amigos que cursavam Moda para responder as perguntas, outros pesquisaram na internet, inclusive com o número de CNPJ fornecido na etiqueta. Por fim, houve os que utilizaram seu conhecimento prévio e percepção. De fato, não solicitei que fizessem uma pesquisa, pois a intenção era perceber os movimentos de cada um.

Um aspecto que me chamou atenção nas respostas à pergunta *Como é feita essa roupa?* foi que apenas uma minoria mencionou o plantio e a colheita do algodão como as etapas iniciais da produção de uma roupa. Além do título sugestivo, *Da lavoura para onde?*, disse, quando lemos juntos o manual de instruções, que nessa pergunta me interessava saber os processos produtivos implicados na produção de uma roupa. Porém, isso não ativou essa percepção em todos.

A criação do modelo da roupa e a escolha do tecido foram as principais menções dentre as respostas daqueles que não tiveram essa percepção mais ampliada do processo. Um deles foi um pouco mais além, dizendo que a fiação se constituía no processo inicial de fabricação. De modo geral, isso também ocorreu na primeira vez que realizei a nova versão da oficina, ainda no formato online, quando duas pessoas que já trabalharam com o setor de confecção responderam essa pergunta. Em suas falas, ficou implícito que a produção de uma roupa não envolve o plantio e a colheita de algodão.

Naquela ocasião, com os estudantes de Pedagogia, já durante a segunda tentativa de fazer a oficina, no modo totalmente remoto, conversávamos sobre essas respostas das colegas. Ao mencionar que tudo começava com o chumaço de algodão, uma participante interrompeu dizendo: “Ah, é verdade!” E então ela nos contou sobre a visita que fez a uma fazenda de ovelhas, lembrando do que lhe haviam dito naquela ocasião: “Aqui é o local onde começam a ser feitas as blusas de lã.” Minutos depois, outra pessoa acrescentou: “Nunca tinha parado para pensar dessa forma!”

Todavia, com os estudantes de Geografia, da oficina presencial, houve também quem percebesse esses processos de maneira mais ampliada. Quando conversávamos sobre *onde essas roupas são feitas*, um participante disse: “A marca do jeans que eu recebi é de Gramado - RS. Mas, a gente sabe que produção é ‘picada’, cada etapa é feita em um lugar diferente. Fica difícil saber a cidade de fabricação.” Ele recém tinha terminado de falar e outra pessoa acrescentou: “Isso eu queria saber, porque pesquisando com o CNPJ descobri que essa empresa era de pequeno porte e que agora não existe mais. Acho que ela contratava terceiros.” Então, quase todos começaram a falar ao mesmo tempo, dirigindo-se a mim ou comentando com os colegas. Não quis interromper aquele momento.

Atento ao que acontecia, percebi, além das conversas espontâneas, troca de olhares, risadas e expressões de dúvida. Intensidades que se passaram naquele ambiente em razão da proximidade de corpos e que, assim, extrapolaram a simples troca de mensagens no chat da sala virtual. Alguém fala e olha para um colega, que faz a mesma pergunta de outra maneira, e que, por sua vez, encoraja os outros a questionar. Ocorre um burburinho, várias vozes ao mesmo

tempo. Nas oficinas remotas, o chat ficava cheio de mensagens e precisávamos de mais tempo para que cada um pudesse dizer algo, pois se todos falássemos simultaneamente ninguém entenderia nada.

O diálogo que aconteceu naquele encontro não estava mediado por tecnologias da informação e da comunicação. Bastava falar para ser ouvido. Não mais um botão de abrir o microfone e a câmera. Não era preciso esperar que a conexão com a internet funcionasse satisfatoriamente para que as pessoas ouvissem e se vissem. Olhos nos olhos e expressões faciais espontâneas, gestos que poderiam passar despercebidos em uma tela, agora eram facilmente vistos.

Apesar das particularidades de cada oficina, seja ela remota ou presencial, pensar os processos é trabalhoso, pois não é uma prática habitual. O que pode parecer óbvio, a conexão do título com a noção de que as roupas de algodão vêm da lavoura, nem sempre é clara para todos. Mas descobrimos como esses momentos são significativos, momentos em que ampliamos nossas perspectivas ao pensarmos juntos, como diz Isabelle Stengers (2019). Nesses encontros, cada participante faz um movimento próprio dentro da questão do oficineiro. Portanto, podemos dizer que cada um surfa sua onda.

Na lavoura: seguindo os movimentos de uma questão

A realização de oficinas, no âmbito desta pesquisa, precisava ser interrompida em algum momento. Produzimos muitos dados nesses encontros, os quais precisam passar por um processo de transformação: dos cadernos de campo para o texto digitado desta dissertação. Dessa forma, a última oficina aconteceu com alguns membros de um grupo de pesquisa em Geografia¹³ vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Éramos cinco pessoas no total e cada qual se encontrava em lugares diferentes do país: um no Maranhão, alguns na região metropolitana de Vitória – ES, e outro no Estado do Rio de Janeiro. As cartas foram enviadas para esses endereços e, surpreendentemente, a carta destinada ao Maranhão chegou ao destinatário antes que aquelas enviadas para o Espírito Santo. Claramente, o tempo de entrega não diz respeito a uma questão de distância espacial, mas a uma logística interna dos Correios.

Iniciamos a oficina conversando sobre a primeira pergunta do manual de instruções, sobre como são feitas essas roupas. Ouvimos respostas que mencionavam a lavoura como o

¹³ Essa oficina ocorreu com alguns membros do grupo de pesquisa POESI - Políticas Espaciais das Imagens e Cartografias, o qual é coordenado pela profa. Dra. Gisele Girardi.

início desse processo, além, é claro, das etapas industriais de produção. Uma participante trouxe à tona informações específicas que encontrou numa pesquisa acerca de uma roupa da marca Chico Rei®. Interessante notar que essa marca apareceu em quase todas as oficinas nas quais as roupas selecionadas eram as dos próprios participantes. Segundo ela, o algodão utilizado por essa marca é plantado no nordeste do país, por meio de cooperativas auto-organizadas e sem o uso de agrotóxicos. Sua fala proporcionou uma abertura para discutirmos como essa prática é pouco comum no Brasil.

A discussão começou a se ampliar e um participante disse: “*Meu sogro trabalha na Bahia produzindo insumos químicos para fazendas de algodão e outros cultivos. Ele é químico, faz a análise do solo das fazendas e também fabrica os princípios ativos desses produtos.*” Isso despertou nossa curiosidade, e naquele momento perguntei: “*Que tipos de insumos ele produz? São fertilizantes e agrotóxicos?*” Pensei naquilo que poderia vir à tona, se eram produtos já conhecidos e se haviam preferências dos fazendeiros. Mas nosso colega não tinha essa informação, e nos disse outras coisas que aprendeu com seu sogro: “*as grandes fazendas tem muita tecnologia e são monitoradas por vídeo, feito por drones.*” E foi aí que vimos que a produção de algodão, no Brasil, ocorre em grandes propriedades, pois menos de 0,5% do cultivo¹⁴ provém da agricultura familiar¹⁵ (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017). Disse-lhes também sobre a distribuição espacial desse cultivo no Brasil: cerca de 70% do volume de todo o algodão colhido se concentra no Estado do Mato Grosso e a Bahia é o segundo maior produtor do país¹⁶, segundo a Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (2022).

Nesse momento, procurei mostrar o percurso que empreendi para conhecer esses aspectos das lavouras brasileiras. De início, queria saber a localização espacial dessa produção e a estrutura fundiária das propriedades. Saber que o algodão provém de grandes lavouras, sobretudo do Estado do Mato Grosso, produziu inquietações. Quando penso em uma grande propriedade rural do Brasil lembro-me sempre dos agrotóxicos. Será que o cultivo de algodão requer muito ou pouco agrotóxico? Quais questões de ordem ambiental e de saúde estão implicadas nessa produção agrícola?

Na internet, há uma profusão de páginas, de artigos e de reportagens. De início, minhas perguntas orientaram a busca por respostas e as abas do navegador proliferaram em progressão

¹⁴ Considerando o total da área colhida (em hectares) nas lavouras de algodão.

¹⁵ Para fins de classificação como agricultura familiar, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera propriedades de, no máximo, 4 módulos fiscais, nas quais ao menos a metade da mão-de-obra empregada é de membros da própria família.

¹⁶ Considerando a produção de algodão em pluma, em toneladas, da safra 2021/2022.

geométrica. De uma busca no portal de periódicos da Capes, no Google Notícias e no Google Acadêmico, resultam milhares de textos, dos quais preciso selecionar os mais próximos das minhas perguntas. No meio do caminho, agitado após horas de contato com informações, aparecem outras questões que despertam o meu interesse. Mas, ao invés de excluí-los da minha pesquisa, eu modifico a pergunta feita inicialmente e passo a incorporar o que encontro no percurso.

Foi o que ocorreu quando achei, após essas buscas, uma planilha com as estimativas de gastos feitas anualmente pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Atualmente, segundo a CONAB (2022), o maior gasto para se produzir 1 hectare de algodão, cerca de 30% a 50% de todo o custo, refere-se aos agrotóxicos, sendo seguido pelas despesas com fertilizantes¹⁷. Mas, ao trazer isso para a oficina, queria saber o que as pessoas pensavam sobre esse aspecto. “*Eu acho que o maior gasto que existe é com a mão-de-obra*”, disse um participante, sendo algo também reforçado por outra pessoa. Tentei imaginar a qual país eles estavam se referindo, pois isso não condizia com a realidade dos salários pagos aos trabalhadores rurais do Brasil. Antes de dizer algo, alguém interrompeu: “*Fiquei pensando... eu também ia dizer que era o gasto com a mão-de-obra, mas o trabalho é tão desvalorizado no nosso país. Eu acho que o maior gasto são com os defensivos.*”

A partir disso, conversamos sobre os motivos que fazem os produtos químicos consumirem mais recursos financeiros do que o trabalho humano. Foi quando pude trazer à tona o que pesquisei sobre a quantidade de agrotóxicos empregada no cultivo de algodão. Em termos absolutos, a soja é o primeiro cultivo no consumo de agrotóxicos, em razão da extensão da área plantada no Brasil. Porém, em termos relativos, na quantidade de litros por hectare, o algodão está em segundo lugar dentre as principais culturas agrícolas do país (28 litros/hectare), atrás apenas do fumo (PIGNATI et al., 2017).

Nessas pesquisas que empreendi, também encontrei os princípios ativos mais utilizados para as plantações de algodão. No mesmo artigo, intitulado *Distribuição espacial do uso de agrotóxicos no Brasil: uma ferramenta para a Vigilância em Saúde* (PIGNATI et al., 2017), os autores apontam o Clorpirifós como sendo o principal agrotóxico utilizado no algodão, além de ser um dos mais usados em termos gerais. Comecei a me perguntar, então, sobre a composição desse inseticida e seu uso no mundo.

¹⁷ Considerando a estimativa de gastos elaborada para a safra de 2021/2022 nos municípios apontados pela CONAB nessa série histórica. A grande maioria desses locais está localizada em Mato Grosso, com exceção de um município em Mato Grosso do Sul e outro na Bahia.

Uma simples busca no Google revelou que esse agrotóxico foi banido nos EUA, Argentina e em países da União Europeia, pois estudos apontaram efeitos nocivos para o desenvolvimento intelectual das crianças (GRIGORI, 2021). Por aqui, no entanto, ele continua sendo usado. Nesse momento, as pessoas ficaram surpresas, e não foi somente nessa oficina que isso ocorreu. Surgiram questões sobre a contaminação das águas¹⁸, sobre como esse inseticida pode chegar até nós. Foi quando alguém nos disse que, em algumas praias de Vitória - ES, mesmo consideradas próprias para o banho, “*a gente sai com uns resquícios de poeira e de minério de ferro no corpo, porque a Vale® transporta esse material no porto e isso cai na água.*”

Percebi que poderíamos fazer uma oficina considerando apenas as lavouras de algodão. O caso do Brasil, como um dos maiores produtores dessa fibra no mundo, foi impactante. Surgiram questões de ordem fundiária, ambiental e de saúde pública. Mas, vale destacar, as questões surgem do nosso envolvimento com elas, dos movimentos que fazemos. Elas não estão prontas. E propor-se a seguir os movimentos de uma questão e seus desdobramentos é uma perspectiva processual. Uma perspectiva que enfatiza os movimentos, os transbordamentos, enfim, a vida das e nas coisas.

Para onde? Os processos continuam

A primeira parte do título das novas oficinas, *Da lavoura para onde? As trajetórias das roupas na globalização*, sugeria que os processos necessários para produzir uma roupa se iniciam na lavoura. Porém, há uma interrogação em relação a continuidade desses processos. E depois da lavoura, vão para onde? E depois do uso, para onde vão as roupas? Nesse sentido, essa terceira questão do manual de instruções necessitava de atenção. Precisávamos completar as trajetórias das roupas, discutindo os movimentos desse material após o seu uso. Quando uma roupa deixa de existir? Há um fim para essa trajetória?

Assim, a terceira questão do manual produziu um leque de respostas nesses encontros, mas, percebi algumas repetições: roupas podem ser deixadas ao relento, jogadas no lixo, reaproveitadas para outros usos, doadas ou vendidas para brechós. Alguém disse que o destino das roupas “*depende da consciência do consumidor*”, apontando situações ecologicamente

¹⁸ Para a legislação brasileira, a água potável pode conter uma concentração máxima de Clorpirifós de até 30µg/L (microgramas por litro). Porém, segundo a legislação europeia, esse limite é de até 0,1 µg/L (BOMBARDI, 2017). A maior permissibilidade da presença desse princípio ativo na água aumenta nossa exposição a uma substância nociva à vida. Nesse sentido, a água pode ser potável somente do ponto de vista da legislação.

corretas: a reciclagem, a doação e a revenda para os brechós. De fato, no Brasil, cerca de 80% das roupas vão parar nos aterros sanitários, lixões¹⁹ ou são incineradas (CEARÁ; BUONO, 2021).

Para um participante, durante a oficina com os estudantes de Pedagogia, a questão de saúde, em alguns casos, sobrepõe-se à ecológica. Ele disse: “*roupas íntimas podem transmitir doenças, por isso eu queimo, mesmo sabendo que isso faz mal ao meio-ambiente. As demais roupas eu separo para doação.*” A doação de roupas apareceu como um dos destinos mais apontados pelas pessoas, uma doação que é organizada por instituições religiosas. Outro aspecto que apareceu nas três oficinas foi o repasse de roupas entre os membros de uma família e a reutilização de algumas roupas como panos de limpeza.

Evidentemente que alongar a vida útil dessas roupas, seja doando, reaproveitando, seja reciclando, é uma estratégia importante do ponto de vista ecológico. Contudo, ela não resolve o problema do alto volume de roupas produzidas todos os anos no mundo. Diversos países do chamado “terceiro mundo”, tais como Chile e Gana, recebem toneladas de roupas usadas ou não vendidas pelas lojas, provenientes de países ricos (PAÚL, 2022; O PAÍS, 2021). No caso do Chile, cerca de 59 mil toneladas de roupas chegam, via containers, todos os anos ao país. Para efeitos de comparação, essas toneladas de roupas equivalem a massa de 59 mil carros populares, já que cada carro pesa, em média, mil quilos. Desse montante de roupas, apenas uma pequena parte é reciclada, o restante é transportado para regiões do deserto do Atacama, produzindo verdadeiros lixões de roupas (PAÚL, 2022).

De qualquer forma, mesmo após sucessivas doações e reaproveitamentos, em algum momento, esse material irá perder as condições que fazem dele uma roupa, afinal, os materiais estão em movimento contínuo. Os materiais são coisas, interagem com o meio e se transformam. Após uma eventual reciclagem, o algodão continuará em movimento, mesmo que não esteja mais na forma de uma roupa. No caso da queima do algodão, esta produzirá gases e nem mesmo ali a matéria iria se perder.

Essa processualidade das coisas foi uma questão que discutimos nos momentos finais das três oficinas. Quando se iniciam os processos de produção de uma roupa? Na indústria têxtil ou na lavoura? No preparo de sementes para a próxima safra? Mas as sementes provenientes da safra anterior podem dar início a um novo plantio. Nesse sentido, podemos pensar que processos não tem começo, nem fim, eles são apenas movimento. São movimentos de transformação, de mudança. Somos nós que marcamos um início e um fim para esses movimentos.

¹⁹ No Brasil, temos cerca de 2700 desses depósitos de lixo a céu aberto em atividade atualmente (LISBOA, 2020).

Quando discutíamos esses aspectos processuais, dizia-lhes que o que havíamos feito na oficina era justamente acompanhar os movimentos do algodão e as transformações pelas quais ele passa. Na oficina presencial, em particular, fomos um pouco além, pois contei brevemente a minha trajetória com um tema de interesse, mostrando como essa pesquisa também tinha um enfoque processual. Somente no tempo em que participei do projeto de pesquisa de iniciação científica, durante a graduação, as questões de pesquisa e as oficinas realizadas se alteraram diversas vezes. Mostrei como essa trajetória de pesquisa estava relacionada com o mestrado que estava desenvolvendo.

Conversando sobre essas transformações que passamos em uma pesquisa, já nos momentos finais da oficina presencial, uma participante disse: “*Na verdade, eu fiquei pensando nas mudanças psicológicas que a gente passa, que são as mais difíceis. Como é que a gente lida com as transformações? Esse processo é que é difícil!*” Depois dessa fala, fiquei sem saber o que dizer, mas isso reverberou em mim. Pensei na dificuldade em acolher as transformações que passamos no decurso da vida, em conseguir acolher o que nos acontece. No fim das contas, os processos de transformação continuam e os encontros que fazemos com pessoas, questões e materiais irão sempre produzir variações em nós e na pesquisa.

Cada oficina é única: pensando os materiais

A junção de materiais, estratégias e questões no encontro com as pessoas produz situações pouco previsíveis. Temos questões mais fortes em determinadas oficinas, dedicamos mais tempo para discutir alguns aspectos e mobilizamos materiais que podem ou não funcionar, dependendo da circunstância. A insistência em utilizar o chumaço de algodão, o barbante e o tecido, revelou variações desse funcionamento em cada encontro. Uma oficina online ou presencial, a dependência ou não dos Correios®, foram aspectos importantes para compreender essas variações.

O encontro online com os estudantes de Pedagogia foi a primeira ocasião em que realizava a nova versão da oficina. Ali entendi a dificuldade em mobilizar esses materiais. Cartas via Correios® não podiam comportar nenhum material que não fosse exclusivamente papel, o que não impediu o envio de um pequeno pedaço de tecido no interior da carta.

Naquela ocasião, atravessamentos de ordem institucional, pessoal e tecnológica não permitiram que o tecido ocupasse um lugar na oficina. A conexão falhava constantemente, a qualidade dos equipamentos era ruim e, mais do que isso, muitas pessoas estavam presentes porque se tratava de uma oficina realizada no âmbito de uma disciplina. Isso fez com que eu

passasse a lidar somente com aqueles que se inscreveram para receber as cartas. Mas uma parte das cartas sequer chegou aos seus destinatários...

Na oficina presencial, por sua vez, os materiais puderam ter um destaque significativo. Ao dizer que tudo começava com o chumaço de algodão, uma participante me faz lembrar que havíamos visitado juntos a fábrica Cremer® na mesma saída de campo, realizada em 2015²⁰. Essa empresa produz, além de outras coisas, algodão hidrófilo destinado a artigos de higiene pessoal, tal como o chumaço de algodão que segurávamos nas mãos.

Nessa situação presencial, muitos deles mantinham os pacotes com os materiais fechados. Mas, à medida que conversávamos, solicitava que abrissem os pacotes e segurassem os materiais, como o tecido e o barbante. Pedi para tentarem esticar o tecido que receberam e, assim, vimos que o pedaço de tecido era um tecido plano, caracterizado pela pouca flexibilidade. Nesse momento, alguém perguntou: “Willian, tu sabes o que é a sarja?” Havia pesquisado sobre isso antes de fazer a primeira oficina, ainda em 2021, e respondi com o pouco de que me recordava: “Eu sei que é uma característica da estrutura do tecido plano e que o jeans tem alguma ligação com esse termo. É só o que lembro.” Mas comparar a sarja com o jeans causou vários comentários: “O jeans é um tecido tingido de azul índigo”, disse uma colega; “Jeans é feito do tecido denim, não de sarja.” E, assim, movimentamos a pergunta colocada pelo colega.

Apesar de explorarmos todos os materiais na oficina presencial, as roupas ainda obtiveram o maior destaque. A solicitação de mostrar a roupa recebida para os demais participantes provocou comentários de diversos tipos, desde risadas, quando viam o tamanho das roupas infantis, até questionamentos sobre a origem da marca. Perguntavam também sobre a presença de certas informações na etiqueta, sobre a existência ou não de lojas na cidade, além de emitirem opiniões sobre a qualidade do tecido utilizado.

Na oficina com os estudantes do grupo de pesquisa da UFES, o destaque maior também ficou com as roupas. Como se tratava de uma oficina online, enviei cartas com materiais suficientemente pequenos para não serem sentidos ao toque das mãos nos Correios®. Porém, um participante disse não ter recebido nada além do manual de instruções. Outro, por sua vez, ao abrir a carta subindo as escadas, deixou-os cair. Não fosse o manual advertir qual era o

²⁰ Essa saída de campo aconteceu nos dias 5 e 6 de novembro de 2015, no âmbito das disciplinas de Tópicos em Geografia Econômica e de Geografia Regional I, do curso de Geografia Bacharelado. Em diversos momentos desta oficina, lembrávamos das empresas que havíamos visitado, tais como a Hering® e a Cremer®, acionando um saber que produzimos juntos.

conteúdo da carta, ele não suspeitaria que se tratasse de alguma coisa importante ao trabalho. E, como não poderia deixar de acontecer, uma carta não chegou ao destinatário...

Essas variações na utilização desses materiais revelam potencialidades e limitações em seus usos. Talvez seja importante pensar que esses materiais constituem um leque de possibilidades para as oficinas, pois no grupo presencial todos eles foram chamados a participar, já nos encontros remotos, não. Na realidade, esses materiais participam das oficinas a depender das variações do meio, meio que é atravessado por diversas ondas: a tecnologia, os Correios®, e as obrigações institucionais. Nesse sentido, nenhuma oficina é replicável, cada qual produz situações diferentes, questionamentos novos, para os quais, às vezes, não temos respostas.

Quando tomar para si uma pergunta?

Perguntas novas surgiram com as novas oficinas. É natural que isso tenha ocorrido. Mas para algumas delas eu não tinha resposta, tais como: “*Quais são as empresas que dominam o mercado de agrotóxicos no Brasil?*”; “*A produção de algodão é feita já vinculada a um cliente específico, seja ele nacional ou internacional?*”; “*O que é a sarja?*”.

A oficina com os estudantes de Pedagogia, especificamente, foi uma ocasião em que pude pensar sobre as perguntas para as quais não tinha resposta. Assumi diante de todos, e em tom de voz assertivo, que não sabia quais as empresas que mais vendiam agrotóxicos no Brasil e nem se a produção de algodão já era vinculada a algum cliente – perguntas que foram feitas nessa oficina. Porém, considerava essas questões importantes. Isso me deixou tranquilo para lidar com a situação, abrindo, inclusive, a possibilidade de dizer a eles algo próprio desse tipo de pesquisa. Disse-lhes que, em uma oficina que pretende abordar as trajetórias do algodão até se tornar uma roupa, muitas coisas estão envolvidas: agricultura, produção e consumo de agrotóxicos, comércio internacional de algodão, localização espacial das indústrias têxteis, terceirização, e os impactos da globalização econômica nas cadeias de produção.

Cada um desses tópicos que elenquei encaixa-se em áreas do saber que já são definidas, que possuem suas fronteiras. Nesse momento da oficina, pude formular uma frase que já vinha pensando há algum tempo e que discutia com algumas pessoas. Disse-lhes que a oficina não precisa se ater a nenhuma delas [áreas do saber] em específico, pois é a sua questão que define o território a ser pesquisado. Compreendendo a vastidão de coisas envolvidas nessas trajetórias, não é possível tomar para si todas as perguntas que são feitas nesses encontros.

Essa situação reverberou tempos depois do término dessa oficina. Ao invés de responder justificando minha suposta falta de conhecimento, como uma espécie de *mea-culpa*, assumir o

meu não saber diante de todos produziu outro efeito. A reflexão, nesse caso, tem como foco pensar se as perguntas feitas podem compor com o meu trabalho, enriquecendo-o com novos elementos. Trata-se de pensar se e como a pergunta do outro pode me auxiliar, pois é o pesquisador que decide quais questões vão passar a compor com a pesquisa. Foi isso que ocorreu durante todo o período estabelecido para o mestrado, durante os encontros proporcionados pelas oficinas e pela leitura desse trabalho, além do encontro que fazia a partir das buscas empreendidas na internet.

As reportagens, os artigos e as teses que levantei na internet também derivaram de uma espécie de encontro. Precisava me perguntar, a cada ocasião, se esses trabalhos poderiam fazer parte de minha pesquisa e, caso sim, de que maneira? Pode ser perigoso navegar pela internet. Perigoso no sentido de que nos perdemos facilmente e acabamos por achar que está sempre faltando alguma coisa. Não se trata de estar perdido deliberadamente, mas de perder o sentido pelo qual pesquisamos sobre alguma coisa que nos interessa.

Antes mesmo de elaborar as oficinas, quando me dispus a pesquisar onde aquelas roupas foram fabricadas, detive-me várias horas procurando em portais de periódicos, em artigos e livros, informações sobre os locais de produção de uma determinada empresa. E isso se repetia para cada peça de roupa. Em cada texto encontrado, uma nova pista que levava a outra pesquisa e, de tempos em tempos, precisava rever os critérios que tinha estabelecido para pesquisar. No final de muitas pesquisas, descobri sites possíveis que forneciam algumas informações sobre o funcionamento das empresas tal como o Cadastro Ativo de CNPJ da Receita Federal.

Contudo, quando encontrava alguma informação sobre o processo produtivo era algo parcial. Acerca da camiseta da marca TNG®, uma das primeiras camisetas que pesquisei, no site da Receita Federal constava que uma das atividades desenvolvidas naquele estabelecimento industrial era a confecção de artigos de vestuário e, também, a comercialização desses artigos. Porém, segundo a etiqueta, a roupa de que dispunha fora fabricada no Peru. Ora, era preciso, então, pesquisar sobre a rede global de fornecedores da TNG®, pois o que o site me mostrava era um dado parcial.

Para chegar à conclusão de que aquele estabelecimento industrial tinha apenas importado a peça de roupa do Peru, foi preciso parar e pensar. Compor com as informações disponíveis e indisponíveis, pois a pesquisa seguinte pelos fornecedores da empresa não forneceu nenhum resultado. Tinha, como sempre, uma informação faltante. Teria que empreender uma outra pesquisa com a empresa, formular uma justificativa, um outro objetivo, e solicitar os dados à própria empresa para, então, poder dizer de onde aquela roupa veio.

O pesquisador, neste caso, precisa estar atento para o que realmente lhe interessa na pesquisa. A informação que encontra não é apenas um conjunto de bits que forma um texto na tela de um computador. Ela é incorporada por aquele que lê do mesmo modo que os alimentos ao serem ingeridos. Precisamos digeri-lo para poder extrair dele os nutrientes necessários para o funcionamento da pesquisa, o mesmo se passa com as questões que nos chegam nas oficinas.

Quando movemos o pensamento, passamos a ter novas inquietações, novas questões. Mas é preciso pensar até onde podemos ir na busca pela informação, sobretudo na internet, quando as abas do navegador se multiplicam em poucos segundos, deixando-nos confusos, agitados. Essa busca é uma tarefa infinita, pois sempre haverá uma informação que falta. Estar atento ao que nos *interessa* é critério que nos orienta a selecionar tanto as perguntas quanto as informações que comporão com a pesquisa.

O que é preciso para haver interesse?

Propor uma oficina que compõe com um meio variável, essa espécie de mar agitado, requer outro tipo de mobilização dos participantes: uma mobilização interessada. Um estudar com vontade. É preciso fazer algo para mover o barco em um mar agitado, como, por exemplo, ajustá-lo à inclinação das ondas, remar em certos momentos e em outros não. Não são as expectativas do oficineiro que balizam o movimento dos participantes. No caso da oficina *Nas tramas da globalização*, se ninguém tivesse pesquisado com as etiquetas das roupas, possivelmente nosso barquinho não conseguiria navegar. Sequer nos moveríamos.

Nosso pequeno barco-oficina movimentou-se a partir das flutuações ou variações dessa espécie de mar. Nas primeiras oficinas, nos demos conta de que sabíamos pouco sobre o processo de fabricação daquelas roupas, mesmo tendo pesquisado no cadastro da Receita Federal, nos bancos de dados e, eventualmente, telefonando para a empresa que constava na etiqueta. Até mesmo nesse caso, quando uma participante entrou em contato com uma empresa, acabamos descobrindo apenas algo parcial acerca da fabricação daquela roupa.

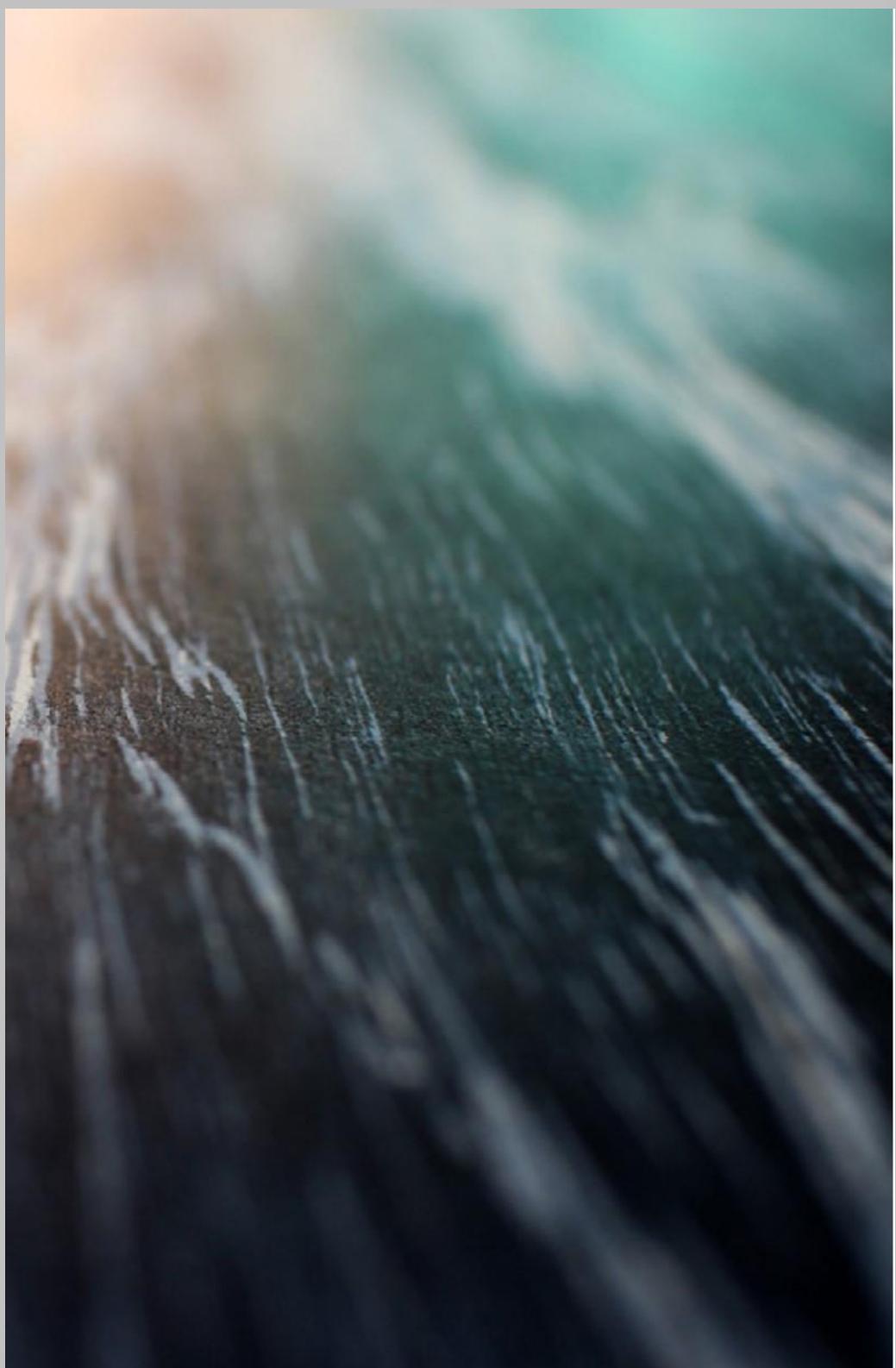
Em algum momento, um fio da rede que conecta produtores de algodão, indústrias de beneficiamento, indústrias de fiação, tecelagem e confecção se rompe e não conseguimos reestabelecer toda a cadeia de produção. Permanecemos sem saber dos processos. E aí nos perguntamos: interessa saber de onde as coisas vêm e em quais condições foram feitas, ou nos importamos somente em ter à disposição objetos prontos, de baixo custo? Pensar no processo é trabalhoso, requer tempo e pode nos colocar frente a frente com situações inesperadas e completamente novas, difíceis por vezes. Assim como as coisas simplesmente não desaparecem

após terem sido jogadas na lixeira, como vimos no texto *Ecologia de rebanho*, não se confeccionam roupas por toque de mágica. Pessoas estão implicadas, recursos naturais também. É nesse sentido que uma oficina enfatiza os processos (as coisas) ao invés de objetos.

No âmbito de uma oficina, desvincular a presença da obrigatoriedade e não estimular a participação como moeda de troca para a obtenção de nota é que torna possível manifestações mais espontâneas e interessadas. Porém, são diversos os graus de interesse numa questão. Mas manifestar-se somente pela obrigação de ter que fazê-lo, seja por comentários e perguntas de todos os tipos, não revela o interesse das pessoas. E se alguém não estiver interessado, seria preciso simular um interesse?

O que move cada um de nós na direção de uma questão ou tema de estudo é muito variado e está conectado com nossa própria vida. Alguns se interessaram pela oficina porque já estavam aprendendo a costurar, e falar de roupas pode ser mais um elemento desse mundo. Para outros, o tema da globalização era o mais interessante. Outros, ainda, interessaram-se pela imagem das redes, das linhas e dos emaranhados formados pelos fluxos de capital, informação e mercadoria no mundo contemporâneo.

Conectar-se com a própria vida e com a vida das coisas é fundamental para que possa haver interesse. Tim Ingold (2012, 2015) diz que a vida das coisas consiste justamente no movimento, nas circulações e no aspecto relacional da coisa com o entorno. Para o autor, “se mover, conhecer e descrever não são operações separadas que se seguem umas às outras em série, mas facetas paralelas do mesmo processo – aquele da vida mesma” (INGOLD, 2015, p. 13). Portanto, é ao estarmos imersos na vida, e não separados dela, que podemos pesquisar e participar de uma oficina por interesse.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a graduação em geografia, também me envolvi com outros tipos de pesquisas, além de minha participação no projeto *O que pode a cartografia e a geografia? Investigações e invenções em educação*. Talvez por ter cursado o bacharelado, a maioria das pesquisas que vi partiam de pressupostos muito distintos do tipo de pesquisa que desenvolvi neste mestrado em educação. Mesmo tendo elegido um tema de interesse – a globalização, e tendo realizado oficinas com diversos grupos, havia um embate interno em mim que não estava resolvido. Precisava olhar para as questões que os outros tipos de pesquisa me colocavam. Precisava estudar isso.

Apesar das experimentações com o tema globalização, a imagem do pesquisador como alguém que obrigatoriamente mantém distância daquilo que pretende estudar foi a que ficou mais forte. Pensava, de certa forma, que a linguagem dita científica era aquela em que se usava a terceira pessoa. Acreditava que existiam os dados puros, obtidos tecnicamente, e os dados resultantes da manipulação e, portanto, não confiáveis.

Aliadas a essa imagem (ou Ideia) de pesquisa estavam outras associadas: para estudar eram necessários longos períodos de silêncio, pois só assim se atingiria a concentração e que, talvez, a vida monástica fosse aquela adequada para um pesquisador, mesmo no século XXI. Acreditava que a relação entre quantidade de leitura e capacidade de escrita era direta, de modo que só quem leu muito teria condições de escrever algo, de poder dizer alguma coisa. A pesquisa, então, dizia respeito somente a um protocolo a ser seguido, algo estritamente técnico.

Como consequência desse pensamento, o corpo era considerado um adversário do estudo, era preciso abafar suas manifestações de descontentamento, de desejo de se movimentar. Em outras palavras, precisava criar meios estritamente controláveis para estudar, ler e escrever. A cada ocasião em que não conseguia escrever, retornava à velha fórmula de estancar ainda mais os fluxos e os movimentos do corpo. O problema, assim acreditava, estava somente em mim.

Porém, diante da falência desse modo de compreender o ofício de pesquisador, pude desfazer essas imagens. No auge da pandemia de Covid-19, esgotado mentalmente e sem conseguir ler uma linha e escrever uma frase, pensei em acolher os transbordamentos de fluxos interrompidos. Ao invés de tentar estancar os movimentos, decidi fazer pesquisa estando imerso na vida, procurando acompanhá-los em seus processos de transformação, de variação.

Nesta dissertação, pude olhar com atenção para processos de diversas ordens. Primeiramente, a globalização como tema de interesse produziu variações ao longo dos anos de

iniciação científica, as questões se transformaram e, de certa forma, esse tema chegou ao mestrado. E chegou por meio de uma imagem, uma imagem das linhas que se formam e se entrelaçam pelas trajetórias que as coisas e os humanos produzem pelo mundo. No tempo-espacço da globalização, esses entrelaçamentos são mais complexos e difíceis de acompanhar. No processo de produção de uma roupa, os materiais viajam espacialmente e em cadeias industriais quase impossíveis de apreender.

Quando abandonei as tentativas de descobrir de onde cada peça de roupa vinha exatamente, passei a pensar os percursos de maneira mais ampla. O algodão é uma planta e, nesse sentido, queria saber quais as condições em que esse cultivo é feito e quais os principais países envolvidos. Depois, nesse percurso de se tornar uma roupa, entramos na etapa industrial, e diversas fábricas e pessoas em vários locais do globo são mobilizadas, geralmente em territórios nos quais os custos de produção são os mais baixos. E eis que temos uma camiseta de algodão pronta para nos vestir. Mas e depois de usarmos? Os processos de transformação acabam?

Os materiais estão sempre em movimento, pois são coisas. Os processos não têm começo e nem fim, são puro movimento. Nós é que os delimitamos. Mas, além de olhar para essas transformações pelas quais o algodão passa, acompanhei também as mudanças nas questões das oficinas. Mudanças que ocorreram em razão dos encontros com pessoas, textos e ideias. E esse acompanhamento só pôde ocorrer pois estava imerso num certo meio de pesquisa e pela compreensão de que a escrita também é processual. Até chegar neste volume, na dissertação propriamente dita, os textos fazem um percurso: desde as falas das pessoas e minhas percepções, passando pela escrita à mão feita nos cadernos de campo e a posterior digitação desses textos e sua reelaboração.

Desse modo, abandonando as tentativas de estancar os movimentos e as circulações, pude me acompanhar no processo de tornar-se um pesquisador. Movido pelo interesse, pratiquei uma pesquisa que compõe com as variações do meio. Contudo, para compor precisamos nos mover, fazer oficinas, ler e escrever, e tantas outras coisas mais, pois não se trata de se conformar com tudo o que nos acontece. Assim, fazer pesquisa requer um trabalho rotineiro e contínuo, nem mais nem menos importante do que assistir filmes, ler romances, ver pessoas etc. Requer lidar com o desconhecido nas coisas e em nós, com um desejo por se aventurar num percurso em que não se sabe de antemão onde se vai chegar. E aonde se chega não é onde o pesquisar termina.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES DE ALGODÃO - ABRAPA. **Algodão no Brasil.** 2022. Disponível em:

<https://www.abrapa.com.br/Paginas/Dados/Algod%C3%A3o%20no%20Brasil.aspx>. Acesso em: 6 jul. 2022.

BOMBARDI, L. M. Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia. São Paulo: FFLCH – USP, 2017. E-book. Disponível em:
<https://conexaoagua.mpf.mp.br/arquivos/agrotoxicos/05-larissa-bombardi-atlas-agrotoxico-2017.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BRASIL. Decreto nº 7.212, de 15 de junho de 2010. Regulamenta a cobrança, fiscalização, arrecadação e administração do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7212.htm. Acesso em: 6 mar. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia-INMETRO. Portaria nº 118, de 11 de março de 2021. Aprova o Regulamento Técnico Mercosul sobre Etiquetagem de Produtos Têxteis – Consolidado. Brasília, DF: INMETRO, 2021a. Disponível em:
<http://sistema-sil.inmetro.gov.br/rtac/RTAC002713.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia-INMETRO. Portaria nº 297, de 8 de julho de 2021. Aprova o Procedimento de Fiscalização e Coleta de Amostras de Produtos Têxteis para a Avaliação da Fidedignidade das Informações, de acordo com o Regulamento Técnico Mercosul sobre Etiquetagem de Produtos Têxteis, aprovado pela Portaria nº 118, de 11 de março de 2021. Brasília – DF: INMETRO, 2021b. Disponível em:
<http://sistema-sil.inmetro.gov.br/rtac/RTAC002812.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2022.

BRASIL. Lei nº. 8.078, de 11 de setembro de 1990. Código de Defesa do Consumidor. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8078.htm. Acesso em: 11 abr. 2022.

CASTRO, C. Sociologia e a arte da manutenção de motocicletas. In: MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 7 – 19.

CEARÁ, L.; BUONO, R. De cada 100 toneladas de lixo têxtil produzidas por ano no brasil, apenas 20 são recicladas. **Revista Piauí**, São Paulo, 28 dez. 2021. Disponível em:
<https://piaui.folha.uol.com.br/de-cada-100-toneladas-de-lixo-textil-produzidas-por-ano-no-brasil-apenas-20-sao-recicladas-enquanto-80-sao-descartadas-indevidamente/>. Acesso em: 29 mar. 2022.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

COÊLHO, J. D. Algodão: produção e mercados. **Caderno Setorial ETENE**, Fortaleza, ano 6, n. 166, p. 1 -11, maio 2021. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/handle/123456789/808>. Acesso: 10 jun. 2022.

COLLI, J. **A trama da terceirização:** um estudo do trabalho no ramo da tecelagem. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. **Custos de produção:** algodão. 2022. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras/itemlist/category/898-algodao>. Acesso em: 06 jul. 2022.

CORRÊA, G. C. Oficina: apontando territórios possíveis em Educação. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

CORRÊA, G. C. Oficina: novos territórios em Educação. In: PEY, M. O. **Pedagogia Libertária:** experiências hoje. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000. p. 77 – 162.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

ELVEN, M. van. Trabalhadores da indústria têxtil de Bangladesh protestam por maiores salários. **Fashion United**, Amsterdam, 9 jan. 2019. Disponível em: <https://fashionunited.com.br/news/fashion/trabalhadores-da-industria-textil-de-bangladesh-protestam-por-maiores-salarios-1547042159/2019010986145>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ENCONTROS no fim do mundo. Direção de Werner Herzog. EUA: Discovery Films, 2007. DVD (99 min), son., color.

ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar. Direção de Marcelo Gomes. Produção: REC Produtores Associados. Plataforma Netflix. 2019. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/81180842>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FUZATTO, M. G. et al. Algodão: *Gossypium hirsutum L.* **Boletim IAC:** instruções agrícolas para as principais culturas econômicas, Campinas, n. 200, p. 11-14, 2014. Disponível em: <http://www.iac.sp.gov.br/publicacoes/arquivos/iacboletim200.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

GIASSI, M. G. **Meio ambiente e saúde:** a convivência com o carvão. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

GRIGORI, P. Brasil continua a vender agrotóxico banido nos EUA e que pode diminuir QI de crianças. **Repórter Brasil**, São Paulo, 19 out. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/10/brasil-continua-a-vender-agrotoxico-banido-nos-eua-e-que-pode-diminuir-qd-de-criancas/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário de 2017:** resultados definitivos. In: IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6957>. Acesso em: 05 jul. 2022.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?format=pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Trad. Fábio Créder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KLINK, A. **Cem dias entre céu e mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LATOUR, B. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

LINS, D. Deleuze: o surfista da imanência. In: LINS, D.; GIL, J. (orgs). **Nietzsche/ Deleuze**: jogo e música. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 53 – 75.

LISBOA, V. Cai número de municípios que enviam resíduos a lixões, diz associação. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 14 dez. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-12/cai-numero-de-municipios-que-enviam-residuos-lixoes-diz-associacao>. Acesso em: 26 jan. 2022.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L.; MENDONÇA, C. **Território e Sociedade no Mundo Globalizado**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. v. 2.

LUXURY: behind the mirror of high-end fashion. Direção de Zoe de Bussierre. França: Premieres Lignes, 2018. 55 min. Disponível em: <https://www.filmsforaction.org/watch/luxury-behind-the-mirror-of-highend-fashion/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

MALTA, C. Na busca pela sustentabilidade, Renner fica mais produtiva. **Valor Econômico**. São Paulo - SP, 08 out. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2019/10/08/na-busca-pela-sustentabilidade-renner-fica-mais-produtiva.ghtml>. Acesso em: 19 out. 2021.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert.

MILLS, C. W. Sobre o artesanato intelectual. In: MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Sel. e Intr. Celso Castro. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 21 – 58.

NOTEBOOK on cities and clothes. Direção de Wim Wenders. França, Alemanha Ocidental: Axiom Films, 1989. (78 min.), son., color. Legendado.

O PAÍS que virou 'lixão' de roupas de má qualidade dos países ricos. Produção: BBC News Brasil. São Paulo: BBC News Brasil, 14 out. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/media-58911546> Acesso em: 19 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL – UNIDO. **Industrial Statistics Database:** INDSTAT 2 2022, ISIC Revision 3. Disponível em:
<https://stat.unido.org/database/INDSTAT%202%202022,%20ISIC%20Revision%203>. Acesso em: 6 jul. 2022.

PASSOS, S. M. de G. **Algodão**. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1977.

PAÚL, F. 'Lixo do mundo': o gigantesco cemitério de roupa usada no deserto do Atacama. **BBC News Brasil**, São Paulo, 27 jan. 2022. Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60144656>. Acesso em: 10 mar. 2022.

PIGNATTI, W. A.; LIMA, F. A. de S.; LARA, S. S. de; CORREA, M. M.; BARBOSA, J. R.; LEÃO, L. H.; PIGNATTI, M. G. Distribuição espacial do uso de agrotóxicos no Brasil: uma ferramenta para a Vigilância em Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 10, p. 3281 – 3293, out. 2017. DOI: 10.1590/1413-812320172210.17742017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/grrnnBRDjmtcBhm6CLprQvN/?lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PREVE, A. M. H. **Sexualidade, quem precisa disso?** A trajetória de uma oficina. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

PREVE, A. M. H.; CORRÊA, G. C. Ecologia de Rebanho. In: PREVE, A. M. H.; CORRÊA, G. C. **Ambientes da Ecologia**: perspectivas em política e educação. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2007. p. 203-218.

PREVE, W. S.; PREVE, A. M. H. Imagens da Globalização em livros didáticos de Geografia: imagens que podem mais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 14, p. 185-199, jul-dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v7i14.428>. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/428>. Acesso em: 25 out. 2021.

PREVE, W. S. **Globalização e suas imaginações geográficas**: uma análise de imagens de livros didáticos em contextos diferenciados. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

PREVE, W. S.; PREVE, A. M. H. "Uma rede jogada no mar": experiências com imagens da globalização. **Geograficidade**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 32-44, verão 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.101.a13174>. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13174>. Acesso em: 17 nov. 2021.

RAULINO, I. Crise e reestruturação produtiva na grande empresa têxtil do médio vale do Itajaí. In: MAMIGONIAN, A. et al. **Santa Catarina**: estudos de geografia econômica e social. Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011. p. 187-248.

RIBEIRO, D. S.; PREVE, A. M. H. Oficinas começam à maneira das ruderais. **Revista Linha Mestra**, Campinas, n. 34, p. 35 – 46, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.34112/1980->

9026a2018n34p35-46. Disponível em: <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/6>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SARTORI, A. **O desejo de saber**: a arte de aprender/ensinar fazendo. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

STENGERS, I. ‘Outra ciência é possível!’ Um apelo à *Slow Science*. **Cadernos do Ateliê**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, fascículo 1, p. 1 – 36, 2019. Disponível em: <https://ateliedehumanidades.com/2019/06/06/cadernos-do-atelie-outra-ciencia-e-possivel-uma-apelo-a-slow-science-por-isabelle-stengers/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

THE TRUE Cost. Direção de Andrew Morgan. EUA: Untold Creative, 2015. 92 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0wB2SS1GC3M>. Acesso em: 10 fev. 2022.